Universidade
Federal
Fluminense
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

LITERATURA COMPARADA

ROGÉRIO MATHIAS RIBEIRO

FERNANDO PESSOA: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E OCULTISMO

Tese de Doutorado
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Instituto de Letras
Niterói, Setembro de 2016

ROGÉRIO MATHIAS RIBEIRO

FERNANDO PESSOA: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E OCULTISMO

Tese apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras (Área de Concentração: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa) Orientadora: Prof ª Dr ª Maria Lucia Wiltshire de Oliveira

UFF / Instituto de Letras
Niterói, Setembro de 2016

ROGÉRIO MATHIAS RIBEIRO

FERNANDO PESSOA: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E OCULTISMO

Tese apresentada à Coordenação de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras (Área de Concentração: Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa)

BANCA

Prof ª. Dr ª.Maria Lucia Wiltshire de Oliveira – Orientadora
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Mário Bruno
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof. Dr. Luís Claudio de Sant´Anna Maffei
Universidade Federal Fluminense – UFF

Prof. Dr. Mario César Lugarinho
. Universidade de São Paulo – USP

Prof. Dr. Jorge Fernandes da Silveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Prof. Dr. Sérgio Nazar David - Suplente
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Prof ª. Dr ª. Ida Maria Santos Ferreira Alves – Suplente
Universidade Federal Fluminense – UFF

Niterói, Rio de Janeiro
Setembro de 2016

Aos

meus pais, Francisco A.M. Ribeiro (in memoriam) e Lúcia M. Ribeiro, pelo carinho, dedicação e amor que me dispensaram em todos os momentos da vida.

Agradecimentos

Agradeço à Profª Maria Lucia Wiltshire de Oliveira pelas sugestões, ensinamentos, estímulo e apoio decisivo.

Agradeço também à Profª Yvette Kace Centeno pelo material fornecido, pela atenção dispensada, esclarecimentos e carinho.

Agradeço ao Professor José Carlos Barcellos (*in memoriam)*, por toda ajuda que me ofereceu como professor, orientador e amigo; sua presença está marcada neste trabalho e jamais será esquecida.

Agradeço à minha mulher Janice Bartholomeu Fialho pelo apoio e companheirismo ao longo da jornada.

“A morte é a curva da estrada
Morrer é só não ser visto
Se escuto, eu te oiço a passada
Existir como eu existo.”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Análise crítica da produção poética de Fernando Pessoa a partir de seu interesse pelos temas esotéricos e do Ocultismo. Discussão da influência desses domínios no âmbito de sua poesia, considerando uma "filosofia ocultista”. Compreensão da estreita relação entre poesia e alquimia no âmbito da poética. Aproximações da poesia ocultista com o pensamento crítico de escritores e pensadores do final do século XX e contemporaneidade. Análise do projeto poético pessoano enquanto caminho alquímico para obtenção da mais alta poesia e a relação dele com os elementos iniciáticos, esotéricos. Reflexão sobre papel da poesia como ponte para o transcendente. Missão da poesia dentro do contexto estudado.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; poesia portuguesa moderna; ocultismo, crítica de poesia; cultura portuguesa.

RESUMEN

Un análisis crítico de la producción poética de Fernando Pessoa su interés en temas esotéricos y el ocultismo. Una discusión de la influencia de estas áreas dentro de su poesía, considerando a "filosofía oculta." La comprensión de la estrecha relación entre la poesía y la alquimia en el ambiente de la poesía. Aproximaciones de la poesía oculta con escritores de pensamiento crítico, pensadores de finales del siglo XX y contemporáneo . Análisis del proyecto poético Pessoano como una forma alquímica para obtener la más alta poesía y su relación con los elementos de iniciación esotérica. reflexión sobre el papel de la poesía como un puente para la Misión de la poesía trascendente. dentro del contexto estudiado.

Palabras-clave: Fernando Pessoa, poesía moderna portuguesa, ocultismo, poesía, crítica de poesía, cultura portuguesa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 11

1. OCULTISMO:

1.1 Porta de entrada: passagem pelo espiritismo..... 18

1.2 Astrologia: guia para vida e obra..... 22

1.3 Magia e Hermetismo, um caminho possível..... 28

1.3.1 Hermetismo..... 28

1.3.2 Magia..... 30

1.4 Ordens iniciáticas: A subida da montanha.....33

1.4.1 Maçonaria.....33

1.4.2 Rosa Cruz.....39

1.4.3 Templários.....44

1.5 Teosofia e a possibilidade da “verdade real”.....48

1.6 Entrando no laboratório da Alquimia.....52

2. O FAZER POÉTICO ENTRE O VAZIO E O SENTIDO.....61

2.1. O estilhaçamento do autor.....63

2.2. O Senhor das máscaras.....69

2.3 No exterior o lugar da alma.....77

2.4 Plenitude impossível.....83

3. O VERBO ERA QUEM DEUS ERA PRIMEIRO.....92

3.1. *Primeiro Fausto* e a epifania irrealizável.....93

3.2. A Noite negra da alma 105

3.3. Arte como caminho para o infinito.....114

3.4. Missão da poesia.....122

4. CONCLUSÃO.....129

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....132

5.1. Fontes Primárias.....132

5.1.1.De Fernando Pessoa.....132

5.1.1. Fontes teórico – críticas.....133

5.2.1. Sobre Fernando Pessoa.....133

5.2.2. Sobre outros temas.....135

6. ANEXO 138

1. APRESENTAÇÃO

O astrônomo Carl Sagan costumava dizer que vivemos em um pálido ponto azul chamado planeta Terra, de tamanho insignificante dentro da galáxia que o abriga, galáxia que, por sua vez, representa no universo menos do que representaria um grão de areia nesse mesmo planeta Terra. Vivemos por algumas dezenas de anos nesse pálido ponto azul, que tem uma idade estimada em pelo menos quatro bilhões de anos. Aceitando nossa total insignificância relativa, somos ao mesmo tempo todo o Universo, pois o Universo é para nós a percepção que temos dele; "És importante pra ti, porque é a ti que te sentes. És tudo pra ti, porque pra ti és o Universo, e o próprio Universo e os outros satélites da tua subjetividade objetiva (...)", disse Pessoa (1993, p. 22).

Pensamos que a grande questão do ser humano é como lidar com uma perspectiva assim, sabemos que começamos e sabemos que vamos acabar, sabemos que conosco acabará também o nosso Universo pessoal e intransferível. Comumente, é preciso um método para que possamos administrar a breve vida que temos, carregando essa certeza antes do inexorável mergulho na escuridão. Não pensar no assunto pode ser uma solução mais prática, "permanecer em desespero quieto é o modo inglês" canta a banda Pink Floyd na música Time; há outros meios, há a Arte, a Religião, a Literatura, há a dedicação a uma causa qualquer, há naturalmente inúmeras maneiras de "compreender" a situação.

Nossa leitura de Fernando Pessoa sugere o poeta português como um "buscador" – utilizando aqui uma expressão usada no esoterismo – e sua obra uma busca. Fernando Pessoa se envolveu com diversas correntes do esoterismo, estudou diversos aspectos do Ocultismo e o interesse por aquilo que poderia ser transcendente esteve presente em toda sua vida e obra. Seu desassossego possivelmente está diretamente relacionado com a questão da finitude da vida, do entendimento do nosso lugar no mundo, no próprio Universo, nos outros Universos. Talvez o Ocultismo em conjunto com a Arte possa ter preenchido lugares, lacunas na alma do poeta e, dessa forma, forjado o legado deixado por ele. Em vista disso procuraremos entender como se processa a vida e a obra de Fernando Pessoa como poeta ligado ao Ocultismo e o que podemos depreender de uma leitura que considere essa premissa.

Ao nos depararmos com o estudo do Ocultismo na obra de Fernando Pessoa alguns obstáculos surgem naturalmente. Como quase tudo que é relativo ao Universo pessoano, que

na verdade se mostra como um gigantesco labirinto, o desafio de abordar o tema é grande e merece alguns esclarecimentos.

Ao desenvolver uma pesquisa acadêmica séria sobre um assunto assim estaremos logo à frente de um grande dilema: até que ponto o pesquisador pode ou deve estar envolvido em alguma ou algumas das vertentes estudadas. Se for um iniciado pesquisando o tema, corre-se sempre o risco de que, de alguma forma, a pesquisa seja influenciada por convicções ou experiências personalíssimas que podem ser consideradas; é possível também que em nome de uma imparcialidade o estudioso procure ater-se a uma linha que não permita que elementos estudados sejam explorados da melhor maneira, mas, por outro lado, esses que possuem conhecimentos ocultistas muito desenvolvidos podem reconhecer e estabelecer conexões com muito mais facilidade do que aqueles que não têm o mesmo domínio sobre o assunto.

Considerando o inverso, aquele que não conhece profundamente os meandros do Ocultismo pode apresentar um viés mais livre de algumas influências analisando o Ocultismo presente na vida e obra de Pessoa com um conveniente distanciamento, em que pese o fato de possivelmente faltar a esse pesquisador um faro mais apurado para rastrear e decodificar os elementos simbólicos, mágicos e herméticos presentes. No caso desta pesquisa podemos dizer que, se fosse feita essa distinção que mencionamos de modo extremamente superficial, tenderíamos a fazer parte do segundo grupo.

Dessa forma, consideramos que nossa jornada começou como a de um mero aprendiz, que procura abordar o Ocultismo de uma forma mais conservadora como convêm àqueles que não possuem ainda grandes raízes nem profundas convicções acerca do assunto. Considerando isso, achamos necessário convidar o leitor a conhecer e entender conosco os passos de Pessoa pelos caminhos do oculto e, assim, contextualizar nosso estudo e nossas propostas de leitura que virão em seguida.

A partir do momento em que propomos desenvolver uma leitura da obra de Fernando Pessoa, que leva em conta e se atém ao viés ocultista, é preciso que entendamos o que exatamente estamos considerando nesse campo. Para essa tarefa se faz necessário conhecer os preceitos básicos de algumas filosofias esotéricas para que possamos fazer uma aproximação destas com a obra do poeta de maneira mais clara. Assim, buscaremos com uma introdução apresentar algumas dessas filosofias e suas relações com Pessoa para que posteriormente nosso trabalho possa ser apresentado já considerando pressupostos importantes para quem pretende ler a obra de Pessoa sob essa ótica.

Inicialmente e ainda nessa introdução procuraremos apresentar um apanhado com enfoque no momento histórico e nas raízes ou origens do interesse de Pessoa pelos assuntos ocultistas e em subcapítulos mais adiante iremos nos ater a cada assunto separadamente. Dessa forma, poderemos compreender melhor a trajetória do poeta por determinados assuntos e, assim, possibilitar ao leitor uma oportunidade de acompanhar nossa proposta de maneira mais compreensível.

Daremos início a esse segmento comentando as diferenças entre os termos que nos parecem fundamentais para o prosseguimento do capítulo, ou seja, procurando definir o que é Ocultismo, esoterismo e Teosofia.

O Ocultismo é o termo mais abrangente dos três, trata-se do estudo ou da prática de supostas artes divinatórias e de fenômenos que parecem não poder ser explicados pelas leis naturais, enfim, ao Ocultismo interessa tudo aquilo que está encoberto, que é desconhecido; o estudo da Astrologia, da Quiromancia, da Telepatia, da Magia, das Ciências Ocultas, do que é esotérico estão entre esses interesses. Nas Ciências Ocultas, em um sentido um pouco mais restrito, a palavra oculto refere-se a um "conhecimento não revelado" ou "conhecimento secreto", em oposição ao "conhecimento ortodoxo" ou que é associado à ciência convencional. Para as pessoas que seguem aprofundando seus estudos pessoais de filosofia ocultista, o conhecimento oculto é algo comum e compreensível em seus símbolos, significados e significantes. Esse mesmo conhecimento "não revelado" ou "oculto" pode ser assim designado por estar em desuso ou permanecer nas raízes das culturas antigas. Podemos observar que o "Ocultismo", mesmo entendido no aspecto mais abrangente da palavra, era objeto de estudo do poeta Fernando Pessoa a partir da própria Astrologia até as ordens secretas.

O esoterismo não apenas se refere a uma doutrina que defende que a verdade, seja ela filosófica, religiosa ou científica, deve ser reservada a um grupo restrito de iniciados, posição defendida diversas vezes por Pessoa, mas também designa um grupo de doutrinas, práticas e ensinamentos de teor espiritual e religioso que mobilizariam energias desconhecidas da ciência convencional e iniciariam o indivíduo no caminho da sabedoria, do autoconhecimento e da imortalidade. Vale lembrar também, por outro lado, que o termo *exotérico* trata do ensinamento dado ao público sem restrições e que é acessível às pessoas comuns.

A Teosofia refere-se ao conjunto de práticas de doutrinas religiosas e filosóficas que pretendem unir o homem às divindades mediante a evolução progressiva do espírito até a iluminação. Estudos feitos por Jacob Böhme e Louis Claude de Saint-Martin foram

classificados como teosóficos. É chamada também de Teosofia a doutrina espiritualista da mística Helena Petrova Blavatsky, traduzida por Pessoa em Portugal, e que seguia os preceitos básicos que colocamos sobre a palavra Teosofia no sentido lato. Ocultismo, esoterismo e Teosofia são termos que ganharam muito espaço em fins do século XVIII e no início de século XIX. Vamos a um breve histórico:

No final do século XVIII, preparava-se na Europa Central uma rebelião contra o domínio do racionalismo. Enquanto os iluministas concluíam a sua obra, destinada a certificar o triunfo da razão, formaram-se em sucessão rápida sociedades secretas de Teosofia, lojas maçônicas e círculos de caráter sectário, ávidos de conhecimentos sobrenaturais e combatentes dos protagonistas da razão.

No decorrer do século XIX, as correntes ocultistas passam a se formar e a avançar em seus estudos e em suas formas de organização, vários nichos do Ocultismo tornam-se objeto de interesse dos esotéricos e foram por eles estudados, sistematizados e desenvolvidos, ganhando contornos de "ciência espiritual". Conjurações de espíritos, curas milagrosas, experiências alquímicas e tentativas de comunicação com o mundo extrassensorial faziam parte das práticas. Enfastiados com as igrejas tradicionais, revoltaram-se contra a lucidez racional herdada do "Século das Luzes", mortífera para a alma, e procuravam por caminhos secretos um novo acesso à divindade, vindo do Ocultismo, notadamente na corrente teosófica (LIND, 1981, p. 258-259).

Na segunda metade do século XIX ocorrem mais avanços no desenvolvimento dessas ciências, até que o Ocultismo teve sua parte teórica sistematizada por Helena Petrovna Blavatsky, o que ficou conhecido como Teosofia. Além dela, também são importantes na definição do Ocultismo Eliphas Levi, S. L. MacGregor Mathers, William Wynn Westcott, Papus e Aleister Crowley, entre outros.

Os poetas acabaram envolvidos nesse surto das Ciências Ocultas. O encontro com ocultistas e seus escritos abriram-lhe os olhos para as estreitas relações entre poesia e Magia.

As tradições relacionadas com o Ocultismo são mantidas por diversas sociedades, ordens ou fraternidades secretas ou discretas, cuja admissão ocorre por meio de uma iniciação, que é um ritual de aceitação. Esse ritual tem como fundamento uma suposta nova vida que o iniciado deverá alcançar. Depois da iniciação, ele morre simbolicamente e renasce para a vida que passará a ter. Para que nossa exposição fique mais clara, vamos procurar desenvolver, trabalhando alguns aspectos separadamente, o caminho de Pessoa pelo Ocultismo. Nos anos da mocidade, Pessoa participara ocasionalmente, em casa de uma tia, de

sessões espíritas; certo interesse pelo Ocultismo manifesta-se já nos primeiros poemas ingleses, escritos sob o pseudônimo de Alexander Search. No ano de 1915 uma encomenda da Livraria Clássica de Lisboa o pôs em contato com os escritos dos teósofos. Pessoa foi encarregado da tradução para língua portuguesa dos livros de Annie Besant (1847-1933) que ocupava a presidência da Sociedade Teosófica. O encontro com a Teosofia despertou euforia no poeta. Pessoa comenta o despertar de energias psíquicas das quais ele até então não tinha tomado consciência e confidencia em cartas aos amigos seu entusiasmo pelo assunto.

Em uma carta a Ana Luísa Nogueira de Freitas, a tia espírita, datada de 24 de junho de 1916, Pessoa descreve as capacidades recém-adquiridas: "Aí por fins de março, comecei a ser médium. Imagine! Eu, que (como deve recordar-se) era um elemento atrasador das sessões semiespíritas que fazíamos, comecei, de repente, com a escrita automática" (SIMÕES, 1973). Pessoa ainda relata premonições, visões astrais e etéreas, dizia ver o magnetismo em suas mãos quando na escuridão. Durante as escritas automáticas, era comum uma preferência especial dos espíritos por desenhos, símbolos da Cabala e da Maçonaria. O poeta ainda revela à tia que sentira nitidamente o despertar das forças mais altas da alma e isso com uma finalidade, conhecida apenas do "Mestre Desconhecido" que lhe impusera essa existência superior. A carta à tia Anica traz outras curiosas revelações sobre essa faceta que o poeta passava a descobrir de maneira mais abrangente:

> (...) de vez em quando, às vezes obrigado, outras voluntariamente, escrevo, mas raras vezes são comunicações compreensíveis (...) estou desenvolvendo qualidades não só de médium escrevente, mas de médium vidente, começo a adquirir o que os ocultistas chamam de visão astral, também chamada de visão etherica, tudo isto está muito em princípio, mas não admite dúvidas, é tudo por enquanto muito imperfeito e em certos momentos só, mas esses momentos existem (...) há mais curiosidade do que susto, ainda que haja coisas que às vezes metem um certo respeito, como quando várias vezes olhando para o espelho a minha cara desaparece e surge a face de um homem de barba ou um outro qualquer, são quatro ao todo, assim me parece, já sei bastante das ciências ocultas para reconhecer que estão sendo em mim acordados os sentidos chamados superiores para um fim qualquer (...). *(*apud QUADROS, 1984, p. 201)

Segundo Pessoa, essa inclinação traria um sofrimento muito maior do que tinha até ali e um desgosto profundo acompanharia a aquisição dessas faculdades sobrenaturais. As experiências de médium ocuparam Pessoa apenas temporariamente. Os resultados da autocomunicação com o mundo dos espíritos, as psicografias, encontram-se em larga escala em seu espólio. A letra em que estão escritos desvia-se consideravelmente da escrita normal do poeta, sendo mais simplificada, como se proviesse de uma criança. Simples e, sem

importância na maioria dos casos, é também o conteúdo dessas mensagens. Em muitas dessas psicografias aparecem elementos da Ordem da Rosa-Cruz, das artes astrológicas e de estudos teosóficos, coincidentemente objetos de estudo do poeta. A partir daí, podemos começar a separar as supostas psicografias do restante da sua produção poética. Pessoa recebeu, portanto, das esferas sobrenaturais somente comunicações acerca de assuntos que ele já conhecia e estudava, como veremos adiante com mais clareza. O caminho das psicografias acaba terminando em decepção, pois os avisos do "Além" apenas podiam repetir reflexos do pensamento consciente do autor e, desse modo, essa tentativa de comunicação com os mundos superiores na obra (e principalmente na sua teoria poética) se mostra de difícil comprovação. Podemos considerar também que, na carta a Adolfo Casais Monteiro de que trataremos um pouco mais a frente isso fica mais claro, Pessoa coloca essas manifestações espíritas como fazendo parte de um dos caminhos para o oculto, todavia, seria o caminho mais perigoso e imperfeito.

O contato com a Teosofia, outra vertente que despertou o interesse do poeta no Ocultismo, apareceu em princípio com muita relevância. Uma carta dirigida a Mário de Sá-Carneiro e datada de 6/12/1915 testemunha o profundo abalo que o estudo das doutrinas teosóficas provocou em Pessoa:

> O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento superior extra-humano que resumam as obras teosóficas perturbaram-me muito. Cousa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre 'Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz'. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real, me hante. (apud SÁ-CARNEIRO, 2004, p. 330)

O estudo das teses teosóficas aparece paralelamente com a elaboração de uma doutrina poética neoclássica e, por isso, misturam-se ideias das duas áreas em odes de Ricardo Reis.

Acreditamos que o projeto poético de Pessoa esteve em contato com a Teosofia, no sentido lato, e inspirado em estudos do poeta sobre o assunto, assim como sua participação (ou leitura a respeito) em ordens iniciáticas.

Em seguida, apresentaremos resultados da nossa pesquisa referente aos laços que ligavam Pessoa às vertentes esotéricas.

É necessário lembrar que Fernando Pessoa dedicou boa parte de sua vida ao estudo do Ocultismo, aproximou-se do esoterismo estudando diversos aspectos do tema: Cabala, Hermetismo, Alquimia, Astrologia, Rosa-crucianismo, Maçonaria, Magia, Astrologia, Teosofia etc. Procuraremos mais adiante discorrer sobre algumas dessas vertentes, mesmo que

de maneira básica, para que possamos compreender como a caminhada de Fernando Pessoa pode ter acontecido dentro de sua busca e como isso reflete em sua poesia, como destaca Murillo Nunes de Azevedo no ensaio “Fernando Pessoa – O Teósofo” presente em A voz do Silêncio:

> A marca da impermanência está presente em tudo. Fernando Pessoa via as coisas no atemporal – no aqui e agora. Era um místico quando penetrava nos falsos valores com que os homens mascaram a realidade única. Era um Ocultista verdadeiro, pois sabia discernir o oculto por baixo das aparências. (BLAVATSKY, 1969, p. 13)

1.1 PORTA DE ENTRADA: PASSAGEM PELO ESPIRITISMO

"Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes e instruções do além
E as bruscas frases que aos meus lábios [vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido..."
(Fernando Pessoa)

O Espiritismo é uma doutrina sistematizada por Allan Kardec, pseudônimo do francês Hippolyte Léon Denizard, que procura explicar com uma abordagem pretensamente filosófica, científica e religiosa os fundamentos da vida, da morte e da alma humana. No final do século XIX a doutrina tornou-se muito popular e chamou a atenção de pessoas das mais diferentes formações e classes sociais. Esta doutrina chamou a atenção também de Pessoa, que, incentivado por sua tia, passou a se interessar por suas bases e experiências. De fato, entre os anos de 1912 e 1914, enquanto viveu na casa da tia, "tia Anica", o poeta mergulhou a fundo na pesquisa e na experimentação da "escrita automática", que seria, segundo o Espiritismo, oriunda de comunicações de entes desencarnados, havendo no espólio registro de centenas de escritos que são registros dessas experiências, que permanecem até 1917.

Muitos leitores de Pessoa ainda insistem que boa parte de sua obra foi composta por psicografias, por ditados dos espíritos e afins, e a questão dos heterônimos e das múltiplas personalidades seriam frutos de contatos de Fernando Pessoa com entes espirituais e viriam do além. António Quadros chega a afirmar:

> Ao contrário do que assegurou nos primeiros tempos a crítica, a poesia de Fernando Pessoa deriva muito menos de uma vida intelectual, erudita, cerebral, do que de uma vida espiritual – alimentada por insólitas e perturbantes experiências místicas como vimos, mas também mediúnicas, de relação com os mundos metanaturais ou sobrenaturais. (QUADROS, 2000, p. 200)

Não podemos concordar com esse tipo de leitura. Apesar de Pessoa, em sua obra artística, dizer-se *emissário de um rei desconhecido que cumpre informes e instruções do além*, de fato há, no seu espólio, um texto analítico que é altamente revelador no sentido de

esclarecer este assunto, trazido à luz posteriormente e presente no livro *Fernando Pessoa: O amor, a morte, a iniciação*, de Yvette Kace Centeno.

Fernando Pessoa escreveu um texto chamado *Contribuição para o estudo da actividade subconsciente do espírito*. Essa contribuição é tão importante e reveladora que somos obrigados a transcrever dela inúmeras partes, por vários motivos. Primeiro, para explicar por que minimizaremos a questão da mediunidade (como comunicação com os espíritos) na nossa pesquisa sobre o Ocultismo na obra de Pessoa; em seguida, para divulgar um texto não muito conhecido do espólio que pode refutar muitas suposições do papel do Espiritismo e dos fenômenos paranormais na construção do projeto poético pessoano. Vamos a alguns trechos importantes:

> (Esp. 54 B – 23) "1 Como se induziu a mediumnidade.
> A) Base hysterica ou hysterica-neurasthenica (averiguar e analysar as características psychicas d'essas nevroses, determinar em que se relacionam com os phenomenos typicos da chamada "mediumnidade" – em parte aqui, em parte em outra secção d'este estudo).
> B) Auto-suggestão progressiva pelo estabelecimento de uma (pelo menos relativa, mas efficazmente activa) crença na realidade espírita d'esses phenomenos pela leitura de obras de occultismo e de theosofia.
> C) Elementos de suggestão, colhidos em conversas, prolongamento dos anteriores, e sommando-se com
> D) Elementos de suggestão hypnotica ou similihypnotica (a mediumnidade começou a seguir uma leve hypnose).
> E) O estado de depressão produzido por (1) desgostos e perturbações várias, (2) a própria perturbação mental causada pelo apparecimento dos phenomenos mediumnicos, (...)
> F) Os estímulos mentaes – curiosidade quanto ao futuro, ancia de conhecer, etc – normalmente humanos, primeiramente suscitados por estudos astrológicos, e depois pela própria presença dos factos descriptos. (apud CENTENO, 1985, p. 111-112)

Podemos notar que as hipóteses que Fernando Pessoa levanta a respeito da indução à mediunidade não dizem respeito a contatos com entes desencarnados. Pelo contrário: o poeta busca listar uma série de explicações científicas que, separadas ou reunidas, contribuiriam para a indução da mediunidade e para uma espécie de transe. Vale ressaltar a palavra mediunidade colocada entre aspas, o que permite o entendimento de que, para Pessoa, a mediunidade, na verdade, seria um estado psíquico alterado, um entendimento diferente do que a palavra tem no ambiente religioso. A depressão, a curiosidade pelas Ciências Ocultas, as perturbações mentais e a hipnose estão entre os fatores que Pessoa considera aqueles que podem contribuir para um estado alterado de consciência.

> (Esp. 54 B – 23) 2.Progresso da mediumnidade (Marcha da doença?)
> A) Declaração amorpha da escripta automática, imperfeita e desconnexa (a seguir, como se disse, a uma leve hypnose, e relacionada com ella por o primeiro nome escripto etc).
> B) Apparecimento de phenomenos de ligeira visão com aumento de fixação retiniana de imagens e uma presumida capacidade de ver a chamada "aura etherica".
> C) Apparecimento da escripta automática desenvolvidamente e depois com uma pretensa communicação de diversos espíritos, sem respostas a perguntas, etc. (...).[1]

Nesse trecho, Pessoa utiliza-se da expressão "marcha da doença" ao se referir ao progresso da mediunidade, volta a mencionar a hipnose, cita uma "presumida" capacidade de enxergar a aura etérea e, por fim, admite que na "pretensa" comunicação não há respostas às perguntas, ou seja, essa experiência comunica apenas o que já se sabia de antemão e é desprovida de interação.

> (Esp. 54 B – 23) 4 Analyse das chamadas "communicações mediumnicas":
> *A)* Os romances do subconsciente: as communicações não passam em geral de um produto inferior e estéril de (1) actividade imaginadora e baixa do subconsciente funccionando, como quando durante o somno, liberto do controle do consciente? (2) a actividade do subconsciente no que resíduo de elementos do consciente, trabalhando como que em imitação deste, (3) a actividade memoriada do subconsciente reproduzindo elementos gravados que o consciente não attinge. (...) verifica-se que são factos gravados na memória subconsciente, que o consciente esqueceu que lera ou presenciara; (3) verifica-se que representam previsões tiradas por um espécie de racioccinio mais rápido e mais ágil que o do consciente. (...) (observando-se sempre que esses phenomenos – a serem verdadeiros – são em geral, se não sempre, dados em pessoas não só doentes – o que pouco importaria, pois teriamos que averiguar o que é a doença – mas absolutamente inferiores, mental e moralmente).[2]

Podemos observar nesse outro fragmento que, além de Pessoa estar certo de que as manifestações provêm do subconsciente do médium por diversas possibilidades de manifestação, considera que os fenômenos são dados em pessoas absolutamente inferiores mental e moralmente (não acreditamos que o próprio Fernando Pessoa se incluísse neste grupo). A mediunidade poderia, assim, ser considerada patologia ou mesmo uma

[1] Ibid. P. 112.
[2] Ibid. P. 113.

manifestação do subconsciente. Em seguida, iremos transcrever a parte final, em que encontraremos as conclusões de Fernando Pessoas acerca da questão da mediunidade:

> (Esp. 54 B – 23) 5. Conclusões.
> A) A mediumnidade resulta de um desequilíbrio mental, análogo ao produzido pelo alcoolismo, sendo muitas vezes o estado prodomico da loucura declarada.
> B) O subconsciente tem faculdades de ordem differente do consciente, mais afinadas em certos pontos, mas absolutamente inferiores, e que, quando apllicadas nestes casos, se desviam do seu fim original, que é a conservação do organismo.
> C) Nada, até hoje, prova a presença de espíritos communicantes, sendo para isso se provar preciso demonstrar primeiro que nas faculdades, ainda mal estudadas, do subconsciente não cabe a de elaborar todos os phenomenos a que se chamam mediumnidade.
> D) A mediumnidade é um estado mórbido participante d`aquelles que produzem de um lado a loucura, do outro o crime. O crime e a loucura, o suicídio são os aboutissements inevitáveis da autointoxicação mediumninca. Quando não se chega a tanto, chega-se à loucura moral, à perversão sexual, e a incapacidade para a vida social pela absoluta desagregação dos instictos sociais, sem uma correspondente compensação social, como no gênio e no talento, onde a amoralidade é freqüente, mas onde o serem gênio e talento compensão a falha.
> E) Análogos ao do espiritismo contemporâneo temos no passado as epidemias dançantes da edade média e os outros phenomenos estudados por Richer nos appendices do seu livro sobre a Grande Hysteria.
> F) O espiritismo tende, sem compensação alguma, a atacar o espírito scientífico: nem a arte, nem a moral, nem a própria religião ganham com isso. A arte não se faz pelo subconsciente em liberdade, mas pelo subconsciente dominado. A moral não se faz pela perda da inhibição e a anulação da vontade, que são as primeiras necessidades da moral. A religião não pode assentar no desenvolvimento do egoísmo, nem na quebra dos laços sociaes.
> G) O espiritismo deveria ser prohibido por lei, pela mesma razão que as publicações obscenas e os espetáculos tendentes a suscitar nos cérebros fracos o vicio e o crime. (?)
> H) Para bem da civilizaçao grega, que é a nossa, embora disfarçada, devemos renunciar a esses elementos índios, persas, e de outras raças de civilização inferior que pelo cultivo constante das faculdades inferiores, tendem a destruir, no individuo a supremacia da razão, na espécie o instinto gregário, na civilização actual a sua base de sciencia e arte que herdamos da nossa mãe commum, a Grécia.
> I) Quando muito, os phenomenos do occultismo e do espiritismo deviam ser, como na antiguidade, pertença de uma seita e não lançadora pela sociedade dentro como se fosse pra toda gente.
> J) A força creadora do universo deu-nos, atravez dos sentidos (talvez limitados) que nos concedeu, a realidade exterior como typo de Realidade, e o nosso espírito apenas como perceptor dessa realidade. Sahir de aqui é violar as leis fundamentais da Natureza e de Deus. O que Deus fez occulto (se Deus faz alguma coisa occulta) é para se conservar oculto. Se não, elle te-lo-hia feito claro.

> K) O actual movimento occultista resulta (a) da desagregação do christianismo, que lucta, a todo transe, para se conservar sob todas as formas que lhe appareçam, (b) da nossa civilização internacional que tornou possível aos elementos emanentes de civilizações como as da Índia e da China de chegarem até nós, (c) da incapacidade de uma geração neurasthemisada pela rapidez excessiva do progresso moderno, industrial, cultural e scientífico, em se adaptar de prompto *ao typo* dementalidade que é necessário que corresponda as idéias fontes d´esse progresso.[3]

Diante das conclusões de Fernando Pessoa, não restam dúvidas de que não se pode considerar que a obra pessoana seja advinda de manifestações de espíritos. Isso se pode concluir, pois ele não admite sequer a existência das comunicações mediúnicas, quanto mais o recebimento de uma obra artística ditada por entes espirituais. Podemos destacar aqui, sem fazer juízo de valor, que poucos materialistas seriam tão ásperos e incisivos em uma análise sobre mediunidade e Espiritismo como foi Pessoa em seu estudo. Desse modo, o que se levanta sobre a questão religiosa (espírita) na poética pessoana não apresenta fundamentos em nossa opinião.

Em que pese a decepção que parece ter feito parte do pensamento de Fernando Pessoa a respeito do Espiritismo, o poeta registra em seu diário uma anotação que data de seu último ano de vida e é uma reflexão que acaba por considerar algo bastante positivo vindo dessa doutrina que o próprio poeta desqualificou com tanta convicção:

> O próprio movimento espiritista, absurdo em tantas formas e de tantos modos, perigoso em tantas e tantos, teve e tem a sua utilidade. Desvirtua e rebaixa o Ocultismo, mas em certo modo o reflecte. Alguns, que começaram pelo espiritismo, seguiram mais tarde melhor caminho, em que contudo não haveriam entrado se não fora o espiritismo que posteriormente renegaram. (E3 54B-2 (MARTINS, 2010, p. 258)

Desse modo, consideramos que o Espiritismo foi para Fernando Pessoa uma porta de entrada para o estudo do Ocultismo, algo que despertou em sua juventude a curiosidade e a possibilidade de buscar respostas para as grandes questões utilizando meios menos ortodoxos.

1.2 ASTROLOGIA: GUIA PARA A VIDA E OBRA

"A terra é feita de céu

[3] Ibid. P. 115-116.

A mentira não tem ninho
Nunca ninguém se perdeu
Tudo é verdade e caminho".

(Fernando Pessoa)

A Astrologia é um estudo não científico segundo o qual as posições relativas dos corpos celestes poderiam, hipoteticamente, fornecer informação sobre a personalidade dos indivíduos, as relações humanas e outros assuntos mundanos. É, como tal, uma atividade divinatória, quando usada como oráculo, mas também pode ser usada como ferramenta para definição das personalidades humanas. Fernando Pessoa foi um grande estudioso do assunto utilizando-se da Astrologia para diversos fins, entre eles o autoconhecimento e a construção da biografia de seus principais heterônimos.

A comunidade científica já há algum tempo considera que a Astrologia é uma pseudociência ou superstição, uma vez que, até hoje, nenhum astrólogo apresentou evidências oficiais acerca da eficácia de seus métodos. Por não ser compatível com o método científico, a Astrologia não é uma ciência. Mesmo assim, essa prática perdura desde tempos imemoriais e suas bases remontam à lei hermética que diz que "o que está em cima é como o que está embaixo".

Os registros mais antigos sugerem que a Astrologia surgiu no terceiro milênio a.C. Ela teve um importante papel na formação das culturas, e sua influência é encontrada na Astronomia antiga, nos Vedas, na Bíblia, e em várias disciplinas através da história. De fato, até a Era Moderna, Astrologia e Astronomia eram indistinguíveis. A Astronomia começou a divergir gradualmente da Astrologia a partir do tempo de Ptolomeu, e essa separação culminou, no século XVIII, com a remoção oficial da Astrologia do meio universitário. Somente no século XX é que a Astrologia retomou a algumas universidades – notadamente nos EUA – após desenvolver-se naquilo que é hoje chamado de Astrologia contemporânea.

Os astrólogos afirmam que o movimento e as posições dos astros podem influenciar diretamente, ou representar, eventos na Terra e em escala humana. Alguns astrólogos definem a Astrologia como uma linguagem simbólica, uma forma de autoconhecimento, uma forma de arte, ou uma forma de vidência, enquanto outros a definem como ciência social e humana. O caráter interpretativo e ao mesmo tempo analítico dessa prática possibilitou a Fernando Pessoa a abertura de um vasto campo experimental e criativo, a presença da Astrologia não se

resume apenas ao campo ilustrativo; sabemos que o poeta costumava guiar inclusive muitas de suas ações cotidianas de acordo com as indicações dos astros.

Há no espólio pessoano muito material dedicado ao assunto, de manuais e tratados astrológicos a horóscopos de amigos, personalidades, heterônimos e do próprio Pessoa.

Para Fernando Pessoa, a Astrologia era um objeto de estudo muito importante, estima-se que tenha deixado cerca de 30.000 documentos referentes ao tema; Pessoa tinha inclusive um heterônimo astrólogo, Raphael Baldaya. Além disso, a Astrologia foi referência para sua produção poética e criação de seus heterônimos; no livro *Fernando Pessoa – Cartas astrológicas*, de Paulo Cardoso e Jerônimo Pizarro, há dados interessantes que mostram como o poeta se utilizou da Astrologia para a concepção de seus heterônimos, em especial os três de maior destaque e a criação de seu "Universo particular":

> (...) Ora, todos os horóscopos dos heterônimos pessoanos apresentam Mercúrio (o planeta da literatura) precisamente na casa VIII. Isto é muito mais que uma coincidência, pois aquele planeta simboliza, também, a irmandade, e Pessoa não estava só a "converter-se, elle só, em uma litteratura", como a criar uma espécie de fraternidade astral, concebida através do mundo astral. (CARDOSO, 2011, p. 4)

O que ocorre é que, de acordo com o horóscopo dos heterônimos e seus mapas astrais, Pessoa fez a seguinte composição: ele mesmo pertence ao elemento água, Alberto Caeiro ao elemento fogo, Álvaro de Campos ao elemento terra e Ricardo Reis ao elemento ar. Paulo Cardoso comenta essa disposição:

> Que se pode concluir? Que a família heteronímica detinha a plenitude dos princípios fundamentais da filosofia ancestral; e que constituía, em suma e simbolicamente, algo de absoluto e indivisível. Os quatro poetas eram, em si, todo um universo.[4]

Mais uma vez podemos notar como os estudos e os conhecimentos esotéricos são utilizados por Fernando Pessoa em sua prática poética. Astrologicamente, os quatro principais heterônimos estavam ligados e se complementavam por intermédio das estrelas.

Acreditamos que a caminhada de Fernando Pessoa pelo Ocultismo é impulsionada por sua necessidade de procurar respostas sobre questões fundamentais, como as relacionadas com a vida e a morte. O poeta viveu ardorosamente a angústia da incerteza em relação ao que acontece depois da morte. É emblemática a última frase escrita por Fernando Pessoa, no dia

[4] Ibid.

de sua morte, que ocupava solitária, com exceção da data, um pedaço de papel: “I know not what tomorrow will bring”. No livro de Paulo Cardoso encontramos um comentário que se aproxima do nosso entendimento:

> A morte foi para Pessoa, se não uma obsessão, uma grande e permanente interrogação. No espólio pessoano existem dezenas de páginas com cálculos e reflexões sobre este tema, na sua grande maioria relacionados com a morte do escritor. Pessoa interrogou-se sobre a sua morte em diversos textos mais ou menos desenvolvidos, manuscritos e dactilografados, em português e em inglês (...).[5]

Sem ter certeza do que traria o amanhã, Fernando Pessoa parece ter percebido que seu tempo estava se esgotando em Novembro de 1935. Um aspecto curioso acerca dessa relação de Fernando Pessoa com a Astrologia é o fato de o poeta ter estudado com afinco seus apontamentos astrológicos a fim de conhecer a data de sua morte, utilizando-se de intrincados cálculos e interpretações de mapas, posições de casas, entre outros recursos. Pessoa procurou conhecer com antecedência a data fatal e, de maneira surpreendente, chegou muito perto de acertar. Segundo os apontamentos do poeta, sua vida iria findar em maio de 1935, e na verdade a morte ocorre em 30 de novembro de 1935, mas um estudo mais profundo feito posteriormente por astrólogos chegou à conclusão de que a inexatidão, admitida pelo próprio Pessoa, a respeito da hora do nascimento que constava em sua certidão pode ter prejudicado a previsão: “Se a hora real do seu nascimento fosse três e vinte e dois em vez de três e vinte da tarde, e se repetíssemos os cálculos por ele elaborados, chegaríamos a uma nova data que seria: finais de Novembro de 1935” (MARTINS, 2010, p. 61). Coincidência ou não, de fato, o poeta acertou a previsão do ano de sua morte e poderia ter acertado até o mês.

A Astrologia, porém, e como vimos antes, não ocupou Pessoa apenas para cálculos que o levariam a conhecer a data aproximada de seu dia final, ela foi muito além disso. No espólio foram encontrados mais de 300 mapas astrais de amigos, personalidades e outros feitos por encomenda; o poeta estudou a sério a Astrologia e procurava desenvolver a atividade de astrólogo com rigor e meticulosidade. Muitos livros sobre o tema foram encomendados e estudados pelo poeta como indicam os estudos acerca de seus apontamentos e de sua biblioteca. No que se refere à poesia, a presença astrológica vai desde *Mensagem* até as características de Caeiro, Reis e Campos; a própria data da morte dos heterônimos foi determinada com a ajuda dos astros e mesmo a trajetória desses “poetas” poderia ser assim

[5] Ibid. P. 5.

estimada. Raphael Baldaya, o heterônimo astrólogo explicou como deveríamos encarar os horóscopos:

> O horóscopo não relata o que há antes do nascimento, nem o que há depois da morte, embora se possa admitir que aspectos (direcções) em retrocesso, e em sucessão da morte, possam indicar certos fenómenos externos relativos à vida, por assim dizer, pré-natal e pós-mortal do indivíduo. Isto, porém, é duvidoso.
> A vida é essencialmente acção, e o que o horóscopo indica é a acção que há na vida do nativo. Três coisas não há que buscar no horóscopo: (1) as qualidades fundamentais do indivíduo, quanto ao seu grau íntimo; (2) o ponto de partida social da sua vida; (3) o que resulta dele, e da vida que teve, depois da morte. Tudo, menos isto, o horóscopo inclui e define.
> Não pasmemos de que seja apagado e fruste o horóscopo de tal grande artista que foi célebre só depois de morto: o horóscopo indicará qualidades artísticas (em grau que não podemos medir) e indicará obscuridade. Tudo será indicado em abstracto; só uma vidência nossa o poderá concretizar. (Tal é o sentido do primeiro apótema de Ptolomeu.)
> Exemplificando melhor: um horóscopo de poeta dramático poderá ser determinado como tal poderá, adentro desse horóscopo, ser indicada uma certa fama e um certo proveito. À parte isso, o horóscopo pode ser o de Shakespeare ou o de um poeta dramático de inferior nota, que, na época em que viveu, tenha tido uma vida, quanto a fama e proveito, idêntica ou semelhante à de Shakespeare. O horóscopo revela, pouco mais ou menos, o que o mundo vê. Nunca devemos esquecer este pormenor importantíssimo. Sem ele nada faremos da astrologia. (PESSOA, 1989, p. 158)

Podemos perceber que, por intermédio da Astrologia, poderíamos tomar conhecimento de diversas informações, inclusive do fato de o reconhecimento do trabalho de um artista ser tardio, mesmo o brilhantismo e a qualidade artística não seriam suficientes para que esse ganhasse notoriedade caso isso não estivesse escrito nas estrelas, os astros poderiam deixar um trabalho de alto nível encoberto por um nevoeiro durante algum tempo, como aconteceu com próprio Pessoa; além disso, o horóscopo somente poderia indicar com segurança os acontecimentos entre o nascimento e a morte. Encarando o estudo dos corpos celestes de tal maneira, Fernando Pessoa tinha a seu dispor um grande laboratório no qual podia exercitar experimentações e ganhar referências que poderiam se encaixar ou ser encaixadas em sua poesia e de seus heterônimos.

A participação da Astrologia no caminho esotérico de Fernando Pessoa é incontestável, seja em sua vida seja em sua produção artística; temos motivos para acreditar que essa vertente ocultista foi de fato importante para o poeta. A Astrologia pode, inclusive, ser considerada uma síntese desse caminho esotérico, pois por intermédio dela Pessoa buscou

revelações sobre sua vida e morte, buscou respostas que não estavam disponíveis pelos meios convencionais e a utilizou como inspiração e referência para seu projeto poético.

1.3. HERMETISMO E MAGIA, UM CAMINHO POSSÍVEL?

1.3.1. HERMETISMO

A definição de Hermetismo muitas vezes se confunde com o enfoque e o contexto daquilo que está sendo tratado. Podemos considerar Hermetismo, *a priori*, a prática de Magia e aquilo que se refere às filosofias ocultas que estejam relacionados com os escritos de Hermes Trimegisto, que significa Hermes três vezes grande. O Hermetismo está presente em diversas vertentes ocultistas. Hermes Trimegisto é uma espécie de figura divina, sobrenatural, que combina aspectos do deus grego Hermes e do deus egípcio Toth.

Os escritos mais importantes atribuídos a Hermes são a Tábua de Esmeralda e os textos do Corpus Hermeticum. Os escritos herméticos fazem parte de uma coleção de 18 obras que teriam tido origem na Grécia. Essas crenças tiveram influência na sabedoria oculta europeia desde a Renascença, quando foram reavivadas por figuras como Giordano Bruno e Marsilio Ficino. A Magia hermética passou por um renascimento no século XIX na Europa Ocidental, onde foi praticada por nomes como os envolvidos na Ordem Hermética do Amanhecer Dourado e Eliphas Levi. No século XX foi estudado por Franz Bardon, entre outros.

O Hermetismo também é conhecido por estabelecer sete leis, que são pilares de diversos ramos do esoterismo. São elas:

- *Lei do mentalismo* – o todo é mente, o Universo é mental.
- *Lei da correspondência* – o que está em cima é como o que está embaixo, o que está embaixo é como o que está em cima.
- *Lei da vibração* – nada está parado, tudo se move, tudo vibra.
- *Lei da polaridade* – tudo é duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados.
- *Lei do ritmo* – tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação.

- *Lei de causa e efeito* – toda a causa tem seu efeito, todo o efeito tem sua causa; tudo acontece de acordo com a lei; o acaso é simplesmente um nome dado a uma lei não reconhecida; há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à lei.
- *Lei do gênero* – o gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos.

Se considerarmos que o Hermetismo foi o ponto de partida para muitos estudiosos e ordens ocultistas e o significado abrangente que o termo possui, podemos considerar Fernando Pessoa um pesquisador e talvez até praticante do Hermetismo, não em um sentido rígido de doutrina, mas na tentativa de conhecer e desvendar os segredos do misticismo. Dessa caminhada hermética muitas correntes fazem parte, entre elas a da Magia. Diversas sociedades secretas e de estudos dos temas ocultistas estiveram interessadas nas raízes do Hermetismo e isso não poderia ter passado despercebido por Pessoa.

Um tratado do heterônimo Raphael Baldaya sobre os princípios da metafísica esotérica considera os herméticos precursores dos estudos do oculto, além de lamentar possíveis divergências entre os Rosa-Cruzes e os teosóficos, dois grupos que foram de enorme interesse para Pessoa:

> Invocam os teosofistas a íntima continuidade da tradição hermética ou esotérica. Segundo Mrs. Besant (quote here the due part of the Ideals of Theosophy).
> Infelizmente o estudo da literatura ligada à exposição, propositadamente confusa, das teorias que formavam a base metafísica das sociedades secretas como os Rosa-Cruz – infelizmente esse estudo revela princípios fundamentais que, qualquer que seja o seu sentido simbólico, se não casam de modo algum com as teorizações teosóficas. (LOPES, 1977, p. 510)

Dentro do conceito de Hermetismo, amplo como comentamos, consideramos que Fernando Pessoa pode partir dele para investigar as sociedades secretas, práticas esotéricas e se informar sobre o conhecimento dos antigos e muito do que foi assimilado por Pessoa foi usado posteriormente em sua poesia e em seu projeto artístico e quem sabe até em sua própria vida. Depois de ter experiências no Espiritismo desde muito novo, o caminho natural daquele que busca adquirir mais conhecimento acerca do esotérico seria o estudo do Hermetismo, da Magia e das vertentes que se utilizam desses conhecimentos que remetem a tempos imemoriais. Assim, o caminho do poeta, acreditamos, vai começar com a possibilidade de investigar o oculto por intermédio do mágico e do hermético, pelo menos em princípio.

1.3.2. MAGIA

A Magia, antigamente chamada de *Grande Ciência Sagrada* pelos magos, é uma forma de Ocultismo que estuda os segredos da natureza e as suas relações com o homem, criando, assim, um conjunto de teorias e práticas que visam ao desenvolvimento integral das faculdades internas espirituais e ocultas do homem. Até que este tenha o domínio total sobre si mesmo e sobre a natureza, o mago procura manipular e canalizar as forças da natureza em determinado sentido e com determinado objetivo. Nosso poeta certamente teve muito interesse em conhecer a fundo a Magia e há em seu espólio indicações disso, sem mencionar os famosos encontros e a correspondência com o controvertido mago inglês Aleister Crowley. A Magia tem características ritualísticas e cerimoniais que visam entrar em contato com os aspectos ocultos do Universo e das divindades.

Em todas as religiões, até mesmo nas mais conservadoras, há aspectos mágicos – ao consagrar a hóstia como corpo de Cristo, por exemplo, o sacerdote católico faz uma evocação que "transforma" aquela matéria. É possível depreender que, para Fernando Pessoa, o termo Magia seja bastante amplo, contemplando desde práticas espíritas até rituais de ordens secretas:

> Tomemos, de novo, um caso simples de Magia – o espiritismo. O espiritismo é magia, porque é evocação dos espíritos dos mortos a esta vida. Faz-se uma sessão, evoca-se o espírito do falecido X, a voz do médium, a mesa pé de galo ou a prancheta anuncia que ele apareceu. Como é que sabemos que sim? A comunicação de coisas conhecidas somente de um dos presentes pode ser uma projecção da mente desse que está presente. A comunicação de coisas somente conhecidas do falecido e depois verificadas pode ser uma comunicação de alguma força ou mesmo espírito, outro que não o do falecido. E quando o espírito dá informação da sua morada presente, por que método nos asseguraremos se essa informação é certa ou errada? Não digo que tudo o que emerge numa sessão ou que emergiu em sessões esteja errado. Nem digo que esteja certo: digo que não há meio de conhecermos a origem da informação assim recebida, e quando a informação diz respeito a outros mundos ou a coisas de outro modo não verificáveis neste, não há meio de conhecermos a sua origem ou a sua verdade. (PESSOA, 1985, p. 63)

O interesse do poeta pela Magia pode ser verificado em suas anotações, seus poemas e, também, levando-se em consideração o conteúdo de sua biblioteca. Há entre o poeta e a Magia uma relação possivelmente instável, em alguns momentos a Magia parece ocupar um lugar de potencial instrumento de interação com o divino ou com faculdades ou graus mais

avançados de espiritualidade. Em outros momentos vemos um poeta profundamente inseguro e frustrado no que diz respeito a essa prática. Pessoa, em um fragmento do espólio, ensaia uma explicação acerca da Magia que remete à linha da ordem inglesa *Golden Dawn*, fundada por Aleister Crowley em 1888:

> A obra de magia contém trez elementos, ou antes, são trez as obras de magia: (1) o conhecimento e a conversação com o Santo Anjo da Guarda, (2) o conhecimento através d'elle dos deuses acima d'elle, regentes do seu mundo, (3) o uso ou auxilio d´esses deuses Deuses nas operações sobre nós e sobre os outros.[6]

Crowley produziu um livro chamado *Livro de Samaeck*, que trata da relação do *magista* com seu anjo da guarda, sendo o anjo o "sol da alma do discípulo". Nesse livro o mago inglês ressalta a importância da aproximação e da evocação do Santo Anjo da Guarda. Vale lembrar que esse mesmo Crowley foi o que anos depois veio a se encontrar com Pessoa em Lisboa protagonizando um "desaparecimento" em um suicídio forjado.

Há fortes indícios de que Pessoa tenha adquirido bastante conhecimento a respeito de práticas e rituais mágicos. Em seus poemas encontramos diversas referências sobre isso, como veremos mais a frente. O curioso é que, ao mesmo tempo em que Pessoa desfruta da comunhão possível entre o mago e as forças insondáveis, revela sua frustração e desconfiança de que o caminho mágico seja infrutífero. Vejamos alguns fragmentos de um poema intitulado *Morning Star*:

> Depuz cheio de sombra e de cansaço,
> As armas da magia entre onde estão
> Os livros sacros com que tive o laço
> Que dá à alma a Força e a Visão
> Ai, não pude depor meu coração!
>
> (...) Quantos, com longo estudo e fiel vontade,
> Tentam pisar nas sendas do Poder,
> Sem que sintam uma única verdade,
> Sem que o invocado espírito apareça
> (...) Vi anjos, toquei Anjos, mas não sei
> Se anjos existem. Tal me achei ao fim
> D´esse caminho de que regressei
> E vi que nunca sairei de mim.[7]

[6] Id. 1989b, p. 92.
[7] Ibid. P. 45-46.

Até que ponto o caminho mágico seria válido é uma questão que parece surgir para o poeta. Como foi dito anteriormente, são experiências que não são verificáveis, portanto não poderiam ser tomadas como verdade e não seria possível a alguém se certificar de sua origem. Convém ressaltar que no último verso da primeira estrofe não a há impossibilidade de depor o coração e no Ocultismo há a chamada via cardíaca, diferente da via teúrgica (mais ligada aos rituais mágicos) e que está relacionada com os estudos de Louis-Claude de Saint-Martin ligados ao cristianismo esotérico.

De acordo com alguns poemas de Pessoa, a Magia não seria suficiente ou não seria definitiva para seus objetivos, e esse pensamento coaduna com um comentário seu na famosa carta a Casais Monteiro em janeiro de 1935. Vejamos:

> Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm.[8]

Acreditamos que Pessoa não descarta a existência ou poder que poderia advir das práticas mágicas, porém, como disse a Casais Monteiro, ele preferia outro caminho, o alquímico, mais seguro e mais perfeito. A possibilidade de a Alquimia ser integrada ao seu projeto artístico é, em nossa opinião, outro aspecto atrativo que esse caminho poderia oferecer, permitindo um processo mais complexo e mais completo do que o caminho mágico, que, ao que parece, não poderia mesmo bastar a Fernando Pessoa. Vale fecharmos com mais um comentário que pode reforçar essa ideia:

> Isto não quer dizer – ou, pelo menos, não precisa de querer dizer – que os resultados do Misticismo e da Magia estejam necessariamente errados. Quer dizer, contudo, que não há nenhum critério pelo qual possamos distinguir entre um resultado errado e um resultado certo num caminho ou noutro. Na Gnose, onde empregamos o intelecto, temos, pelo menos, o lastro do raciocínio; podemos, pelo menos, comparar um «resultado» com outro, examinar se eles são contraditórios, quer cada um em si, quer em referência um ao outro. Podemos não raciocinar bem, mas raciocinamos. Se errarmos, é porque nos enganamos e não porque estejamos errados, como nos outros dois caminhos. É como quando se soma mal; a falha não está em somar, mas em não somar bem; somar é, porém, o sistema correcto para obter um total.[9]

[8] Id. 1986a, p. 199.
[9] Id. 1985, p. 63.

1.4 ORDENS INICIÁTICAS: A SUBIDA DA MONTANHA

1.4.1 MAÇONARIA

"Contra todas as fórmulas do mal,
Contra tudo que torna o homem precário.
Se és maçon,
Sou mais que maçon – sou templário.
Esqueço-te santo
Deslembro teu indefinido encanto.
Meu irmão,dou-te o abraço fraternal."

(Fernando Pessoa)

Maçonaria, forma reduzida e usual de franco-maçonaria, é uma sociedade discreta, e por discreta se entende que se trata de ação reservada e que interessa exclusivamente àqueles que dela participam, ou seja, apenas os componentes da fraternidade têm acesso aos arquivos e segredos da ordem, de acordo com o grau que atingem.

A Maçonaria é, portanto, uma *sociedade fraternal* que admite *todo homem livre e de bons costumes, sem distinção de raça, religião, ideário político ou posição social*. Suas principais exigências são que o candidato acredite em um princípio criador, tenha *boa índole, respeite a família,* possua um *espírito filantrópico* e o *firme propósito de estar sempre em busca da perfeição*, aniquilando seus vícios e trabalhando para a constante evolução de suas virtudes.

Os maçons estruturam-se e reúnem-se em células autônomas, designadas comumente como lojas, mas chamadas também de oficinas.

Uma das questões mais discutidas pelos pesquisadores do papel do Ocultismo na obra pessoana é se Fernando Pessoa foi, ou não, um maçom. Essa resposta poderia ajudar no entendimento de um dos principais mistérios: o Ocultismo foi apenas uma fonte de inspiração para o poeta ou foi a base de seu projeto poético? Uma confirmação da participação de Fernando Pessoa na Maçonaria poderia sugerir que os estudos do poeta (que atravessaram sua vida) sobre as ordens iniciáticas e Ciências Ocultas eram mais do que simples matéria bruta para sua poesia. Não temos dúvidas do enorme interesse do poeta pelos assuntos ocultos; sua

vida e obra mostram-nos um enorme conhecimento sobre as ordens, a simbologia maçônica e religiões antigas. Assim como a maioria dos pesquisadores do papel do Ocultismo na poesia de Fernando Pessoa, acreditamos que o escritor foi um iniciado tanto como poeta quanto em sua vida pessoal.

Alguns estudiosos argumentam que há razões para se duvidar da efetiva participação do poeta na Maçonaria. Uma das razões seria o fato de não haver registro da passagem de Fernando Pessoa pelo Grande Oriente Lusitano, única obediência portuguesa de sua época; seria um bom argumento se a loja não tivesse sido assaltada e vandalizada em 1929 e 1935 e em decorrência disso tivesse a maioria dos documentos destruídos (ARNAUT, 2005, p. 6). As depredações e ataques não provam a participação de Pessoa no Grande Oriente Lusitano, mas tampouco podemos acreditar que a única maneira de Fernando Pessoa passar por uma iniciação em ordem secreta ou em ritos secretos seria pela loja em questão. Há também a hipótese da participação de Pessoa em outra ordem iniciática que não a Maçonaria.

Antes de completar esse raciocínio seria relevante abordar o teor do famoso artigo de Pessoa em defesa da Maçonaria, principal argumento usado por aqueles que não creem na filiação maçônica do poeta, o famoso artigo de jornal em defesa da Maçonaria.

A seguir são transcritos trechos do artigo que Fernando Pessoa publicou no *Diário de Lisboa*, nº 4.388, de 4 de fevereiro de 1935, contra o projeto de lei, do deputado José Cabral, proibindo o funcionamento das associações secretas, sejam quais fossem os seus fins e organização:

> Começo por uma referência pessoal, que cuido, por necessária, não dever evitar. Não sou maçon, nem pertenço a qualquer outra Ordem semelhante ou diferente. Não sou, porém, antimaçon, pois o que sei do assunto me leva a ter uma idéia absolutamente favorável da Ordem Maçônica. A estas duas circunstâncias, que em certo modo me habilitam a poder ser imparcial na matéria, acresce a de que, por virtude de certos estudos meus, cuja natureza confina com a parte oculta da Maçonaria – parte que nada tem de político ou social -, fui necessariamente levado a estudar também esse assunto – assunto bel, mas muito difícil, sobretudo para quem o estuda de fora. Tendo eu, porém, certa preparação, cuja natureza me não proponho indicar (...). (apud ARNAUT, 2005, p. 21-22)

Não poderíamos esperar que Pessoa se declarasse maçom em um artigo de primeira página de jornal enquanto tramitava (foi posteriormente aprovado) um projeto que estabelecia várias e fortes sanções a todos quantos pertencessem a associações secretas. Definitivamente não seria uma atitude muito inteligente. Além disso, não seria usual a um maçom declarar a

sua condição publicamente, muito menos por intermédio de um texto publicado em jornal visível àqueles que não fazem parte da fraternidade. No livro coordenado por Teresa Rita Lopes, *Pessoa Inédito*, há um escrito de Pessoa que auxilia na compreensão da questão:

> Por isso eu disse, legitimamente, que não pertencia a Ordem nenhuma. Não podia legitimamente dizer que não tinha nenhuma iniciação. Antes, para quem pudesse entender, insinuei que a tinha, quando falei de uma preparação especial, cuja natureza não me proponho indicar. Esta frase escapou, e ainda mais o seu sentido possível, aos iledores antimaçonicos. Só posso pois dizer que pertenço à Ordem Templária de Portugal. Posso dizer, e digo, que sou Templário portuguez. Digo-o devidamente autorizado. E dito, fica dito (…). (apud LOPES, 1993, p. 334)

Assim, Pessoa admite que foi iniciado, e não fica por aí, vai além, declara-se templário português, ou seja, mais que maçom como escreve certa vez. Ao que parece, o poeta foi iniciado, aprendeu sobre as ordens secretas e tinha conhecimentos que lhe permitiam estudos aprofundados sobre elas.

António Arnaut, em seu *Fernando Pessoa e a Maçonaria*, levanta diversas hipóteses sobre a iniciação de Fernando Pessoa, inclusive a de Fernando Pessoa ter se transmutado em um iniciado, ou ter-se autoiniciado. Jorge de Matos, em *O Pensamento Maçônico de Fernando Pessoa*, também não guarda dúvidas da iniciação do poeta, mas de igual forma levanta hipóteses sobre como esta teria se dado, talvez por intermédio do mago inglês Aleister Crowley. Na verdade, é difícil depois de tanto tempo saber ao certo como se deu a iniciação de Pessoa, principalmente em se tratando de ordens secretas. Temos de definitivo o profundo conhecimento do poeta sobre o assunto, o qual, segundo muitos pesquisadores e maçons, somente poderia ser adquirido por meio de uma participação efetiva em uma ordem ocultista ou com a presença de um Mestre que lhe auxiliasse a compreender a intrincada simbologia. Pessoa, no artigo do jornal, continua a discorrer sobre a Maçonaria:

> A Maçonaria compõe-se de três elementos: o elemento iniciático, pelo qual é secreta; o elemento fraternal; e o elemento a que chamarei humano – isto é, o que resulta de ela ser composta por diversas espécies de homens, de diferentes graus de inteligência e cultura, e o que resulta de ela existir em muitos países, sujeita, portanto a diversas circunstâncias de meio e de momento histórico, perante as quais, de país para país e de época para época reage, quanto à atitude social, diferentemente.
> Nos primeiros dois elementos, onde reside essencialmente o espírito maçônico, a Ordem é a mesma sempre e em todo o mundo. No terceiro, a Maçonaria – como aliás qualquer instituição humana, secreta ou não – apresenta diferentes aspectos, conforme a mentalidade de Maçons

> individuais, e conforme circunstâncias de meio e momento histórico, de que ela não tem culpa.
> Neste terceiro ponto de vista, toda a Maçonaria gira, porém, em torno de uma só idéia – a "tolerância"; isto é, o não impor a alguém dogma nenhum, deixando-o pensar como entender. Por isso a Maçonaria não tem uma doutrina. Tudo quanto se chama "doutrina maçônica" são opiniões individuais de Maçons, quer sobre a Ordem em si mesma, quer sobre as suas relações com o mundo profano. São divertidíssimas: vão desde o panteísmo naturalista de Oswald Wirth até ao misticismo cristão de Arthur Edward Waite, ambos tentando converter em doutrina o espírito da Ordem. As suas afirmações, porém, são simplesmente suas; a Maçonaria nada tem com elas. Ora o primeiro erro dos Antimaçons consiste em tentar definir o espírito maçônico em geral pelas afirmações de Maçons particulares, escolhidas ordinariamente com grande má fé. *(*apud ARNAUT, 2005, p. 29-30)

Nesse trecho, Pessoa faz uma síntese dos principais elementos da Maçonaria, em Portugal e no exterior, demonstra conhecimento de como funcionavam naquela época as diversas estruturas das ordens maçônicas e chega mesmo a enumerar os principais autores antimaçons.

> O segundo erro dos Antimaçons consiste em não querer ver que a Maçonaria, unida espiritualmente, está materialmente dividida, como já expliquei. A sua ação social varia de país para país, de momento histórico para momento histórico, em função das circunstâncias do meio e da época, que afetam a Maçonaria como afetam toda a gente. A sua ação social varia, dentro do mesmo país, de Obediência para Obediência, onde houver mais que uma, em virtude de divergências doutrinárias – as que provocaram a formação dessas Obediências distintas, pois, a haver entre elas acordo em tudo, estariam unidas. Segue daqui que nenhum ato político ocasional de nenhuma Obediência pode ser levado à conta da Maçonaria em geral, ou até dessa Obediência particular, pois pode provir, como em geral provém, de circunstâncias políticas de momento, que a Maçonaria não criou.[10]

Em seguida Fernando Pessoa discorre sobre as diferentes correntes de pensamento que existem dentro da Maçonaria, chamadas de *obediências distintas.* É importante lembrar que outras ordens secretas como a Ordem da Rosa-Cruz e a Ordem Templária podem estar incluídas de algum modo dentre essas obediências distintas; isso abre espaço para cogitarmos que a aproximação maior de Pessoa seria com uma obediência distinta e não exatamente com a parte mais difundida da Maçonaria, hipótese que não deve ser descartada.

> Resulta de tudo isto que todas as campanhas antimaçônicas – baseadas nesta dupla confusão do particular com o geral e do ocasional com o permanente – estão absolutamente erradas, e que nada até hoje se provou em desabono da

[10] Ibid. P. 30.

> Maçonaria. Por esse critério – o de avaliar uma instituição pelos seus atos ocasionais porventura infelizes, ou um homem por seus lapsos ou erros ocasionais – que haveria neste mundo senão abominação? Quer o Sr. José Cabral que se avaliem os papas por Rodrigo Bórgia, assassino e incestuoso? Quer que se considere a Igreja de Roma perfeitamente definida em seu íntimo espírito pelas torturas dos Inquisidores (provenientes de um uso profano do tempo) ou pelos massacres dos albigenses e dos piemonteses? E contudo com muito mais razão se o poderia fazer, pois essas crueldades foram feitas com ordem ou com consentimento dos papas, obrigando assim, espiritualmente, a Igreja inteira. Sejamos, ao menos, justos. Se debitamos à Maçonaria em geral todos aqueles casos particulares, ponhamos-lhe a crédito, em contrapartida, os benefícios que dela temos recebido em iguais condições. Beijem-lhe os jesuítas as mãos, por lhes ter sido dado acolhimento e liberdade na Prússia, no século dezoito – quando expulsos de toda a parte, os repudiava o próprio Papa – pelo Maçom Frederico II. Agradeçamos-lhe a vitória de Waterloo, pois que Wellinton e Blucher eram ambos Maçons. Sejamos-lhe gratos por ter sido ela quem criou a base onde veio a assentar a futura vitória dos Aliados – a "Entente Cordiale", obra do Maçom Eduardo VII. Nem esqueçamos, finalmente, que devemos à Maçonaria a maior obra da literatura moderna – o "Fausto" do Maçom Goethe. Acabei de vez. Deixe o Sr. José Cabral a Maçonaria aos Maçons e aos que, embora o não sejam, viram, ainda que noutro Templo, a mesma Luz. Deixe a Antimaçonaria àqueles Antimaçons que são os legítimos descendentes intelectuais do célebre pregador que descobriu que Herodes e Pilatos eram Vigilantes de uma Loja de Jerusalém.[11]

O trecho que finaliza a defesa da Maçonaria também é passível de alguns comentários importantes. Fernando Pessoa critica a Igreja tradicional e enumera feitos virtuosos dos integrantes da Maçonaria, dentre eles *a maior obra da literatura moderna* escrita por Goethe. Ora, é também sobre Goethe, o "Maçom Goethe", tão admirado pelo poeta, um ensaio do próprio Pessoa que trata de poesia e Alquimia e que será comentado posteriormente neste trabalho. É também digna de menção a solicitação que Pessoa faz ao deputado para que deixe a Maçonaria aos maçons e "aos que embora não o sejam, viram, ainda que em noutro Templo a mesma Luz". "Ver a Luz" é a expressão maçônica que significa ser iniciado, ser recebido na Ordem, ou seja, Pessoa pede que a Maçonaria seja deixada aos maçons e aos iniciados por ordens similares, por ordens iniciáticas que permitem aos seus adeptos a visão da Luz, e entre estes pode estar o próprio Pessoa que se dizia "Templário portuguez". A Maçonaria aos maçons e aos que viram a Luz; a "AntiMaçonaria" aos descendentes de Herodes e Pilatos. Em que grupo estaria Pessoa senão no primeiro?

Acreditamos, pois, que, levando-se em conta os sólidos conhecimentos que Fernando Pessoa tinha dos propósitos das ordens iniciáticas, simbologia maçônica e esotérica, dos rituais das ordens secretas, da estrutura e funcionamento dessas ordens, assim como seu

[11] Ibid. P. 30.

profundo domínio de tantas questões relacionadas ao tema, o poeta foi um iniciado, ainda que autoiniciado, na Maçonaria ou em alguma ordem secreta similar. Yvette Kace Centeno nos diz que: “A maçonaria é, para Fernando Pessoa, ‘uma vida’ mais do que uma sociedade ou uma ordem” (CENTENO, 1990, p. 25).

Se o poeta participou ativamente dos rituais, das reuniões e foi um membro oficializado não há documento que possa comprovar, porém a quantidade de livros sobre o assunto presentes na biblioteca de Pessoa e a quantidade de escritos seus a respeito das ordens iniciáticas colocam o poeta como um estudioso profundo do tema e, como o próprio poeta revela, um templário português iniciado.

1.4.2 ROSA-CRUZ

Rosa-Cruz é uma ordem iniciática, também chamada de fraternidade por alguns ou de confraria de *iluminados* por outros, existente na Alemanha presumivelmente a partir do século XVI e difundida pelos países vizinhos no século XVII, quando ficou publicamente conhecida por três manifestos. Entre ordens, irmandades e fraternidades, diferentes entidades reclamam o pioneirismo das ideias da Rosa-Cruz. Mesmo com diversas alusões ao conhecimento do antigo Egito, a ordem insere-se na tradição esotérica ocidental. Essa confraria hermética é vista por muitos rosa-crucianistas antigos e modernos como um "Colégio de Invisíveis" nos mundos internos, formado por grandes adeptos, com o intuito de prestar auxílio à evolução espiritual da humanidade.

Alguns metafísicos consideram que o rosa-crucianismo pode ser compreendido, de um ponto de vista mais amplo, como parte ou como nicho do Hermetismo cristão, patente no período dos tratados ocidentais de Alquimia que se seguem à publicação da *Divina Comédia*, de Dante.

Alguns historiadores sugerem a sua origem num grupo de protestantes alemães, entre os anos de 1607 e 1616, quando três textos anônimos foram elaborados e lançados na Europa: *Fama Fraternitatis R.C.*, *Confessio Fraternitatis Rosae Crucis* e *Núpcias Alquímicas de Christian Rosencreutz Ano 1459*. A influência desses textos foi tão grande que a historiadora Frances Yates chamou esse período do século XVII de *Iluminismo Rosacruz*. Não é seguro precisar quantas ordens ou fraternidades reclamaram a tradição da Rosa-Cruz desde a Idade Média aos dias de hoje. O próprio Fernando Pessoa escreve em diversos apontamentos sobre a impossibilidade de se ter certezas sobre as origens da Rosa-Cruz.

Para Fernando Pessoa, a Rosa-Cruz foi uma referência de enorme importância. Como exemplo, podemos citar o poema integrante de *Mensagem*, *O Encoberto*, que apresenta com todas as letras a simbologia da ordem transmutada para arte poética:

Que símbolo fecundo
Vem na aurora ansiosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.
Que símbolo divino
Traz o dia já visto?
Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Cristo.
Que símbolo final
Mostra o sol já desperto?

Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.
(PESSOA, 1972, p. 87)

Na Rosa-Cruz temos a rosa como matéria espiritualizada e considerada também símbolo da vida, do sacrifício e da ressureição. Possivelmente o sangue de D. Sebastião deixado nas areias da África esteja dando cor à rosa desse poema de Pessoa. A cruz costuma ser vista e simbolizar a santíssima Trindade, assim como a tríade corpo, alma e espírito. O próprio símbolo da Rosa-Cruz é retratado por Pessoa. Em outras vezes, citamos como exemplo um poema escrito em 1934, sem mencionar o famoso *No túmulo de Christian Rosenkreutz*. Trata-se de referências tão evidentes que chamam a atenção até mesmo quando cuidamos da poesia esotérica de Pessoa. Vejamos o primeiro:

Porque choras de que existe
A terra e o que a terra tem?
Tudo nosso – mal ou bem –
É fictício e só persiste
Porque a alma aqui é ninguém.

Não chores! Tudo é o nada
Onde os astros luzes são.
Tudo é lei e confusão.
Toma este mundo por strada
E vai como os santos vão.

Temos no início do poema a concepção desse mundo como estrada, lugar de aprendizado e espaço no qual a alma não é plena. O mundo terrestre é visto como ficção e a realidade estaria em outra esfera que não a terrestre. Em seguida há a referência sobre a dupla unidade de gênero, que deverá desaparecer.

Levantado de onde lavra
O inferno em que somos réus
Sob o silêncio dos céus,
Encontrarás a Palavra,
O Nome interno de Deus.

E, além da dupla unidade
Do que em dois sexos mistura
A ventura e a desventura,
O sonho e a realidade,
Serás quem já não procura.

Porque, limpo do Universo,
Em Christo nosso Senhor,
Por sua verdade e amor,

Reunirás o disperso
E a Cruz abrirá em Flor.[12]

Nos símbolos da rosa e da cruz há, enfim, a unificação, a reunião daquilo que foi separado. Yvette Centeno comentou o simbolismo da Rosa-Cruz e como ele teria sido lido por Pessoa:

> A Rosa e a Cruz exprimem a união dos contrários, a anulação das tensões que finalmente se harmonizam, bem como (e só na aparência paradoxalmente) a fixação da energia cósmica, do movimento de expansão e retracção, do "pulsar" do divino – que se reencontra e recupera no adepto capaz de o questionar. (MARTINS, 2010, p. 743)

No poema intitulado *No Túmulo de Christian Rozenkreutz* temos novamente uma referência explícita à Ordem. Christian Rozenkreutz é uma figura lendária e que provavelmente nunca existiu de fato. A fundação da Rosa-Cruz é atribuída a ele, mas mesmo assim muitos místicos concordam que se trata de uma metáfora, assim como seu suposto túmulo:

Quando, despertos deste sono, a vida,
Soubermos o que somos, e o que foi
Essa queda até corpo, essa descida
Até à noite que nos a Alma obstrui,

Conheceremos pois toda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?
Não: nem na Alma livre é conhecida…
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui

Deus é o Homem de outro Deus maior:
Adam Supremo, também teve Queda;
Também, como foi nosso Criador,
Foi criado, e a Verdade lhe morreu…
De Além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
Aquém não há no Mundo, Corpo Seu.

No primeiro trecho Pessoa faz menção à queda do ser humano, assunto recorrente dentro do Ocultismo. Nesse contexto, o nosso mundo físico é o do sono e da ignorância, com a vista obscurecida pela queda e pelo aprisionamento da alma, que é a entrada no mundo material; não é possível ao homem conhecer a verdade. A existência terrestre e decadente não

[12] Id. 1989b, p. 63.

dá conta do segredo, que é inatingível. Há ainda a menção a Deus ser homem de outro Deus, e isso nos remete a uma carta a Casais Monteiro em que Pessoa fala em uma hierarquia divina. Todavia, trataremos desse trecho da carta um pouco mais adiante.

II

Mas antes era o Verbo, aqui perdido
Quando a Infinita Luz, já apagada,
Do Caos, chão do Ser, foi levantada
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e ungido,
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Então, senhores do limiar dos Céus,
Podemos ir buscar além de Deus
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;
Não só de aqui, mas já de nós, despertos,
No sangue actual de Cristo enfim libertos
Do a Deus que morre a geração do Mundo.

No mundo terrestre e irreal, em que somos sombras, em que somos sono, estaremos sempre distantes da verdade, o mistério perdura, a vida é um estado de torpor. É válido assinalar que, de acordo com o mito rosa-cruciano, o Mestre Christian Rosenkreutz foi encontrado em seu túmulo mais de um século depois de seu desaparecimento, incorrupto e trazendo junto ao peito um livro com revelações fundamentais ao espírito. Pessoa juntou a esse poema um trecho de um manifesto Rosa-Cruz chamado *Fama Fraternitatis*, no qual fica clara a alusão. O poema completo com o trecho do manifesto encontra-se no Anexo.

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?
Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser: mas como, aqui, a porta aberta?

Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Rosacruz conhece e cala.

Consideramos interessante destacar a necessidade de ouvir-se além da sala de ser na penúltima estrofe. No Ocultismo estará presente esse além da sala, aquilo que atravessa a fronteira do mundo real, a porta se abre ao impalpável, a libertação passa por essa experimentação, libertação que provavelmente o Pai Rosacruz já experimente.

Para concluirmos, outra passagem claramente rosa-cruciana em que o poeta reproduz o que se assemelha a um ritual ou oração:

Segredo visível, Rosa crucificada, Mistério e Nome do Mundo,
Olha-me para que te veja, crucifica-me para que eu te colha,
Torna-me mundo para que eu te oiça e desconheça!
Martírio da flor desabrochada, nasce pela morte em mim!
Silêncio da flor desencantada, cresce pela morte em mim!
Segredo da rosa crucificada, morre pela morte em mim!

Rosa, sê eu; Cruz sê minha; Rósea Cruz, sê!
(PESSOA, 2010, p. 76)

É notável destacar o enorme respeito e reverência que Fernando Pessoa utilizou ao se referir à Rosa-Cruz, assim como fez com a Maçonaria e a Ordem Templária. O diferencial da Rosa-Cruz, pensamos, é que o poeta não se furtou em colocar claramente as alusões que fez a essa Ordem. Não é preciso muito trabalho ou pesquisa para que, mesmo os leigos, reconheçam os elementos rosa-crucianos explícitos em sua obra.

1.4.3. TEMPLÁRIOS

A Ordem dos Templários surgiu no século XI com o objetivo de proteger os cristãos que se aventuravam em peregrinações até Jerusalém; também era conhecida como Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. Seus membros faziam voto de pobreza e castidade e se tornavam monges. Com disciplina rigorosa e organizada, a Ordem cresceu ao longo dos anos, aumentando sua influência política, militar e econômica, recebeu autonomia (somente deviam obediência ao Papa) e isenção de impostos e se tornou cada vez mais rica e poderosa.

Há sobre essa ordem de cavalaria uma infinidade de lendas e teorias, desde hipóteses de que seriam detentores de relíquias sagradas como a Arca Perdida ou o Santo Graal até o acesso que teriam tido a ensinamentos mágicos e ocultistas. Não há como comprovar essas especulações que ficam aqui a título de ilustração para que possamos compreender o que vem a seguir. Em 1309 um conluio entre o Rei Filipe IV da França, O Belo, e o Papa Clemente V acaba por exterminar a Ordem, acusados de heresia, bruxaria, adoração a outros deuses, perversões sexuais etc. Na sexta-feira 13 de março de 1309 é preparada uma operação secreta e os templários que estavam na França são presos simultaneamente pelas forças do exército francês, para, em seguida, serem torturados, julgados e condenados à morte na fogueira. Em 1314, o último Grão-Mestre dos Templários, Jacques De Molay, morreria na fogueira e a Ordem era declarada extinta pelo Papa. Fernando Pessoa deixou um escrito enigmático comentando o ocorrido:

> O suplício físico de Jacques de Molay, impotente para produzir nenhum resultado mais que baixamente material, desencadeou sobre a Igreja as forças mágicas que essa acção material era incompetente para dominar, servindo só para as desencadear. E o pior foi que o processo de imolação fosse pelo Fogo, isto é, pelo Elemento da Ordem. Assim, para falar um pouco obscuramente, o que era Adepto Exempto, em vez de passar a Mestre do Templo, foi erguido a Mago, e, apto a pronunciar a Palavra da Era, pronunciou-a como Irmão Negro, e contra a Igreja. Toda a civilização moderna, desde a Reforma aos nossos tempos, no que é oposição à Igreja e conspurcação dela e dos seus princípios, é a vingança encarnada de Jacques do Molay. A fogueira em que foi queimado o Grão-Mestre dos Templários foi o lume que ateou o incêndio em que hoje todos ardemos. Num ponto, porém, a vingança de Molay, operando per vias inferiores, caiu no mesmo erro em que haviam caído os seus algozes. Foi quando D. Sebastião, AE [Adepto Exempto], foi feito cair em Alcácer Quibir. Caiu pela espada, isto é, pela Terra, e o erro foi o mesmo que o de fazer Molay cair pelo Fogo, porque de igual natureza. No mesmo modo o Adepto Exempto ascendeu a

> Mago, queimando o grau intermédio, e pronunciou, no tempo dado, a Palavra de Era seguinte. (PESSOA, 1985, p. 43)

A história dos Templários, no entanto, não terminaria com o sacrifício de Jacques De Molay. Em Portugal, D. Dinis se recusa a atuar contra os cavaleiros e utiliza um recurso ardiloso para que as coisas se conservassem: muda o nome da Ordem para Ordem de Cristo e permite que os cavaleiros mantenham a mesma estrutura, as mesmas propriedades e os mesmos bens. A atitude do rei português foi de importância decisiva para o futuro de Portugal e do Brasil, como esclarece o Secretariado Nacional da Pastoral de Cultura de Portugal:

> Sabemos hoje quão importante e decisivo foi este empenho político de D. Dinis em evitar a extinção dos Templários em Portugal. Mais tarde, a sucedânea Ordem de Cristo liderará a promoção de uma das empresas mais importantes e significativas de toda a História de Portugal: as viagens marítimas de descobrimento. Através da liderança de um dos mais famosos Grão-Mestres da Ordem de Cristo, o Infante D. Henrique, Portugal ficou na história universal como o primeiro império global da humanidade e o pioneiro da construção da globalização.[13]

Sabemos, assim, que a Ordem Templária de certa forma se manteve viva em Portugal e sabemos também que Fernando Pessoa declarou em sua nota autobiográfica de 1935 (ano de sua morte) sua condição de iniciado: "Posição iniciática: Iniciado, por comunicação directa de Mestre a Discípulo, nos três graus menores da (aparentemente extinta) Ordem Templária de Portugal" (PESSOA, 1986, p. 252). Pessoa, dessa maneira, coloca-se como iniciado da Ordem dos Templários, sociedade secreta que, assim como a Rosa-Cruz, empresta conceitos que serão utilizados pela Maçonaria moderna.

A iniciação, comparada por diversas ordens a uma subida de montanha, é parte de uma jornada que visa, entre outros objetivos, ao autoconhecimento e ao aperfeiçoamento espiritual e é o ponto de partida do caminho que será percorrido pelo adepto em busca de sua iluminação. Foi possível observar, cremos, que Pessoa teve estreitas relações com ao menos três importantes ordens iniciáticas e terminaremos esse subcapítulo com uma breve reflexão acerca do poema intitulado Eros e Psiquê, que pode servir como síntese desse caminho e dessas relações. Assim como outros, o referido poema estará no Anexo deste trabalho.

Começaremos pela epígrafe do poema – "(...) E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de

[13] Disponível em <http://www.snpcultura.org/templarios_e_ordem_Cristo.html>. Acessado em: 03/08/2016.

Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade"[14] – atribuída por Fernando Pessoa ao ritual do grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal. Pensamos que a partir da epígrafe o poeta anuncia um trecho de ritual da Ordem Templária que estabelecerá uma ideia de dualidade que percorrerá o poema Diz o ritual que duas verdades, opostas, são uma só.

O título do poema remete ao mito grego de Eros e Psiquê, e no decorrer dos versos reconhecemos a presença das duas divindades. Psiquê, conhecida como a personificação da alma, mortal até a união com Eros, adormecida, e Eros, que, segundo Hesíodo em sua Teogonia, é um dos deuses primordiais que, nascido depois de Caos, doma no peito o espírito e a vontade[15]:

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada

É curioso notar que no mito grego é Eros quem dorme antes de ser descoberto por Psiquê, que, por conta disso, terá de se submeter a severos trabalhos para alcançar a redenção e recuperar o amor de seu parceiro. No poema de Pessoa, a alma adormecida aguarda a chegada da divindade.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem

No decorrer do poema, Eros continua sua caminhada, sua busca, ignorando, porém, o que exatamente procura; Psiquê, por sua vez, em sono profundo, igualmente desconhece a divindade que está em seu encalço:

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

[14] Id. 1995, p. 237.
[15] Disponível em: <http://www.uff.br/helenismo/sites/default/files/Aula%202%20-%20HESIODO.%20Teogonia%20a%20origem%20dos%20deuses-1.pdf. p. 91.>. Acessado em: 10/06/2016.

Dentro do Ocultismo, termos como caminho, estrada, busca ou subida da montanha costumam se referir ao trajeto percorrido pelo adepto em seu percurso dentro da respectiva ordem ou nicho esotérico e que é trilhado em busca da verdade, da iluminação:

> Mas cada um cumpre o Destino –
> Ela dormindo encantada,
> Ele buscando-a sem tino
> Pelo processo divino
> Que faz existir a estrada.

Sabemos que o poema em questão permite as mais diversas leituras, por isso mesmo nos sentimos inclinados a terminar nossa leitura entendendo-o como uma narrativa do caminho esotérico, uma síntese da estrada iniciática. Ao final, no momento em que ocorre o encontro, não haverá mais divisão. Eros e Psiquê são um só, a ideia de unidade aparece. Antes separados pela estrada, uma divindade primordial que representa o amor (Eros) e a alma adormecida (Psiquê) se encontram em um processo que pode ser compreendido como uma busca por autoconhecimento ou mesmo pela revelação e que está presente nas ordens que fizeram parte da vida do poeta e em sua própria poética:

> E, inda tonto do que houvera,
> À cabeça, em maresia,
> Ergue a mão, e encontra hera,
> E vê que ele mesmo era
> A Princesa que dormia.[16]

Cabe destacar que o apagamento do gênero e a tentativa de retorno ao um ser uno, andrógino e que não guarda uma personalidade masculina nem feminina é recorrente em diversas ordens iniciáticas, entre elas os templários. A necessidade da castidade e até da virgindade faz parte dessa tentativa e, segundo se especula, essa exigência foi cumprida por Pessoa em sua vida. O encontro de Eros e Psiquê poderia sinalizar o cume da montanha e o que ocorre anteriormente poderia simbolizar o caminho ou a subida.

[16] Ibid. P. 237.

1.5. TEOSOFIA E A POSSIBILIDADE DA VERDADE REAL

"Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho.
Eu sou um rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços."

(Fernando Pessoa)

A palavra Teosofia, "sabedoria divina", como colocamos anteriormente, diz respeito não apenas a uma sabedoria divina em sentido lato, mas a uma doutrina que foi desenvolvida com destaque por Jacob Böhme no século XVII e que na época foi amplamente divulgada na Alemanha. A Teosofia de Böhme chamará inclusive a atenção de escritores como Goethe. E Teosofia se chama igualmente a doutrina apresentada pela ocultista russa Helena Petrovna Blavatsky, traduzida por Pessoa em Portugal no século XIX. Entretanto, as origens da Teosofia remontam à Grécia e ao Egito antigo. Essa doutrina utiliza elementos de diversas religiões antigas, sobretudo orientais, para explicar a natureza, o homem e o divino. Blavatsky ganhou destaque por desenvolver seus textos com a suposta preocupação de levar em conta preceitos científicos, entre eles, inclusive, a Teoria da Evolução de Darwin. Mais tarde, o trabalho de Blavatsky teve continuidade por intermédio de Annie Besant, também traduzida por Fernando Pessoa em Portugal.

A Teosofia, essa filosofia ocultista que apresenta a particularidade de abranger e sistematizar diversas filosofias místicas e religiões, parece ter impressionado muito Pessoa. Diz ele em carta a Sá-Carneiro:

> Não me julgue a caminho da loucura. Creia que não estou. Isto é uma grave crise de um espírito capaz de ter crises dessas. Ora, se meditares que a Teosofia é um sistema ultracristão, no sentido de conter os princípios cristãos elevados a um ponto onde se fundem em não sei que além-Deus, e pensar no que há de fundamentalmente incompatível com meu paganismo essencial, terás o primeiro elemento grave que se acrescentou à minha Crise. Se depois reparares que a Teosofia, porque admite todas as religiões, tem caráter inteiramente parecido com o paganismo, que também admite no seu Panteon todos os deuses, terás o segundo elemento da minha grave crise de alma. A Teosofia apavora-me pelo seu mistério. É o horror e a atração do abismo realizados no além-alma. Um pavor metafísico, meu querido Sá-Carneiro!" (apud SÁ-CARNEIRO, 2004, p. 330)

O contato com a Teosofia aparece com muita relevância dentro de outro trecho da carta dirigida a Mário de Sá-Carneiro e datada de 6 de dezembro de 1915 e testemunha o profundo abalo que o estudo das doutrinas teosóficas provocou no poeta:

> O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento superior extra-humano que ressumam as obras teosóficas perturbaram-me muito. Cousa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre 'Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz'. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real, me hante.[17]

Pessoa irá se ocupar das três Teosofias: a de sentido geral, a de Böhme e a de Blavatsky. Segundo Yvette Centeno, as traduções de Böhme feitas por Louis-Claude de Saint-Martin serão verdadeiras bíblias para Fernando Pessoa e Aleister Crowley. Centeno diz ainda que, apesar de Pessoa ter sido tradutor e estudioso do movimento teosófico, não chegou a se filiar a nenhuma sociedade portuguesa de sua época (MARTINS, 2010, p. 849). Segundo a consagrada pesquisadora, dois trechos da obra de Pessoa traduzem conceitos da Teosofia de modo bem claro, e um deles é o apontamento chamado *Introdução ao estudo do Ocultismo*:

> Deus é o sentido para onde tendem todas as inteligências que governam este mundo contra a vontade satânica da sua matéria inerte. Como o ponto para onde tendem existe já, porque o tempo é uma ilusão, Deus é; como tendem para a absoluta Perfeição, Deus é a Perfeição absoluta; como tendem para a Suprema Beleza, Deus é a Beleza Suprema. O Universo está já onde estará, e já isso, é Deus. (PESSOA, 1968, p. 110)

O outro faz parte de um pequeno texto denominado *Oculltism or a Static Drame*. Assim como o primeiro e como é descrito em apontamentos teosóficos, a visão de Universo vai na direção de um só corpo que abarca tudo o que existe:

> Os acontecimentos são Homens. As circunstâncias são gente. Uma batalha, um jantar, um olhar, um beijo – cada uma destas coisas, porque é uma coisa, é um ente, uma pessoa de certa maneira de carne e osso.
> Nós próprios, os homens, não passamos de acontecimentos, lentos relativamente a outros, compostos de células, e cada célula é um acontecimento entre os elementos que a compõem ...e, assim, até ao infinito interior.
> Tudo é separado e tudo é uno. Todos os acontecimentos fundem-se no grande acontecimento chamado o Universo.
> Nada existe, tudo acontece. É a Deus que acontece tudo.[18]

[17] Ibid. P. 51,52 e 53.
[18] Ibid. P. 135. .

O caráter universalista da Teosofia é um aspecto que acreditamos aproximar-se do desdobramento e da fragmentação da personalidade. Nas ordens iniciáticas e na própria Teosofia é comum instruções no sentido da renúncia da personalidade. Comentaremos a respeito desse ponto com mais cuidado ao longo do segundo capítulo deste trabalho.

A Teosofia, quer, seja a de sentido lato, a de Böhme ou mesmo de Blavatsky, mostrar-se-á nos estudos e nas produções do poeta como um ponto de interseção entre diversas tendências ocultistas. Segundo Centeno, uma subdivisão chamada filosofia natural e escrita por Louis-Claude de Saint-Martin vai deixar marcas visíveis na poesia de Caeiro.

Além de Fernando Pessoa, outros heterônimos se interessaram pela Teosofia. Ricardo Reis, que produziu escritos sobre o neopaganismo, faz menção à Teosofia na passagem a seguir:

> O sentimento sobrenatural, liberto, propriamente do sentimentalismo cristista, veio a dar na renascença do Ocultismo, patente hoje por todo orbe. Certas escolas do Ocultismo – como a Sociedade Teosófica, que é, ostensivamente, a mais forte – não abandonaram, é certo, o sentimento cristista no seu intuito fraternário. Mas o facto é que a renascença ocultista, como tal, se apoia não diretamente no humanitarismo cristista, mas sim na pura revivescência na noção do sobrenatural, sem outros atributos ou elementos anexos. (MARTINS, 2010, p. 91)

Em que pese todo o reconhecimento que Fernando Pessoa demonstrou pela Teosofia, alguns aspectos causaram irritação no poeta, como lembrou Pedro Teixeira da Mota. O poeta não ficou satisfeito com os rumos que a sociedade teosófica de Blavatsky, e que depois foi conduzida por Annie Besant, tomou: "Cometeram o crime de revelar as doutrinas do Ocultismo, fazendo o oculto visível, o que a própria palavra proíbe que se faça".[19] Como sabemos, o poeta português era totalmente avesso à divulgação dos conteúdos ocultistas para o público em geral; somente os preparados ou escolhidos deveriam ter acesso a esse tipo de material. O caminho que a sociedade teósofica tomou depois que Annie Besant assumiu a liderança da entidade, valorizando a mediunidade e o Espiritismo em detrimento de outros campos do saber ocultista, descontentou igualmente Pessoa assim como diversas figuras proeminentes como Rudolf Steiner, que chegou a presidir a Sociedade Teosófica da Alemanha até o início da segunda década do século XX.

[19] Ibid. P. 90.

Não obstante a insatisfação provocada pelos rumos tomados pela Teosofia, Fernando Pessoa nunca deixou de reconhecer a importância dessa senda ocultista que se desenvolveu ao longo de séculos. Pedro Teixeira da Mota, outro estudioso de referência no assunto, trouxe observações importantes acerca dessa discussão:

> Pessoa, embora frequentemente crítico da Sociedade Teosófica, equiparou-a à maçonaria e a antroposofia ao escrever "iniciado exotérico é, por exemplo, qualquer maçon, ou qualquer discípulo maçon, ou qualquer discípulo menor de uma sociedade teosófica ou antroposófica." (E3 125A-8), o que deixa entender que julgava a entrada e o avanço no caminho da realização espiritual através dela, e reconheceu o relativo valor da divulgação pioneira das obras teosóficas que permitiriam melhor "compreender os fenómenos, conhecimentos e poderes ocultos, os fins das sociedades místicas e, em certo modo, reler mais inteligentemente os tratados (E3 54-50)[20]

Não temos dúvidas de que a Teosofia, de Böhme, de Saint-Martin e de Blavatsky, afetou de modo marcante a maneira com que Pessoa enxergava o Ocultismo. A fusão e sistematização de diversas áreas do Ocultismo, a presença de elementos trazidos de religiões orientais e que completavam ou se fundiam com conceitos esotéricos ocidentais, a concepção de universo como um corpo vivo e único e diversas outras perspectivas colocadas em questão por essa filosofia esotérica aparecerão com maior ou menor ênfase por toda a sua poesia. As revelações da Teosofia se mostraram especiais e foram objeto de estudo e interesse. O próprio poeta fez um comentário sobre Blavatsky que traz essa ideia: "fora de dúvida Blavatsky era um espírito confuso e fraudoso; mas também é fora de dúvida que recebera uma mensagem e uma missão de Superiores Incógnitos" (RC 53).[21]

[20] Ibid. P. 91.
[21] Ibid.

1.6 ENTRANDO NO LABORATÓRIO DA ALQUIMIA

"Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo."

(Fernando Pessoa)

A Alquimia é uma prática antiga que combina elementos de Química, Astrologia, Filosofia, Matemática e outras áreas diferentes e que contém, além disso, conotações místicas e religiosas de diversas vertentes. E nossa pesquisa será o espaço no qual os demais elementos do Ocultismo irão desaguar, encontrar-se e se transmutar. Consideramos que a Alquimia é o elemento mais significativo e representativo dentre todos vistos até aqui e por isso a escolhemos para o fechamento deste capítulo.

Geralmente são considerados alguns objetivos prioritários principais na prática da Alquimia. Um deles seria a transmutação de metais inferiores combinados com outros elementos químicos em ouro; outro seria a obtenção do *elixir da longa vida*, um remédio que curaria qualquer enfermidade e proporcionaria vida longa àqueles que o ingerissem. Ambos os objetivos poderiam ser alcançados com a obtenção da *Pedra Filosofal*, uma substância mística. O terceiro objetivo seria criar vida humana artificial, os *homunculis.* O quarto objetivo seria fazer com que a realeza conseguisse ter acesso rápido ao poder e à riqueza, coisas que poderiam ser proporcionadas pelas maravilhosas descobertas alquímicas. Dessa maneira seria possível também que essa realeza subvencionasse as experiências dos alquimistas. É reconhecido que, apesar de não ter caráter científico, a Alquimia foi uma fase importante na qual se desenvolveram muitos dos procedimentos e dos conhecimentos que mais tarde foram utilizados pela Química. Cientistas como Isaac Newton se dedicaram a essas práticas, que se espalharam por quase todos os cantos do mundo desde tempos imemoriais (HUTIN, 2010).

A ideia da transformação de metais em ouro também está diretamente ligada a uma metáfora de mudança de consciência. A pedra seria a mente "ignorante" que é transformada em "ouro", ou seja, sabedoria. Dessa maneira, teríamos a Alquimia da alma, da personalidade, do conhecimento. Para alguns, a Alquimia seria o caminho para a perfeição, para a realização de grandes feitos por um método natural que consistiria na combinação de elementos. Sergue Hutin, em sua *História Geral da Alquimia*, explica que:

> A chave mais importante para tentar compreender os objetivos da Alquimia, tanto no plano dos trabalhos do laboratório como no dos trabalhos (psíquicos e espirituais) do oratório, será sempre esta: conseguir vencer as consequências da queda original (a perda do verdadeiro conhecimento, como a entrada, na Terra, da doença, do envelhecimento e da morte) e fornecer os meios de uma reintegração, de uma regeneração, da libertação, não apenas do Homem, mas dos três reinos da Natureza.[22] (HUTIN, 2010, p. 29)

Para que fique mais claro exemplificar essa queda original, faremos referência a Jorge Adoum, que em seu livro *Grau de Aprendiz e seus Mistérios*, apresenta os tipos de iniciação e discorre sobre a iniciação hebraica e sua relação com o homem. Adoum explica que, uma vez dotados de mente, perdemos nossa vista espiritual ao chegarmos a esse mundo externo. Essa seria a "queda original" a que Hutin se refere, e por intermédio da Alquimia seria possível essa religação. A Maçonaria, assim como outras ordens iniciáticas, trabalha com esse conceito de Alquimia, seja transformando a pedra bruta em pedra polida ou trabalhando pela evolução e pelo aperfeiçoamento da personalidade e do espírito. Algumas organizações iniciáticas, como o Grande Oriente Alquímico, defendem a ideia de que Alquimia é a transformação (ou transmutação) do ser humano, enquanto a química se resume em transmutação da matéria.

Alguns estudiosos da Alquimia admitem que o elixir da longa vida e a Pedra Filosofal são temas reais apenas quando considerados simbólicos, que provêm de práticas de purificação espiritual e, dessa forma, poderiam ser considerados substâncias reais. O próprio alquimista Nicolas Flamel, em sua produção conhecida como *O Livro das Figuras Hieroglíficas*, deixa claro que os termos "bronze", "titânio", "mercúrio", "iodo", "ouro" e que as metáforas serviriam para confundir leitores indignos. Há pesquisadores que identificam o Elixir da Longa Vida como um metal produzido pelo próprio corpo humano que teria a propriedade de prolongar indefinidamente a vida sagrada assim que conseguissem realizar a chamada "Grande Obra de Todos os Tempos", tornando-se, dessa maneira, verdadeiros

[22] Ibid.

alquimistas. Existem referências desse metal desconhecido também na tradição do *Tai Chi Chuan*.

Para Fernando Pessoa, a Alquimia que importava era sem dúvida a da personalidade e do espírito. Vamos relembrar aqui a última definição de Fernando Pessoa acerca da sua posição diante do Ocultismo, contida na carta ao crítico Adolfo Casais Monteiro, carta que provém do último ano de vida do poeta (14 de janeiro de 1935). Em respeito ao desejo expresso do autor, não se publicou em vida a confissão do seu credo ocultista; essa carta apareceu pela primeira vez dentro da grande biografia de J. G. Simões. O trecho mais importante diz:

> Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subutilizando-se até chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros entes, igualmente supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não... Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível de bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto a "iniciação" ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertenço a Ordem iniciática nenhuma. A citação, epígrafe do meu poema "Eros e Psique", de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em Latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente- o que é facto- que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o texto do Ritual, pois não se deve citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho. (apud MONTEIRO, 1985, p. 235-236)

O que merece nosso interesse na leitura dessa carta é, em primeiro lugar, a concepção de reinos hierarquicamente ordenados que, embora invisíveis, aparecem como superiores à existência terrestre. No que se refere aos três caminhos que a carta de Pessoa define como acessos ao mundo do oculto, pelos próprios motivos citados pelo autor, o caminho alquímico é o preferido. A transformação da personalidade que este caminho lhe prescrevia correspondia à sua tendência para o desdobramento do Eu e levava-o a uma fusão original de

Ciências Ocultas e poesia. J.G. Simões interpreta o caminho alquímico do autor com as seguintes palavras:

> Ora, quando Fernando Pessoa declara que o caminho alquímico é aquele em que, mercê da transmutação da personalidade, se prepara a comunicação com o Ente Supremo, muito bem pode querer justificar a sua concepção de poesia – o "fingimento", produto de uma decomposição, transmutação, na criação, ou seja, os heterônimos. (SIMÕES, 1973, p. 247)

Yvette Centeno, que até hoje estuda diretamente o espólio de Fernando Pessoa, em especial o material relativo ao Ocultismo, anos depois confirma que o interesse de Pessoa pelo Ocultismo vai acompanhar o poeta até o fim de sua vida. A pesquisadora explica como o poeta faz da heteronímia um caminho alquímico:

> Trata-se para ele de dar corpo a vários corpos, a partir de um corpo só, de dar vozes a várias vozes, a partir de uma voz só. A iniciação, única e sempre a mesma, que encontramos no pensamento filosófico como na atividade literária, é a do desdobramento que na Criação se verifica desde o primeiro ser, o Adão primordial de gnósticos, kabalistas, alquimistas – todos que se dizem herdeiros de uma tradição hermética. Desdobramento, multiplicação, que só depois de assumidos e esgotados permitem a unidade.
> O poeta, adepto por excelência, tem o desejo (ora mais ora menos reprimido) desse primeiro tempo de androginia perfeita. Mas só quando esgotar o mundo do possível pode sonhar recuperá-lo. (CENTENO, 1990, p. 10)

Para Fernando Pessoa, o desdobramento da personalidade em diversos heterônimos será algo necessário; somente depois de sentir tudo de todas as maneiras, de ser vários, ele poderia chegar a uma unidade. Podemos perceber que, para o poeta, o caminho alquímico seria o ideal; essa Alquimia, transmutação da própria personalidade, é matéria recorrente em diversas ordens iniciáticas ou vertentes ocultistas. Por exemplo, na própria Maçonaria há uma abundância de ritos e símbolos que fazem menção à Alquimia e o polimento da "pedra bruta" da alma, sendo a busca por uma evolução espiritual um dos objetivos dos maçons. Acreditamos que a poesia está sempre envolvida no processo quando falamos de Fernando Pessoa e procuraremos desenvolver essa ideia nas páginas a seguir.

Para que possamos expor com mais clareza as relações que queremos demonstrar, vamos iniciar procurando entender como podem relacionar-se a poesia e a Alquimia. Desse modo, temos uma contribuição significativa para o entendimento dessa relação entre poesia e Alquimia: o livro de Maria Lúcia Dal Farra *A Alquimia da Linguagem*. Apesar de tratar da

poesia de Herberto Hélder, Dal Farra analisa a poesia de Fernando Pessoa como forma de exemplo e comparação, desenvolvendo reflexões que valorizam o estudo da poesia como processo alquímico. Em seguida, há uma reflexão interessante sobre o processo alquímico da poesia, que acreditamos estar muito relacionado ao feito por Pessoa. Dal Farra explica que a transmutação e a Alquimia levam o homem de volta a sua própria natureza, pela conversão de muitos elementos em um e um elemento em muitos. Considerando-se todos os elementos naturais como aqueles que fazem parte do ser e se confundem com ele, o processo alquímico seria uma espécie de transmutação evolutiva. Para a autora, na imanência das substâncias há reciprocidade entre as manifestações da natureza e do homem. Como as energias vitais encontram-se no homem de maneira desordenada, é necessário que, por meio de um processo alquímico, a ordem seja estabelecida: "A finalidade é justamente a reintegração consciente dessa força de vida, existente na natureza, no homem: a operação concluída indica a obtenção do "ouro", a superação da condição 'humana'" (FARRA, 1986, p. 145). Isso ocorrerá pelo autoconhecimento e pelo conhecimento do outro; a compreensão simultânea do homem e do mundo, ou, quem sabe, *sentir tudo de todas as maneiras*. Uma das obsessões de Pessoa.

O estudo do Ocultismo, acreditamos, foi o que levou o poeta ao caminho alquímico e a tentativa de superação da condição humana, como menciona Dal Farra, seria o objetivo. Pelo caminho alquímico, Pessoa poderia entrar no laboratório da poesia e ali fazer suas experiências, transmutações e buscar a obtenção do ouro. Mesmo João Gaspar Simões, pouco inclinado a dar grande atenção à questão ocultista, mencionou as leituras feitas por Pessoa a respeito de Hermes Trismegisto e descreve etapas do procedimento alquímico mencionadas nelas: "Segundo Trismegisto existiam diversos processos para se obter o oiro: a calcinação, a putrefação, a solução, a destilação, a conjunção, e, finalmente, a fixação". Ao designar a poesia como laboratório alquímico de Pessoa, Simões não conhecia ainda um apontamento do poeta sobre Goethe que confirma sua tese, fragmento de ensaio que Pessoa queria escrever sobre o centenário de Goethe em 1932: *O Génio*. Diz o trecho mais importante: "*é uma alquimia. O processo alquímico é quádruplo: 1) putrefação, 2) albação, 3) rubificação, 4) sublimação. Deixam-se apodrecer as sensações; depois de mortas enbranquecem-se com a memória; em seguida rubificam-se com a imaginação; finalmente se sublimam pela expressão*" (PESSOA, 1986, p. 269). Como podemos notar, Pessoa descreve o procedimento do escritor de *O Génio* comparando-o ao ofício do alquimista.

Sobre a Alquimia, ainda, voltamos a uma definição de Dal Farra: "A alquimia (...) nada mais é que um simbolismo metalúrgico referente a factos do espírito. Ela encerra, portanto,

uma metafísica, a 'conversão filosofal' de um ser em outro ser, a troca das naturezas por meio da relação que o homem mantém entre seu corpo e seu 'eu'" (FARRA, 1986, p. 146). Assim, inicialmente, tentaremos compreender a posição de Pessoa em relação ao seu corpo e seu "eu" em alguns dos seus poemas, segundo o viés ocultista. Os poemas cujos versos aqui são trabalhados como ilustrações do diálogo entre Alquimia e poesia, entre outros também esotéricos, estarão na íntegra no Anexo deste trabalho.

Em princípio, vamos partir de premissas acerca da existência física (corpo) e a existência invisível ("eu") notadas em alguns poemas de cunho ocultista. Em diversos poemas esotéricos, Fernando Pessoa apresenta a existência terrestre humana como sombra, sono, como local de exílio; a realidade terrestre concreta é vista como ilusória, um sonho. Podemos observar esse entendimento em poemas como o *ipse* escrito em 9 de maio de 1934: "Neste mundo em que esquecemos/ Somos sombras de quem somos,/ E os gestos reais que temos/ No outro em que, almas, vivemos,/ São aqui esgares e assomos" (PESSOA, 1986, p. 112). No mundo terrestre estaríamos sem a memória do verdadeiro mundo, em que somos almas, o nosso "eu" verdadeiro não estaria aqui, mas em outro plano, no plano físico existem apenas vestígios do "eu" verdadeiro (FARRA, 1986, p. 146). Em *Iniciação* temos mais um exemplo: "Não dormes sob os ciprestes,/ Pois não há sono no mundo./ O corpo é a sombra das vestes/ Que encobrem teu ser profundo/ Vem a noite, que é a morte/ E a sombra acabou sem ser" (PESSOA, 1986, P. 95). O dormir entre ciprestes, que seria a morte do corpo físico, na verdade não é a morte e sim a ausência da sombra (próprio corpo físico) que encobre o ser profundo, o eu verdadeiro, a vida terrestre finda sem nunca ter existido; a morte física não é sono, mas revelação; a ideia persiste com mais ênfase no poema intitulado e já mencionado anteriormente *No Túmulo de Christian Rosenkreutz*: "Quando, despertos deste sono, a vida,/ Soubermos o que somos, e o que foi/ Essa queda até corpo, essa descida/ Até a noite que nos a Alma obstrui(...)".[23] Nosso despertar ocorre apenas com a morte do corpo físico, pois este obstrui a verdadeira alma que desceu a este plano e manteve-se obstruída pela escuridão; a existência física é, na verdade, a noite que não nos permite que enxerguemos nossa verdadeira alma.

Para os iniciados, a vida terrestre é apenas um reflexo da vida espiritual, o "eu terrestre", passageiro, está ligado ao seu "eu verdadeiro", mas não pode enxergá-lo, pois encontra-se imerso na escuridão; somente aqueles que veem a luz possuem esse conhecimento e sabem que mediante um processo de autoconhecimento espiritual é possível uma

[23] Ibid. P. 124

aproximação do "eu verdadeiro". Para que seja possível essa aproximação, é necessária uma transformação, é preciso libertar-se da sombra, do eu terrestre. Dessa maneira, somente por meio da Alquimia o homem pode transformar-se em seu "eu" verdadeiro que permanece oculto.

Para alcançar o "eu" profundo no plano terrestre, o poeta deve seguir pelo caminho alquímico. Yvette Centeno, ao comentar sobre a lei à qual Pessoa estaria subordinado e que era desconhecida de Ophélia, diz que essa lei:

> (...) apresenta uma visão dualista do mundo, que é o mundo da mistura (não puro), a esfera mais baixa da emanação no universo criado. A perfeição, para os cátaros como para os gnósticos, supõe a androginia, o regresso ao estado do Adão primordial descrito no Génesis. O corpo subtil desse Adão deve ser glorificado, em detrimento do corpo material do outro, já corrupto, do homem". (CENTENO, 1990, p. 11)

O corpo somente voltará ao seu estado de pureza, ao seu "eu" verdadeiro, se passar por um processo alquímico, ou seja, para retornar ao seu estágio primeiro são necessárias transformações que, no caso de Pessoa, poderiam ser obtidas pela via poética. Ainda sobre esse ponto continuaremos com Centeno:

> A iniciação única e sempre a mesma, que encontramos no pensamento filosófico como na actividade literária, é a do desdobramento que na Criação se verifica desde o primeiro ser, o Adão primordial de gnósticos, kabalistas, alquimistas – todos se dizem herdeiros de uma tradição hermética. Desdobramento, multiplicação, que só depois de assumidos e esgotados permitem a unidade. O poeta, adepto por excelência, tem o desejo (ora mais ora menos reprimido) desse primeiro tempo de androginia perfeita. Mas só quando esgotar o mundo do possível pode sonhar recuperá-lo.[24]

Assim, podemos considerar que a heteronímia pessoana pode ser uma via alquímica. Sentir tudo de todas as maneiras, esgotar-se dentro de todas as possibilidades, seria um dos métodos utilizados por Pessoa para obtenção do ouro, *o exercício da heteronímia, é neste sentido, um verdadeiro exercício espiritual não confessado*,[25] diz Centeno. Dessa maneira, concebemos que Pessoa conhecia a diferença entre o "eu terrestre" e o "eu verdadeiro" e sabia que só alcançaria o segundo através da Alquimia que poderia ser feita através de sua própria poesia. Cabe ainda uma citação de Dal Farra acerca do assunto: "A transmutação, processo

[24] Ibid. P. 10.
[25] Ibid. P. 11.

que leva à morte iniciática e à ressureição, não é uma alteração, mas uma integração, realização e consumação do que nele estava imperfeito" (FARRA, 1986, p. 146).

A relação alquímica entre poesia e Ocultismo não fica restrita apenas à tentativa de purificação espiritual utilizando a via poética. A própria filosofia ocultista pode transformar-se em criação poética. Uma citação de um ritual da Ordem Templária presente no espólio do poeta é de grande valia para que possamos entender o que era revelado aos iniciados e como a filosofia ocultista se transmutava para obra de arte poética. Nela o Mestre revela ao neófito:

> Recebestes a luz da Ordem em que éreis cego. Ides receber agora sua Veste de que éreis nu. Agora que recebestes a Luz e a Veste da Ordem, estareis lembrado de que vos falta a Guarida da Ordem. A luz não vos deu mais que luz; mas a luz passa e vem a noite e vós não a tendes. A Veste não vos deu mais que a Veste; por baixo dela sois nu como éreis. A Guarida porém vos dará o onde tenhais luz e abrigo, ainda que na guarida estejais nu...Cego, nu e pobre entrastes na vida. Cego, nu e pobre entrareis na morte. Não há, porém, vida nem morte: não há Neófito, senão vida. O que vos sucedeu ao nascer, vos sucederá ao morrer: entrareis na vida. Isto é verdade; o entendimento dela é convosco, assim como o regrar-vos por ela como deveis. (PESSOA apud LIND, 1981, p. 284)

Podemos notar que o poema intitulado *Iniciação* é a releitura do ritual anteriormente descrito, fundindo o conhecimento iniciático com o fazer poético:

> Iniciação
>
> Não dormes sob os ciprestes,
> Pois não há sono no mundo.
> .....
> O corpo é a sombra das vestes
> Que encobrem teu ser profundo.
> Vem a noite, que é a morte
> E a sombra acabou sem ser.
> Vais na noite só recorte,
> Igual a ti sem querer.
> Mas na Estalagem do Assombro
> Tiram-te os Anjos a capa.
> Segues sem capa no ombro,
> Com o pouco que te tapa.
> Então Arcanjos da Estrada
> Despem-te e deixam-te nu.
> Não tens vestes, não tens nada:
> Tens só teu corpo, que és tu.
> Por fim, na funda caverna,
> Os Deuses despem-te mais.
> Teu corpo cessa, alma externa,
> Mas vês que são teus iguais.

.....
A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não estás morto, entre ciprestes.
.....
Neófito, não há morte.
(PESSOA, 1986, p. 95)

Alguns poemas de Pessoa tratam das dificuldades que o caminho iniciático impõe. *Na sombra do Monte Abiegno*[26] é um deles: "Na sombra do Monte Abiegno/ Repousei de meditar./ Vi no alto o alto Castelo/ Onde sonhei de chegar./ Mas repousei de pensar/ Na sombra do Monte Abiegno". O castelo, o símbolo da iniciação mais alta, é o motivo dominante do poema, ele é a finalidade do caminho purificador, enquanto o Monte Abiegno é para a Maçonaria um elevado lugar de purificação. Pessoa, nesse poema, mostra a busca não apenas do grau mais alto da iniciação, mas, além dessa, está em busca da realização da poesia mais alta para atingir esse ponto. O caminho não é fácil e o poeta não se sente em condições de, por ora, chegar ao Castelo: "Talvez um dia, mais forte/ Da força ou da abdicação,/ Tentarei o alto caminho/ Por onde ao Castelo vão./ Na sombra do Monte Abiegno/Por ora repouso, e não". A impossibilidade de atingir o conhecimento espiritual mais alto e a perfeição suprema da sua arte incomoda o poeta: "Quem pode sentir descanso/ Com o Castelo a chamar?/ Está no alto, sem caminho/ Senão o que há por achar./ Na sombra do Monte Abiegno/ Meu sonho é de o encontrar". Dada a impossibilidade de alcançar o Castelo, onde está a verdade, o plano celeste e a arte mais perfeita, há o lamento: "Mas por ora estou dormindo/ Porque é sono o não saber./ Olho o Castelo de longe,/ Mas não olho o meu querer/ Da sombra do Monte Abiegno/ Que me virá desprender?". O Castelo nesse poema, apesar de visível, parece utópico e distante; não há a certeza de alcançá-lo. Nessa ótica, podemos perceber que, ao não atingir o objetivo, o que fica é a angústia e a inquietação diante da impotência de alcançar a verdade. Esses traços estão presentes na própria vida de Pessoa, já que, apesar de todo o conhecimento adquirido por meio do Ocultismo e de uma criação poética do mais alto nível, a realização de seus projetos não chegou a ser alcançada de maneira plena. Ainda assim acreditamos que o caminho alquímico pode ser considerado uma espécie de síntese das relações entre Ocultismo e poesia em Pessoa, um local de intersecção onde os mais diversos elementos se mostram presentes e em constante transformação, sem, contudo, chegarem a um lugar de conforto ou de completa sublimação.

[26] Ibid. P. 96.

2. O FAZER POÉTICO ENTRE O VAZIO E O SENTIDO

"Sou um monte confuso de forças cheias de [infinito
Tendendo em todas as direcções para todos [os lados do [espaço,
A Vida, essa coisa enorme, é que prende [tudo e tudo une
E faz com que todas as forças que raivam [dentro de mim
Não passem de mim, não quebrem meu ser, [não partam meu corpo,
Não me arremessem, como uma bomba de [Espírito que estoira
Em sangue e carne e alma espiritualizados [para entre as estrelas,
Para além dos sóis de outros sistemas e dos [astros remotos.
Tudo o que há dentro de mim tende a voltar [a ser tudo."

(Álvaro de Campos)

No primeiro capítulo, acreditamos ter sido possível apresentar um apanhado do percurso de Pessoa e de sua obra poética pelos meandros do Ocultismo. Depois da possibilidade que tivemos de observar todo o caminho ocultista/esotérico percorrido por Fernando Pessoa, procuraremos nos ater na forma como sua poesia pode ser lida enquanto uma expressão que se aproxima não só do caminho místico, mas de inúmeros conceitos estudados anteriormente na Literatura e na Filosofia. A obra de Pessoa pode ser – e é – lida das mais diferentes formas, com diversas interpretações, todavia nossa proposta é não só relacioná-la com o Ocultismo, mas mostrar também que temos razões para acreditar que se trata de um exercício do transcendente, uma tentativa de, através da poesia, penetrar no impenetrável.

Essa compreensão da poesia de Pessoa como uma concepção de um conhecimento espiritual, ou mesmo como um laboratório para encontrar esse conhecimento, pode ser notada desde a estrutura de sua obra como um todo, a partir dos heterônimos, suas datas de nascimento meticulosamente encaixadas em determinados períodos astrológicos, até a confecção de *Mensagem* (1934), onde temos a fusão da história de Portugal com diversos elementos esotéricos. Uma leitura "ocultista" da poesia pessoana é mais do que simplesmente considerar apenas os "poemas ocultistas": defendemos a hipótese de que a obra inteira pode ser vista como a oficina de um alquimista.

É importante ressaltar ainda que é possível uma leitura de Pessoa sob o viés ocultista conjugado com hipóteses teóricas levantadas por pensadores da Literatura e mesmo filósofos voltados para a Arte, e é nesse ponto, acreditamos, que estamos chegando agora. Neste capítulo, procuraremos demonstrar como aspectos fundamentais da produção teórica, tais como autoria, impessoalidade, alteridade, espaço literário, vazio e outras noções próximas ou equivalentes podem ser lidos tanto através de uma ótica de cunho ocultista, como através de uma análise baseada em teóricos, filósofos e literatos que tomaram tais aspectos como objetos de estudo.

2.1 O ESTILHAÇAMENTO DO AUTOR

"Não desejes nada. Não se indignes contra o Carma, nem contra as leis imutáveis da natureza. Mas luta contra o pessoal, o transitório, o evanescente, o que tem que perecer."

(Helena Blavatsky)

A questão da autoria é uma peça-chave no quebra-cabeças pessoano, então buscar um entendimento ou uma leitura que dê conta dessa questão é de fundamental importância quando falamos de uma obra poética como a de Fernando Pessoa. As mais diversas teses acerca da heteronímia pessoana já foram e ainda são levantadas e discutidas, por isso, a partir de agora tentaremos expor nosso entendimento dessa questão, entendimento esse que levará em consideração tanto o componente esotérico, quanto os conceitos estudados pelas ciências humanas através de grandes teóricos.

Iniciaremos nossa reflexão buscando compreender a noção contemporânea de autor para, se possível, aproximá-la do entendimento esotérico e, desse modo, verificar se é viável chegar ao mesmo lugar utilizando os dois caminhos. Utilizaremos para esse ofício, em princípio, os pensamentos de grandes "autores", a fim de desenvolver nosso raciocínio, a saber, Barthes e Foucault.

Roland Barthes escreveu um pequeno texto que causou bastante discussão e reflexão acerca da questão do autor, denominado *A morte do autor*. Nesse texto, o estudioso francês apresenta diversas considerações a respeito da autoria de uma obra, segundo as quais o texto não pode ser considerado como pertencente a um "dono", ou tendo um significado fechado. Além disso, o autor seria considerado um reprodutor de textos e de experiências anteriores filtradas pela sua subjetividade. Vamos a um trecho:

> [...] o escritor só pode imitar um gesto sempre anterior, jamais original; seu único poder está em mesclar as escrituras, em fazê-las contrariar-se umas pelas outras, de modo a nunca se apoiar em apenas uma delas [...] o escritor não possui mais em si paixões, humores, sentimentos, impressões, mas esse imenso dicionário de onde retira uma escritura que não pode ter parada: a vida nunca faz outra coisa senão imitar o livro, e esse mesmo livro não é mais que um tecido de signos, imitação perdida, infinitamente recuada (BARTHES, 1988, p. 69).

Partindo dessa premissa, podemos considerar que um texto tem seu início muito antes do nascimento do próprio autor. Um texto já está sendo gerado tempos antes, infinitamente antes, através de escritos e acontecimentos que influenciarão os "autores" que virão posteriormente. Dessa maneira, à obra não se pode atribuir uma plena exclusividade, pois ela seria resultado dessa série de eventos anteriores que ocorreram independentemente do autor. De certa forma, o autor morre como identidade autônoma, mas acaba fazendo parte do grande universo da escrita: "A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge nosso sujeito, o preto-e-branco para onde foge toda a nossa identidade, a começar precisamente pelo corpo que escreve"[27].

Barthes propõe, dessa maneira, que os textos são "abertos" e que seus significados não são prerrogativa do autor, uma vez que a escrita é formada por leituras prévias de textos escritos anteriormente e o texto, por sua vez, pertence a outro espaço, assim como a sua autoria pertence a uma dimensão mais abstrata, que se forma em um mundo fora da subjetividade de quem escreve:

> Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a mensagem de um "Autor-Deus"), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura.[28]

A afirmação de Barthes faz com que nos lembremos de uma citação de outro estudioso, de outro campo do conhecimento, a conhecida Lei de Lavoisier ou lei da conservação das massas: "(...) os átomos são conservados, eles apenas se rearranjam. Os agregados atômicos são desfeitos e novos agregados são formados (...) na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma". Curiosamente, a tese esotérica de universo uno, que foi, de certa forma, sintetizada na famosa música Gita[29] de Raul Seixas e Paulo Coelho, possui uma relativa aproximação com concepções científicas e até mesmo como a hipótese barthesiana, caso partamos da projeção da Literatura enquanto um universo. No universo da escrita, os textos pertencem a uma coletividade abstrata que participa da sua própria elaboração, que, por sua vez, está envolvida na sucessão de acontecimentos que proporcionaram a existência daquele texto.

---

[27] Id. 2004, p. 57
[28] Ibid., p. 62
[29] Letra em anexo.

Antes de abordar com mais cuidado as concepções esotéricas que justificam o desaparecimento ou estilhaçamento do autor, vamos buscar algumas referências em um texto de Michel Foucault denominado *O que é um autor*. No texto em questão, Foucault, além de reforçar as ideias já colocadas por Barthes, propõe uma função autor, que responderia pela existência daquele que profere a palavra já existente e fala em sacrifício. Vejamos:

> A escrita atualmente está ligada ao sacrifício, ao próprio sacrifício da vida; apagamento voluntário que não é para ser representado nos livros, pois ele é consumado na própria existência do escritor. A obra que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina de seu autor. (FOUCAULT, 2002, p. 7)

De acordo com Foucault, a relação do escritor com a escrita é de sacrifício, de apagamento voluntário, de aceitação do desaparecimento da identidade. Essa relação se assemelha ao que se diz ao adepto ou iniciado antes de começar sua jornada em busca da verdade nas sendas esotéricas. Podemos utilizar como exemplo *Voz do Silêncio*, livro de Madame Blavatsky traduzido por Fernando Pessoa. Nesse livro, há muitas passagens que remetem a essa ideia: "Não desejes nada. Não se indignes contra o Carma, nem contra as leis imutáveis da natureza. Mas luta contra o pessoal, o transitório, o evanescente, o que tem que perecer"[30]. Ainda no texto de Foucault, temos outra passagem interessante que nos ajudará a aproximar esses conceitos de filosofia e teoria literária a outros, presentes nos ensinamentos esotéricos:

> Essa relação da escrita com a morte também se manifesta no desaparecimento do sujeito que escreve; através de todas as chicanas que ele estabelece entre ele e o que ele escreve, o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que a singularidade de sua ausência; é preciso que ele faça o papel do morto no jogo da escrita. Tudo isso é conhecido; faz bastante tempo que a crítica e a filosofia constataram esse desaparecimento ou morte do autor.[31] (FOUCAULT, 2002, p. 7)

O conceito de morte ou desaparecimento do autor, levantado por Foucault e, em seguida, por Barthes[32] é o nosso ponto de partida para chegarmos a um outro conceito correlato bastante presente na cultura esotérica: o desaparecimento do eu. Assim como na Literatura, o adepto deve abdicar de sua identidade para alcançar a iluminação.

---

[30] Ibid.
[31] Ibid.
[32] Foucault profere a famosa palestra denominada O que é um autor em 1969 e Barthes publica seu texto em 1988.

Acreditamos que a perda da identidade autoral é uma tarefa análoga à perda da identidade do adepto e faremos nossa tentativa de delinear a poesia pessoana como exercício do oculto, abordando a questão do autor – ou daquele que está escrevendo, se existe mesmo o autor e quem é esse autor. Dentre os poemas que fazem parte da obra de Fernando António Nogueira Pessoa, há assinaturas de diversos "autores", dentre os quais o próprio Fernando Pessoa. São dezenas de heterônimos que fazem parte de um imenso mural, ou melhor, de um imenso quebra-cabeça. Já tivemos a oportunidade de apreciar um leque extenso de hipóteses acerca da questão dos heterônimos, que vão desde a psicografia até questões patológicas, dentre outras mais, ou menos radicais. Tentaremos aqui comunicar outra hipótese voltando à tradução feita por Pessoa do livro de Madame Blavatsky, *A Voz do Silêncio*:

> Diz a grande Lei: 'Para te tornares conhecedor da Personalidade Total, tens primeiro que conhecer a Personalidade.". Para chegares ao conhecimento dessa Personalidade, tens de abandonar a personalidade a não-personalidade, o ser ao não ser, e poderás então repousar entre as asas da Grande Ave. Sim, é suave o descanso entre as asas daquilo que nasce, nem morre, mas é o AUM através de eras eternas'. (BLAVATSKY, 1969, p. 65)

No Ocultismo e em inúmeras ordens esotéricas, é clássico o ritual da iniciação, no qual o iniciado morre simbolicamente para renascer; o renascido iniciado deixa para trás a vida que tinha, purificado e preparado para seguir um novo caminho. Em doutrinas como a Teosofia, esse renascer vai além e propõe a destruição da personalidade e, fazendo eco a Pessoa, sentir tudo de todas as maneiras e também ser todos ao mesmo tempo só é possível na medida em que não se é ninguém. É realmente curioso como a fragmentação da personalidade rumo a uma completa despersonalização, como podemos ver no universo pessoano, aproxima-se muito de determinados conceitos teosóficos:

> A Pessoa da matéria e a Pessoa do espírito jamais podem se encontrar. Uma delas tem que desaparecer; não há lugar para ambas.
> Antes que a mente da tua Alma possa compreender, deve a flor da personalidade ser esmagada em botão, e o verme dos sentidos destruído até não poder ressurgir.
> Não podes caminhar no Caminho enquanto não te tornares, tu-próprio, esse Caminho[33].

Como podemos observar, na doutrina de Blavatsky, traduzida por Pessoa, já há uma apresentação sobre a importância da despersonalização e a sugestão de que o adepto abandone sua própria personalidade e se torne, ele mesmo, o caminho.

[33] Ibid. p. 73

A crítica contemporânea discute há algum tempo o papel do autor, sua existência, sua validade e seu "lugar de honra", em favor do texto, da linguagem, do que foi escrito, como agora parece prevalecer nos estudos literários. A linguagem, e não a autoria, é o que está no cerne da discussão. Nesse momento em que o autor perde sua prerrogativa e desaparece engolido pela linguagem e por uma infinidade de textos que remetem a outros e que remetem a outros mais em um universo de intertextualidade, eis mais um conselho esotérico de Blavatsky traduzido por Pessoa:

> Afasta-te da ignorância e da ilusão também. Vira o rosto às decepções do mundo; desconfia dos teus sentidos; eles mentem. Mas dentro do teu corpo – escrínio das tuas sensações – procura no impessoal o Homem Eterno; e tendo-o procurado, olha para dentro; tu és Buda.
> Rejeita o aplauso, ó crente; o aplauso conduz a ilusão de si próprio. O teu corpo não é Personalidade, a tua Personalidade é em si, sem corpo e o elogio ou a censura não o atingem.
> O contentamento de si-próprio, ó discípulo, é uma torre altíssima, à qual um insensato orgulhoso subiu.[34]

Podemos notar como na Teosofia há um elogio à impessoalidade, recorrente no texto, impessoalidade que se coloca como imprescindível e que marca a necessidade do desaparecimento da personalidade. Ao notar tal inclinação, é impossível não lembrar de Maurice Blanchot, pessoa física, indivíduo, quase desaparecido em vida[35] enquanto o Blanchot autor refletia sobre a existência de um espaço literário. Vários outros escritores e diferentes correntes de pensamento também se utilizaram do distanciamento derivado do apagamento da personalidade, e tanto Blanchot como Barthes citam Mallarmé como figura emblemática e tributária deste fenômeno.

Há, no entanto, uma questão que surge diante de nossa reflexão acerca da morte do autor. A ideia de uma morte anunciada, de caso pensado: uma morte programada por quem escreve, essa morte, no caso de Pessoa, que é nosso objeto de estudo. Essa morte estaria a serviço tanto de sua viagem iniciática, quanto do desempenho do seu papel enquanto poeta. Maurice Blanchot, ao analisar a experiência de Mallarmé, comenta o assunto:

> Quem sonda o verso deve renunciar a todo e qualquer ídolo, tem que romper com tudo, não ter a verdade como horizonte nem o futuro como morada, porquanto não tem direito algum à esperança, deve, pelo contrário,

[34] Ibid. P. 91
[35] Maurice Blanchot era totalmente avesso a aparições públicas e vivia praticamente recluso.

> desesperar. Quem sonda o verso morre, reencontra a sua morte como abismo. (BLANCHOT, 2011, p. 31)

Como é possível observar, o pronunciamento do escritor e intelectual francês soa parecido com os conselhos de Blavatsky a seus adeptos; a necessidade de renúncia, o rompimento total com uma vida e uma personalidade fazem parte tanto do fazer poético quanto do caminho do místico; a despersonalização é, portanto, um ponto de interseção entre teoria literária e esoterismo.

A disposição para essa renúncia pode ser encontrada na obra pessoana, antes mesmo de Blanchot, Foucault ou Barthes abordarem o assunto. Podemos apreciar na produção de Pessoa essa prática em pleno exercício. O poeta português decide abrir mão de si mesmo em favor da poesia, talvez inspirado por ensinamentos ocultistas. E a maneira de consumar essa renúncia e oferecer-se em sacrifício passa, sob nosso ponto de vista, pela questão da despersonalização heteronímica:

> Pulverização da personalidade: não sei quais são as m[inhas] ideias, nem os m[eus] sentimentos nem o meu carácter... Só sinto uma coisa, enq[uan]to a sinto na pessoa visualizada de uma qualquer criatura que aparece em mim. *Substitui os meus sonhos a mim-próprio.* Cada pessoa é apenas o seu sonho de si-próprio.
>
> Eu nem isso sou. (apud LOPES, 1990, p. 214, grifos do autor)

A saída para Pessoa perder sua identidade como adepto e morrer como autor pode muito bem ser o desdobramento, isto é, ser muitos para, dessa forma, não ser nenhum e, através de seus muitos “eus”, atingir os dois objetivos. A pulverização da personalidade a que Fernando Pessoa se refere passa pelo estilhaçamento do autor. O sacrifício, palavra com origem etimológica ligada a um ofício sagrado ou sacro ofício, é uma exigência. É nesse sentido que, de certa maneira, Literatura e Ocultismo se unem, pois são cúmplices na morte do autor.

2.2. O SENHOR DAS MÁSCARAS – DESPERSONALIZAÇÃO

"Sê plural como o universo."
(Fernando Pessoa)

Depois de considerarmos e compreendermos a necessidade do estilhaçamento do autor, procuraremos desvendar a forma como Fernando Pessoa conduz esse processo. Para isso é mister entendermos de que forma acontece a pulverização da personalidade reportada pelo poeta português. Aparentemente surgem diferentes individualidades como resultado da morte do autor, os estilhaços se transformam em outros, os quais, por sua vez, desdobram-se, processo que Pessoa denomina de clivagem. O processo de despersonalização então será marcado pelo jogo heteronímico. Pessoa se transmuta em *persona*, em máscara[36] e foram tantas as máscaras que se *apegaram a cara* como na *Tabacaria*, que não seria mais possível encontrar a pessoa por trás da persona.

Como foi possível perceber, o processo de destruição do eu faz parte tanto da prática literária, quanto do caminho esotérico. Nesse caminho esotérico, a maneira de chegar ao alto da montanha, de trilhar o caminho da verdade, passará pelo surgimento de outros, de muitos, e através de tantas personalidades será possível alcançar a revelação. Paralelamente, o autor se oferece em sacrifício em favor da obra.

Um ponto a ser assinalado é que Pessoa não é o único no universo dos grandes poetas a atentar para a importância da despersonalização. Um exemplo que merece atenção é o de Rimbaud na poesia francesa, poeta que nos permite propor aproximações entre a despersonalização, o fazer poético e a conexão com o desconhecido que a junção desses elementos pode proporcionar. É válido destacarmos, em seguida, algumas passagens que podem corroborar nosso raciocínio e é isso que veremos adiante.

Arthur Rimbaud fez observações extremamente relevantes, suas citações fazem parte do que ficou conhecido como *Carta do vidente*, endereçada a Paul Démeny: "Quero ser poeta, e trabalho para tornar-me vidente: o senhor não compreenderá de modo algum, e eu quase não poderia explicar-lhe, trata-se de chegar ao desconhecido pelo desregramento de todos os sentidos" (RIMBAUD, 1980, p. 186). Ora, o vidente é aquele que possui a faculdade de ver aquilo que aos outros não é possível, é aquele detentor do privilégio de conhecer o passado, o

[36] Persona, palavra italiana derivada do latim, significava originalmente máscara.

presente, o futuro e a verdade através de faculdades absolutamente especiais, que lhe permitem entrar em contato com o transcendente e através dele revelar mistérios. Vejamos então como Rimbaud explica a trajetória do poeta que procura se tornar vidente:

> Digo que é preciso ser vidente, fazer-se vidente. O poeta se faz vidente por meio de um longo, imenso e estudado desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor, de sofrimento, de loucura, ele busca por si mesmo, esgota em si todos os venenos, para guardar apenas suas quintessências. Inefável tortura em que ele precisa de toda a fé, de toda a força sobre-humana, em que ele se torna entre todos o grande doente, o grande criminoso, o grande maldito – e o supremo Sábio! – Pois ele chega ao desconhecido! Já que cultivou sua alma, já rica, mais do que qualquer outro! (RIMBAUD, 1980, p. 186)

Podemos observar que o poeta francês considera fundamental um desregramento que seja longo e estudado, a experimentação de todas as formas de amor, sofrimento e loucura até o esgotamento para cultivar a própria alma, que enriquecida pela experiência, encontraria o desconhecido. Consideramos que a despersonalização pessoana passa por um caminho bem semelhante ao apontado por Rimbaud, sendo digno de nota que, na mesma carta citada, o poeta das Ardenas afirme explicitamente: Je est un autre – [Eu é um outro]. É possível deduzir que através do outro, o poeta acumula os mais variados tipos de experiências e que essa vivência lhe permite subir degraus; portanto, na manifestação de diferentes *eus* estaria o caminho da sabedoria e do desconhecido.

Devemos destacar, assim como fizemos quando tratamos da questão do desaparecimento do autor, que o desdobramento em outros não é exclusivo de um pensamento gerado no campo literário e poético, pois, do mesmo modo em que esse conceito serve ao viés do poeta, servirá também ao iniciado. Tivemos a oportunidade de rever no capítulo passado as orientações de Madame Blavatsky acerca da ilusão da personalidade e podemos prosseguir observando que, em outros campos do chamado ocultismo, encontramos noções similares relativas à despersonalização. O mago inglês Aleister Crowley, em comentário sobre seu *Livro da Lei*, orienta o adepto no sentido de tornar-se o todo, estabelecendo relações com outras identidades (estrelas), já que a conjunção entre um indivíduo e uma possibilidade geraria crescimento e seria um processo que se repetiria perpetuamente:

> Todo homem e toda mulher é uma estrela. 27 (Uma estrela é uma identidade individual; ela irradia energia, ela segue, isto é um ponto de vista. Seu objetivo é se tornar o todo ao estabelecer relações com outras estrelas. Cada relação destas é um Evento: é um ato de Amor sob Vontade). Amor = 1 + (-1) = (a) 0 e (b) 2. Isto é expresso pela Mãe (hé), pelo Pai (yod), então o Filho

> (vau) (=2), então a Filha (hé final) (=0). Este processo se repete perpetuamente. Um Evento é a coisa definitiva no Universo: ela é a conjunção de um Indivíduo com uma Possibilidade. Cada (I + P) é único e infinito; logo é assim para cada Evento28. O Indivíduo é medido pelo número e importância dos Eventos pertencentes ao seu crescimento; isto é, ao número de Possibilidades que ele realizou. (CROWLEY, 1904, acessado em 20/01/2016)

É possível notar que Crowley considera a evolução proporcional ao número de eventos, de relações com outras estrelas, sendo o objetivo tornar-se o Todo através dessas relações com outras estrelas, criando eventos e possibilidades. Além disso, no mesmo *Livro da Lei*, Crowley apresenta a morte como coroação daquele que completou as possibilidades:

> Segue-se que a 'morte é a coroação de tudo'. Pois uma vida que tenha cumprido todas as suas possibilidades cessa de ter um propósito; a morte é o seu diploma, por assim dizer; ela está pronta para se disponibilizar às novas condições de uma vida maior. Da mesma forma, um estudante que tenha realizado o seu trabalho morre para a escola, reencarna em barrete e toga, triunfa nas viagens, morre para os claustros e é renascido para o mundo. (CROWLEY, 1904, acessado em 20/01/2016)

O propósito da vida, assim, seria o de cumprir o maior número de possibilidades e eventos quanto forem possíveis, dessa maneira, o adepto estaria preparado para a "vida maior". Uma nota curiosa, ainda acerca da questão da autoria, é que o *Livro da Lei*, de Crowley, não seria de autoria do próprio mago inglês, na verdade teria sido ditado ao místico por uma entidade chamada Aiwass, enviada pela divindade egípcia Hórus.

Depois dessa breve introdução, vamos examinar a despersonalização através da poética do próprio Pessoa. Começaremos, com uma passagem tradicional quando se fala de heteronímia pessoana, presente em *Passagem das horas* de Álvaro de Campos:

> Sentir tudo de todas as maneiras,
> Viver tudo de todos os lados,
> Ser a mesma coisa de todos os modos
> [possíveis ao mesmo tempo,
> Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
> Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.
> (PESSOA, 1923, p. 26b)

Temos nessa passagem a voz de um heterônimo, no caso Campos, que caminha para uma nova despersonalização. Pensamos haver relação com o que Pessoa chamava de clivagem o que na Biologia consiste em uma divisão de organismos primeiro em duas partes,

depois em quatro partes, e daí por diante. Tratar-se-ia de uma despersonalização dentro da despersonalização. Temos um heterônimo, que já é por si só um desdobramento, desdobrando-se mais uma vez. No mesmo poema, Campos diz:

> Toda a energia é a mesma e toda a natureza é o mesmo...
> A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe
> As rodas da locomotiva, as rodas do eléctrico, os volantes do
> Diesel,
> E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado pela mesma coisa.

No mesmo poema, portanto, vemos uma noção de desdobramento, seguida pela noção – tão difundida no esoterismo – de unidade da natureza e do universo. A energia é uma só, o carro movido à gasolina ou puxado por cavalos se move pela mesma energia; tudo faz parte de um só corpo, o universo é uno e desdobrar-se é aproximar-se dessa unidade.

É importante também retornar a outro poema de Pessoa, assinado igualmente pelo heterônimo Álvaro de Campos. Consideramos que esse escrito nos ajudará a demonstrar como a existência de todos os "eus" seria uma forma de chegar ao transcendente buscado por Pessoa. Pensamos que, para o poeta, uma única identidade seria uma prisão, um engano e um obstáculo para alcançar a totalidade; o encontro com algo maior só poderia se dar através da possibilidade de ser muitos:

> Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
> Sentir tudo de todas as maneiras.
> Sentir tudo excessivamente
> Porque todas as coisas são, em verdade excessivas
> E toda a realidade é um excesso, uma violência,
> Uma alucinação extraordinariamente nítida
> Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
> O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
> Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.
> Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,
> Quanto mais personalidades eu tiver,
> Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
> Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
> Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
> Estiver, sentir, viver, for,
> Mais possuirei a existência total do universo,
> Mais completo serei pelo espaço inteiro fora,
> Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
> Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,
> E fora d'EIe há só EIe, e Tudo para Ele é pouco.

Campos inicia ressaltando a importância das sensações e procurando a melhor maneira de "viajar", para, em seguida, considerar que, quanto maior o número de personalidades, mais próximo se pode chegar ao universo e a Deus ("seja ele quem for"). Outra vez é possível notar a presença da ideia de universo uno, traço que comparece em tantas vertentes esotéricas: somos todos um só universo. Com a habitual euforia, Campos prossegue na crença de que cada alma é caminho para Deus, que todos os caminhos levam ao mesmo lugar e mantém a ideia de unidade:

> Cada alma é uma escada para Deus,
> Cada alma é um corredor-Universo para Deus,
> Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
> Para Deus e em Deus com um sussurro soturno.
> Sursum corda! Erguei as almas! Toda a Matéria é Espírito,
> Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos
> Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho
> E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!

Em seguida, o heterônimo pessoano mostra como as forças vitais pulsam dentro dele próprio, em comunhão com tudo que existe e como são equilibradas através do caos. Ao contrário do exercício presente na poesia de Caeiro, comparado por alguns estudiosos com o zen-budismo, a trilha de Campos se apresenta despojada da ideia de calmaria, resignação e contemplação. O engenheiro naval procura a harmonia em meio ao caos, talvez como homem moderno que era; o mistério vai fundir-se ao universo excessivo; chamas, explosões, abismos, ascensões e quedas fazem parte do frágil equilíbrio de Campos:

> Sou um monte confuso de forças cheias de infinito
> Tendendo em todas as direcções para todos os lados do espaço,
> A Vida, essa coisa enorme, é que prende tudo e tudo une
> E faz com que todas as forças que raivam dentro de mim
> Não passem de mim, não quebrem meu ser, não partam meu corpo,
> Não me arremessem, como uma bomba de Espírito que estoira
> Em sangue e carne e alma espiritualizados para entre as estrelas,
> Para além dos sóis de outros sistemas e dos astros remotos.
> Tudo o que há dentro de mim tende a voltar a ser tudo.

Na confusão de forças carregadas de infinito em um universo onde tudo está interligado e faz parte de um mesmo conjunto, nessa verdadeira explosão cósmica, a carne e o sangue se espiritualizam e se colocam para além das estrelas e corpos celestes; o tudo interior volta a ser o tudo universal. Embora não esteja entre os poemas que costumam fazer parte do que comumente é considerada como poesia ocultista de Pessoa, acreditamos que, nessa explosão

de Campos que é *Passagem das Horas*, há um componente esotérico fortíssimo que se une à necessária despersonalização.

> Tudo o que há dentro de mim tende a despejar-me no chão,
> No vasto chão supremo que não está em cima nem em baixo
> Mas sob as estrelas e os sóis, sob as almas e os corpos
> Por uma oblíqua posse dos nossos sentidos intelectuais.
> Sou uma chama ascendendo, mas ascendo para baixo e para cima,
> Ascendo para todos os lados ao mesmo tempo, sou um globo
> De chamas explosivas buscando Deus e queimando
> A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,
> A minha inteligência limitadora e gelada.
> Sou uma grande máquina movida por grandes correias
> De que só vejo a parte que pega nos meus tambores,
> O resto vai para além dos astros, passa para além dos sóis,
> E nunca parece chegar ao tambor donde parte...
> Meu corpo é um centro dum volante estupendo e infinito
> Em marcha sempre vertiginosamente em torno de si,
> Cruzando-se em todas as direcções com outros volantes,
> Que se entrepenetram e misturam, porque isto não é no espaço
> Mas não sei onde espacial de uma outra maneira-Deus.

Acreditamos que a despersonalização mostrada nesse poema de Campos vai muito além da utilização da máscara ou da assunção de outra personalidade; a noção de Deus se aproxima de algo para além dos astros, algo presente e passível de explodir em tudo que existe. A identidade, portanto, é totalmente esfacelada e fundida ao Cosmo. O tão comentado *jogo da heteronímia*, considerado por muito críticos de Pessoa como uma prática lúdica, torna-se algo mais complexo, carregado de dramaticidade:

> Dentro de mim estão presos e atados ao chão
> Todos os movimentos que compõem o universo,
> A fúria minuciosa e (...) dos átomos
> A fúria de todas as chamas, a raiva de todos os ventos,
> A espuma furiosa de todos os rios, que se precipitam,
> E a chuva como pedras atiradas de catapultas
> De enormes exércitos de anões escondidos no céu.
> Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio
> De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da minh'alma.
> Ruge, estoira, vence, quebra, estrondeia, sacode,
> Freme, treme, espuma, venta, viola, explode.
> Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,
> Se com todo o meu corpo todo o universo e a vida,
> Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,
> Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e fogos
> Sobrevive-me em minha vida em todas as direcções!

Álvaro de Campos fechará seu poema mantendo a linguagem violenta da fúria, dos rugidos, estouros, relâmpagos e fogos, e dentro de si parecem ocorrer eventos extraordinários que remetem à formação do universo, dos planetas, das estrelas. Seu ser arde e sua alma parece fazer parte de um fenômeno natural de grandes proporções. Campos, que já é um *outro* de Pessoa, passa pelo processo de despersonalização cercado por uma brutalidade sobre-humana. Seu ímpeto em desdobrar-se furiosamente retrata até que ponto o processo de despersonalização pode revelar uma multiplicidade de sensações intensas.

O processo de despersonalização, que chega aos heterônimos para muitas vezes desdobrar-se novamente, permeia toda obra de Pessoa. Outro ponto digno de nota é que a utilização da língua portuguesa não é exclusiva, o poeta escreve também em inglês e francês e possui heterônimos de diversas nacionalidades; do italiano antifascista Giovanni Angioletti ao poeta e ensaísta francês Jean Seul, passando pelo americano Karl Effield, que chegou a publicar escritos compostos supostamente na Austrália; heterônimos femininos como Maria José e Olga Baker também se fizeram presentes na composição dos mais de setenta *eus* contabilizados até agora (GANDRA, 2015). Foi elevado o número de máscaras utilizadas por Pessoa: médicos, camponeses, engenheiros, poetas, jornalistas, médiuns, psicanalistas, comerciantes, ocultistas etc. O desdobramento ocorre abarcando os mais variados tipos de persona. Ao que parece, o maior número de possibilidades foi experimentado – lembramos aqui de Crowley e Rimbaud.

Por outro lado, nem sempre a despersonalização trará a ideia de êxtase aparentemente vivenciada por Campos, em alguns casos, a despersonalização poderá trazer apreensão.

Podemos tomar como exemplo Bernardo Soares, o guarda-livros que conheceu Fernando Pessoa em uma taberna e lhe ofereceu o *Livro do Desassossego* para leitura. Este é outro heterônimo interessante, mas, nesse caso, podemos identificar alguém que é atormentado pela experiência da perda da identidade:

> Ainda há dias sofri uma impressão espantosa com um breve escrito do meu passado. Lembro-me perfeitamente de que o meu escrúpulo, pelo menos relativo, pela linguagem data de há poucos anos. Encontrei numa gaveta um escrito meu, muito mais antigo, em que esse mesmo escrúpulo estava fortemente acentuado. Não me compreendi no passado positivamente. Como avancei para o que já era? Como me conheci hoje o que me desconheci ontem? E tudo se me confunde num labirinto onde, comigo, me extravio de mim. (PESSOA, 1982, p. 21)

Em Bernardo Soares, percebemos a ideia de desnorteamento e confusão causados pela perda da identidade; desconhecido de si mesmo, o heterônimo se mostra confuso e preso em um labirinto. Vejamos o que se apresenta em seguida:

> Devaneio com o pensamento, e estou certo que isto que escrevo já o escrevi. Recordo. E pergunto ao que em mim presume de ser se não haverá no platonismo das sensações outra anamnese mais inclinada, outra recordação de uma vida anterior que seja apenas desta vida...
> Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Quem é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim? (PESSOA, 1982, p. 21)

Perdido nesse labirinto entre seus *eus*, Bernardo Soares aborda a questão do desdobramento de modo diferente do que vimos em Campos, mas sendo igualmente um desdobramento de uma persona já antes desdobrada. Outro componente revelador é que a forma como Fernando Pessoa trata de sua relação com Bernardo Soares deixa transparecer que, inclusive, o Fernando Pessoa (ele mesmo, ou o chamado *ortônimo*) é mais um dos heterônimos. Abaixo, outro exemplo desse heterônimo que se desdobra em outros:

> Criei em mim varias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não
> Para criar, destruí-me, tanto me exteriorizei dentro de mim, que dentro de mim não existo senão exteriormente. Sou a cena viva onde passam vários atores representando varias peças.[37]

Poderíamos destacar muitos outros trechos em que vemos os desdobramentos e a despersonalização representados na poesia pessoana: os desdobramentos, os muitos *eus*, e a heteronímia são assuntos que marcaram sobremaneira a poética de Pessoa, tornando-se a marca registrada do poeta. Nossa tentativa aqui é a de revelar um entendimento desses desdobramentos que leve em conta os aspectos estudados por Pessoa dentro do Ocultismo, ao mesmo tempo em que consideramos a despersonalização um formidável recurso artístico, inclusive utilizado com propriedade por outros poetas consagrados. Respeitamos todas as leituras, mas acreditamos que a heteronímia é mais do que um jogo, uma encenação graciosa ou um exercício lúdico, tampouco a consideramos como resultado de desordem patológica. Nossa leitura admite a heteronímia como caminho para despersonalização – perda de identidade – para, dessa forma, atingir propósitos literários e esotéricos.

[37] Ibid.

2.3. NO EXTERIOR O LUGAR DA ALMA

"Vou partir para FORA,
Para o Arredor Infinito,
Para a circunferência exterior, metafísica,
Para a luz por fora da noite,
Para a Vida-morte por fora da morte-Vida."

(Fernando Pessoa)

Há nos escritos pessoanos um apontamento que trata de "sistemas filosóficos" e nele encontramos uma análise que defende o que Pessoa chama de "transcendentalismo absoluto". Diz Pessoa: "Há só um sistema – o transcendentalismo absoluto – que nunca pode sair fora de si próprio, porque abrange tudo". Pessoa procura explicar trazendo conceitos de Espinoza e Malebranche:

> Deus, para Spinoza, só existe no tempo e no espaço, através dos seus atributos. Para Malebranche, existe no tempo e no espaço, porque existe nas coisas e nos espíritos, mas existe também fora do tempo e do espaço, em si próprio.
> T[ranscendentalismo] absoluto: Deus é tudo, mas tudo irrealmente. Uma pedra não é real, como pedra. Uma pedra é uma ilusão do meu espírito. Mas como o meu espírito é Deus e a pedra é Deus, a pedra é real e irreal ao mesmo tempo.
> A natureza é uma irrealidade divina." (PESSOA, 1968, p. 163)

Vale lembrar que Nicolas Malebranche defendia uma filosofia que levasse em conta a união indissolúvel da alma com Deus ao invés das relações entre corpo e alma do indivíduo. Podemos acreditar que essa união da alma com Deus pode acontecer em um espaço que esteja fora da individualização, no exterior e buscaremos demonstrar isso utilizando os heterônimos pessoanos, notadamente Caeiro e Campos. Procuraremos também entender como esse espaço exterior pode ser visto na literatura através de pensadores que vieram posteriormente.

Vamos propor, para que nosso pensamento fique mais claro, uma divisão desse espaço exterior. O exterior pode ser entendido em um sentido metafísico ou esotérico como o lugar que é o tudo e o nada e que absorverá a "alma", que voltará, enfim, para o Universo, único e real ser vivo, aquele em cujo corpo todas as coisas subsistem. Esse exterior é o que nos espera depois da morte, uma noção que está presente em diversas vertentes do ocultismo. Pessoa

certamente conhece esse exterior ocultista e se prepara para ele como iniciado, pois, nesse espaço, a individualidade não existirá. A despersonalização, nesse sentido, é uma preparação para o momento da partida, em que o interior sensível desaparecerá definitivamente. Na Teosofia, por exemplo, podemos encontrar diversas vezes ideias que incentivam o desaparecimento da personalidade, ou seja, submetidos às leis imutáveis da Natureza, devemos desapegar-nos daquilo que é transitório e perecível.

Por outro lado, o exterior também é um lugar onde a escrita se encontra, onde é possível a criação de um mundo novo, de um espaço novo, onde é possível que uma nova forma de "realidade" se desenvolva. Essa questão é muito bem trabalhada por José Gil em *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*, estudo no qual encontramos uma excelente definição para situar esse lugar da escrita quando o autor analisa o poema *A Múmia*, de Pessoa:

> A escrita é o ponto cinzento. Depois de cair "por um abismo feito de tempo", o poema, no regime que seguia – o de uma escrita presente de sensações que cria –, só tinha duas saídas lógicas: ou acabava ali, porque toda a realidade (inclusive a do sujeito) desaparecerá; ou, para continuar, teria que manter um presente que só poderia ser o da escrita, mas num outro mundo, em que nada existe, sob as pirâmides, no mundo dos mortos (" A Múmia"). Porque o ato de escrever, mesmo nesse mundo nada, é contaminado pelo presente da escrita, ganhando uma temporalidade, uma realidade, um sentido qualquer. (GIL, 2009)

Caminhando nessa direção, poderemos aqui trazer à tona o pensamento de Maurice Blanchot acerca do espaço literário e compreender como Pessoa trabalha com as duas ideias de exterior. Assim, analisaremos em separado o exterior no sentido da escrita e o exterior no sentido esotérico e procuraremos demonstrar como esse "fora" pode ser encontrado nas interseções pessoanas.

No livro *O Espaço literário*, de *Maurice Blanchot*, o escritor francês nos apresenta o conceito de exterior na escrita, espaço que abrigaria um outro universo, independente, em que a obra estaria absoluta, ocupando um lugar no fora. Curiosamente, para atingir esse espaço, segundo Blanchot, há a necessidade da despersonalização e da renúncia do sujeito – "escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu" (BLANCHOT, 2011) – dessa maneira, a escrita adquire vida própria e vai morar em um lugar onde não há tempo nem espaço.

O desaparecimento do sujeito da escrita é uma espécie de iniciação, fundamental para o escritor, tal como ocorre ao neófito, que deixa sua vida pregressa para trás, como vimos anteriormente, inclusive. Para incorporar uma nova forma, o escritor deve saber deixar de

lado sua individualidade para estar mais perto do espaço literário: "A obra exige do escritor que ele perca toda a 'natureza', todo o caráter, e que, ao deixar de relacionar-se com os outros e consigo mesmo pela decisão que faz o "eu", converta-se no lugar vazio onde se anuncia a afirmação impessoal"[38]. Acreditamos que através da heteronímia, Pessoa poderia atingir o espaço vazio e desaparecer dando lugar ao sujeito que está fora do tempo, ao "autor" neutro. Esse deslocamento satisfaz o ocultismo, que anseia por uma religação do homem com uma exterioridade impessoal, assim como a literatura, considerada como plano de imanência, de acordo com o próprio Fernando Pessoa:

> Ora a heteronímia supõe uma clivagem: eu não me limito a escrever versos, invento alguém dentro de mim que os escreve. Eu, que invento esse alguém, sou o verdadeiro sujeito da escrita, mas simultaneamente sou outro, não existo actualmente como sujeito que escreve (é a personagem que inventei que escreve): nesse sentido posso dizer, enquanto 'criador disto tudo [dos heterónimos]', que existo apenas virtualmente. Existir virtualmente é existir fora do tempo. Ou seja, a heteronímia implica uma estranha clivagem do tempo, que deixa de um lado um "sujeito" fora do tempo, ou num tempo imemorial, virtual, e do outro, o sujeito-personagem que escreve no tempo actual, cronológico. (PESSOA apud GIL, 2000, p. 54)

Quando comparamos o poeta ao iniciado, temos em mente também a necessidade da morte, do desprendimento, nos dois casos. Enquanto no ocultismo a perda da individualidade abre espaço para uma nova vida, de adepto e potencial conhecedor dos segredos e da verdade, preparando para a eternidade em comunhão com o Universo, com a própria individualidade tragada e apagada por um corpo vivo maior e único, na literatura, a morte do autor ocorrerá com outro propósito, apesar de levar o indivíduo igualmente para o exterior. No espaço literário, o apagamento representará a transposição daquilo que nos prende à nossa própria identidade: o instante da morte, proposto por Blanchot, que não acontece somente no último suspiro fatal, mas que é um processo que faz parte da vida e pode ser experimentado através da escrita:

> Quando estou só, eu não estou só mas, nesse presente, já volto a mim sob a forma de Alguém. Alguém está aí, onde estou só. O fato de estar só, é que pertenço a esse tempo morto que não é o meu tempo, nem o teu, nem o tempo comum, mas o tempo de Alguém. Alguém é o que ainda está presente quando não há ninguém, Aí onde estou só, não estou aí,, não existe ninguém, mas o impessoal está: o lado de fora, como aquilo que antecipa e precede, dissolve toda a possibilidade de relação pessoal. Alguém é o Ele sem fisionomia, o coletivo impessoal de que se faz parte, mas quem faz parte dele? Nunca tal ou tal indivíduo, nunca tu e eu. Nenhuma pessoa participa do coletivo impessoal, que é uma região impossível de se trazer para a luz, não

[38] Ibid. P. 52

> porque se oculte um segredo estranho a toda revelação, nem mesmo porque seja radicalmente obscura, mas porque lhe transforma tudo o que lhe tem acesso, inclusive a luz no ser anônimo impessoal, o Não verdadeiro, o Não real e, entretanto, sempre presente. O coletivo impessoal é, sob essa perspectiva, o que aparece mais de perto quando se morre. (BLANCHOT, 2011, p. 23)

O que Blanchot denomina como coletivo impessoal está bem próximo do conceito de fora, do espaço literário e também se aproxima da morte. Acreditamos que Pessoa identificou esse local e o procurou, como podemos notar em alguns fragmentos que examinaremos a seguir.

Um exemplo que podemos destacar está na obra de Álvaro Campos, na qual podemos constatar um reconhecimento desse exterior e de sua aproximação com a morte de modo muito marcante em poemas inacabados, que seriam dedicados ao Mestre Caeiro, como, por exemplo, em *Ode Mortal*. Aqui Álvaro de Campos se rende ao conceito de exterioridade:

> Vou partir para FORA,
> Para o Arredor Infinito,
> Para a circunferência exterior, metafísica,
> Para a luz por fora da noite,
> Para a Vida-morte por fora da morte-Vida
> (PESSOA, 1993, p. 68)

Campos classifica o FORA, e utiliza letras maiúsculas para grafá-lo, como espaço análogo ao arredor infinito, como a luz por fora da noite, e vai além: a vida estaria na morte uma vez realizado o deslocamento para o exterior. Em outro poema inacabado de Campos para Caeiro, podemos encontrar também referência ao fim da personalidade, com a dramaticidade peculiar que é característica de Campos:

> Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,
> Grande Libertador, volto submisso a ti.
> Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.
> Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer coisa
> Mas hoje, olhando pra trás, só uma ânsia me fica –
> Não ter tido a tua calma superior a ti-próprio,
> A tua libertação constelada de Noite Infinita.
> Não tive talvez missão alguma na terra[39].

Podemos notar o exterior como um lugar de libertação, de retorno e infinitude. Campos chega a lamentar não tê-lo alcançado mais cedo e admite que sua personalidade, de fato, teve um fim. De modo ambíguo, Pessoa se utiliza do heterônimo Campos para admitir o fim dessa

[39] Ibid. P. 67.

personalidade, de forma que, no fora, não há mais Pessoa e não há mais Álvaro de Campos. No desdobramento e na existência de tantos "eus", chega-se perto de "Deus", seja ele quem for, como vimos em poema do mesmo Álvaro de Campos no subcapítulo anterior.

O fora, lugar em que Álvaro de Campos consegue enfim ver com clareza, no entanto, é um lugar indefinido e cercado de mistérios. Não é possível descrever de modo absoluto o que seria exatamente esse fora. Achamos interessante trazer um trecho de um texto de Antonio Vieira, um dos profetas de Pessoa, no qual achamos uma esplêndida definição de fora, ou de exterior, que pode ser usada para suscitar outras questões:

> A razão é porque sendo a terra tão grande, e o sol cento e sessenta vezes maior que a terra, e sendo o céu muitos milhões de vezes maior que o sol e o empíreo, com excesso incomparável maior que os outros céus, todas essas grandezas têm medida e limite: a imensidade não. Deus, por sua imensidade, como bem declarou S. Gregório Nazianzeno, está dentro no mundo e fora do mundo: *Deus in universo est, et extra universum*. Mas se fora do mundo não há lugar, porque não há nada, onde está Deus fora do mundo? Está onde estava antes de criar este mundo. Se Deus não estivera neste espaço, onde hoje está o mundo, não o pudera criar; e como Deus, fora do mundo, pode criar infinitos mundos, também está em todos esses espaços infinitos, a que chamamos imaginários. E porque outrossim os espaços imaginários, que nós podemos imaginar mas não podemos compreender, não têm limite, por isso o centro da imensidade, que se pode pôr dentro ou fora do mundo, nem dentro nem fora do mundo pode ter circunferência. Comparai-me o mar com o dilúvio. O mar tem praias, porque tem limite; o dilúvio, porque era mar sem limite, não tinha praias: *Omnia pontus erat, deerant quoque litora ponto*. Assim a imensidade de Deus – quanto a comparação o sofre. – Está a imensidade de Deus no mundo e fora do mundo; está em todo lugar e onde não há lugar; está dentro, sem se encerrar, e está fora, sem sair, porque sempre está em si mesmo. O sensível, o imaginário, o existente e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende, e até onde? Até onde não há onde, sem termo, sem limite, sem horizonte, sem fim, e, por isso, incapaz de circunferência: *Circumferentia nusquam*[40].

Em Antonio Vieira podemos enxergar um fora ou um exterior repleto de peculiaridades: o fora é um lugar de onde podem ser criados por Deus outros mundos, ou seja, para criar-se uma realidade é preciso estar do lado de fora dessa realidade. O fora é tomado como espaço imaginário ilimitado, cercado de imensidão e infinito, ilimitado. É igualmente um lugar de difícil definição.

Com o estilhaçamento da identidade consumado e a despersonalização colocada em prática, até onde poderia ir o senhor das máscaras? Bem-vindo ao mundo das possibilidades, disse um físico certa vez, ao iniciar a apresentação de um documentário que tratava de

[40] Ibid.

universos paralelos ou multiversos. Multi? Versos? Do que tratamos, nós, interessados pelas letras, quando nos referimos à obra de Fernando Pessoa como *Universo Pessoano? "*Não conhecemos senão nossas sensações. O universo é, pois, um conceito" (PESSOA, 1968, p. 181), diz Pessoa. A Literatura teria o potencial para criar um universo? Podemos fazer parte de outros universos além do nosso através da criação artística? Vejamos o que disse H. Lefbre acerca da poética de Baudelaire e Rimbaud:

> [neles] a linguagem humana se quer o mundo e a palavra, criadora do mundo. A poesia e o poema (enquanto objeto-reunião de palavras) se dizem enigma revelado do mundo, ao mesmo tempo humano e sobrenatural. Acima da voragem do coração, acima dos abismos cósmicos, recusando uma beleza preexistente, o poema será o objeto transparente, cristal que se basta e que, todavia, resume o mundo refletindo-se na sua pureza.[41]

A poesia, enigma revelado simultaneamente humano e sobrenatural, adquire aqui a autonomia da criação, que é ao mesmo tempo independente e que resume o mundo em sua pureza. Essa capacidade fica mais manifesta nas palavras seguintes:

> A poesia proclama o primado da linguagem, sua possível perfeição, autossuficiência. Na e pela linguagem criadora (poética), dualidade, cisão, dilaceramento (entre o ser e o real) se resolvem, O ideal e o real, o abstrato e o concreto separados, tradicionalmente, agora se encontram, O verbo, enfim, vais-se fazer carnal e sensível, a carne e o sensível, a carne e o sensível se metarmorfoseiam em verbo. É a magia, é a alquimia do verbo[42].

A questão que surge trata da geração de um mundo virtual, criado através de uma linguagem autossuficiente e, curiosamente, Lefbre utiliza os termos magia e alquimia do verbo para definir esse potencial criador da escrita. Isso nos coloca em condições de indagar se a força da escrita e da arte pode criar um universo que se aproxima do campo do sublime. Trataremos disso um pouco mais a frente.

No capítulo seguinte, procuraremos entender a força criadora da linguagem na literatura através da construção do chamado universo pessoano, seja considerado como plano de imanência, seja entendido como local de busca da plenitude. É possível que o heterônimo Alberto Caeiro tenha tentado apaziguar o martírio da alma humana através de uma poética baseada em um "niilismo transcendental", termo criado por José Gil.

---

[41] LEBVRE, H. *Introduction to modernity. Twelve Preludes*. Verso, London/New York: 1995, p. 174. Disponível em: <<https://quote.ucsd.edu/time/files/2014/03/lefebvre-whatis1of2.pdf>>. Acessado em: 06/07/2016.
[42] Ibid.

2.4 PLENITUDE IMPOSSÍVEL

"Para além da curva da estrada
Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
E talvez apenas a continuação da estrada.
Não sei nem pergunto."

(Alberto Caeiro)

Nesse subcapítulo, faremos observações e comentários acerca de um possível plano de imanência a ser criado pela poesia pessoana, notadamente através da poética do heterônimo Alberto Caeiro. Procuraremos, assim, fazer uma leitura de Caeiro, considerando a tentativa do "mestre" dos heterônimos de solucionar grandes questões da alma humana através de uma "simplicidade" de visão e da construção de uma resignação diante do mundo e das coisas, estas desprovidas de essência. O título do capítulo faz menção à impossibilidade de sucesso da plenitude proposta pelo heterônimo Alberto Caeiro. Tentaremos demonstrar que tal simplicidade é, na verdade, coberta de complexidades e que a tentativa de resolução do problema existencial do ser humano apresentada por Caeiro, quando relacionado ao drama pessoano, não consegue êxito. Nas próximas páginas, procuraremos deixar mais clara o que acreditamos ser essa tentativa de plenitude proposta por Caeiro.

Ao ler Caeiro, podemos considerar uma premissa fundamental: existimos. Isso deveria bastar. Quando deixarmos de existir, as questões existenciais particulares igualmente deixarão existir e estarão solucionadas, para todos os efeitos. Se dermos as costas à metafísica, poderemos ver e vivenciar a existência em sua plenitude.

A este propósito, talvez possamos iniciar uma reflexão sobre a poesia de Alberto Caeiro no tocante a questões que foram motivo de angústia na poesia de outros heterônimos. Para Alberto Caeiro, que foi, segundo Pessoa, Campos e Reis, o mestre, aquele que soube entender a natureza da vida com serenidade e sabedoria, sem assaltos e sem desespero, o mundo deve ser entendido através dos sentidos, de modo que procurar um significado oculto ou mesmo um mistério por trás da vida seria uma perda de tempo e um obstáculo para uma vida plena. A existência, para Caeiro, afirma-se na própria existência e quem procura relativizá-la, entendê-la, determiná-la ou atribuir a ela um significado transcendente comete um erro. A plenitude, ou mesmo a completude, devem ser adquiridas com naturalidade, observando a realidade ao nosso redor, uma realidade desprovida de mistério. Vejamos uma passagem de Caeiro:

A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias
Cada cousa é o que é
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta
Basta existir para ser completo (CAEIRO, 1993, p. 81)

Como podemos notar, Caeiro se mostra feliz e se considera completo pela própria existência. Ao trocar a transcendência pela realidade das coisas, Caeiro poderia considerar-se completo. José Gil, em seu livro *Diferença e Negação na poesia de Fernando Pessoa*, faz uma análise fundamentada sobre a construção de um plano de imanência em Caeiro, sobre a qual comentaremos adiante, mas desde já levantaremos algumas questões, algumas delas já proferidas pelo próprio Gil, a saber: o plano de imanência de Caeiro nos leva a uma perfeição falha ou mesmo a uma pacificação devastadora? É relevante lembrar que Caeiro "nasce antes" de Campos e Reis e "morre" em 1915, ou seja, as respostas nascem antes mesmo das perguntas: se Caeiro é detentor das soluções, para que vieram Campos e Reis posteriormente? Seria a plenitude de Caeiro uma paz de cemitério? Questionamos se a proposta de Caeiro não bastou e acabou se transformando em um anseio utópico, inatingível, como assinala a esse propósito José Gil no livro mencionado: "(...) se a imanência da experiência (ou meta-experiência) da visão de Caeiro não comporta falhas, como se compreende que os discípulos, que "saíram" do mestre, vivam sobre o regime do trágico, da cisão, do desassossego?"[43].

Para que possamos refletir de uma maneira mais clara pretendemos primeiramente investigar como se dá a construção do espaço da poesia do mestre dos heterônimos. Tentemos, portanto, conhecer um pouco a respeito desse heterônimo tão importante e que mostrou uma poética tão discrepante da dos demais heterônimos mais conhecidos e mesmo do próprio Pessoa ortônimo.

Alberto Caeiro, órfão de pai e mãe, teve pouca instrução convencional e seus estudos chegaram apenas até a quarta série. Camponês, de vida simples, nasceu um ano depois de Pessoa, em 1889 e morreu precocemente em 1915, em decorrência de uma tuberculose. Simples como sua própria vida seria também pretensamente sua poesia harmoniosa. Recusando a metafísica e a transcendência, o poeta procurava situar-se no plano da natureza, do real e da objetividade. A poética de Caeiro, que guarda características únicas dentro do universo pessoano, é, ao contrário do que pode fazer crer uma primeira impressão, carregada

[43] Op. cit, p. 13

de complexidade; a escrita aparentemente ingênua do camponês vai de encontro ao misticismo e coloca em xeque a validade de pensar a vida ao invés de vivê-la. A grande verdade de Caeiro é a Natureza e nela não reside justiça, sonhos, significados extraordinários e tampouco metafísica. Caeiro é o contraponto de quase tudo que podemos observar nos demais heterônimos e no ortônimo em termos de busca espiritual e de uma filiação constitutiva ao mistério das coisas. É importante ressaltar que, dentro do nosso estudo e da nossa proposta, é uma voz extremamente necessária.

Em várias passagens, Caeiro privilegia a visão, que será um sentido representante de uma forma poderosa de objetividade, destacando também a necessidade de desaprender a ver para, enfim, aprender a ver. Isso nos remete ao pensamento de que o sentido oculto das coisas é não ter sentido oculto nenhum, ideia defendida pelo próprio poeta. A seguir, uma passagem de José Gil que analisa a temática do *Ver* e suas implicações:

> Ver as coisas como elas são é vê-las despojadas das significações com que a cultura e as civilizações as vestiram. É vê-las nuas, ou seja, na sua existência pura. 'As coisas não têm significação, tem existência', escreve Caeiro.
> Caeiro opõe, portanto a significação à existência, como também opõe o artificial ao natural, ou o conhecimento à realidade. A significação provém do fato de o pensamento ligar as coisas umas às outras, criando totalidades de sentidos. Ver as coisas na sua realidade implica assim a fragmentação de conjuntos significantes: é esse o princípio primeiro da desconstrução da cultura, ou seja, da ciência do ver. (GIL, 2009, p. 23)

Caeiro pretende atingir uma visão que mostre a nudez da realidade e busca uma realidade pura, que não esteja corrompida por valores pré-estabelecidos ou por construções culturais. É fundamental para isso ver e compreender cada coisa através de sua singularidade em vez de tentar estabelecer relações entre as coisas, compará-las ou mesmo interpretá-las, pois o filtro da interpretação está carregado de valores subjetivos. Voltaremos a José Gil para seguirmos na tentativa de compreender o caminho de Caeiro:

> Não é possível ver a coisa singular quando ela entra em relação com outra coisa; pois seria então vista através de uma significação. Pela mesma razão, não poderia ser vista em ligação com um eu-sujeito: ela e eu perderíamos as nossas singularidades respectivas em proveito de um sentido comum (além de que eu projetaria nela significações 'ocultas', como diz Caeiro, 'interpretações'). (GIL, 2009)

Alberto Caeiro entende, ao que parece, a existência pura e simples como a definição de todas as coisas; por esse raciocínio a linguagem é, além de insuficiente, inadequada para

quem tenta se aproximar da realidade, sendo os sentidos mais adequados a tal tarefa. Nesse sentido, podemos observar por que o "Ver" e o "Ser" são tão valorizados pelo poeta, mas deixemos que o próprio Caeiro nos demonstre através de um pequeno poema chamado *Tú, místico*, no qual o heterônimo faz críticas à necessidade de interpretação e decodificação das coisas que se encontram presentes nas obras de poetas místicos:

> Tú, místico, vês uma significação em todas as cousas.
> Para ti tudo tem um sentido velado.
> Há uma cousa oculta em cada cousa que vês.
> O que vês, vê-lo sempre para veres outra cousa.
> Para mim, graças a ter olhos só para ver,
> Eu vejo ausência de significação em todas as cousas;
> Vejo-o e amo-me, porque ser uma cousa é não significar nada.
> Ser uma cousa é não ser susceptível de interpretação.
> (PESSOA, 1993, p. 80)

Como é possível perceber, Caeiro se dirige aos místicos e, como sabemos, para o mestre: "poetas místicos são filósofos doentes e filósofos doentes são homens doidos" (PESSOA, 1993, p. 53), sendo a crítica dirigida aos místicos e aos filósofos doentes ao combater sua tentativa de incutir um sentido a algo desprovido de um sentido primeiro, ao que possui apenas existência. O heterônimo, dotado de um ceticismo absoluto, não admite que a aspiração a uma existência orientada para algo além ou imbuída de uma metafísica se sobreponha à crua realidade visível e sentida.

Ser, nesse sentido, é não ser suscetível a interpretação, é não significar nada. Algumas pesquisas já associaram a poesia de Caeiro ao Budismo, ou mesmo ao Estoicismo. Trabalhos interessantes foram feitos a respeito; em nosso trabalho, no entanto, não pretendemos nos aprofundar nessas questões. Estamos aqui considerando a poesia de Caeiro como uma possibilidade de construção de um entendimento ou de um plano de imanência relativo à multiplicidade de experiências proporcionadas pelo real, proposta que se aproxima do referencial deleuziano, segundo José Gil.

Para que seja possível penetrar na construção de um plano de imanência deleuziano, vamos recorrer às considerações de Tatiana Salem Levy sobre o tema, autora que tão bem desenvolveu esse e outros aspectos em seu livro dedicado à experiência do fora:

> Afirmar a imanência é antes de mais nada afirmar a crença no mundo. O transcendental em Deleuze – o plano de imanência – constitui um campo que não pressupõe dimensões supra-sensíveis. Quando se fala no Fora, na superfície, está-se querendo afirmar o nosso mundo. (LEVY, 2003, p. 121)

Segundo Salem Levy, o entendimento do plano de imanência de Deleuze se encontra próximo ao proposto por Caeiro. Assim como Deleuze, o plano de Caeiro não se refere a dimensões que não pertençam ao mundo físico mais evidente. Somente o mundo perceptível pelos sentidos, visto e palpável, coloca-se como referência. Continuando no exame do plano de imanência enunciado por Deleuze, vamos prosseguir com as considerações de Levy:

> O plano de imanência é, portanto, a afirmação criadora da vida. Da vida enquanto algo incessantemente errante, que não se prende às vivências e intencionalidades de um sujeito. A imanência como vida é o movimento do infinito, para além do qual não há nada. Um movimento de desterritorialização, de linhas de fuga[44].

O plano de imanência deleuziano além de afirmar a vida, situa-se em um local de possibilidades que se aproxima do impessoal, que, ainda que não encontre nada de extraordinário neste impessoal, estará mais próximo de um palco de desenvolvimento de experiências. Ao contrário do que vemos no esoterismo, o exterior de Deleuze não comporta mistério, conotação sagrada e muito menos experimentação do divino. Em seguida, ainda no livro de Tatiana Salem Levy, temos outra passagem que menciona a temática do fora, entendida como o encontro com a neutralidade. O esplendor do impessoal deleuziano se realiza na vida e no acontecimento e acreditamos que, nesse ponto, a proposta de Deleuze se aproxima da percepção de Caeiro. A expressão "puro acontecimento", usada a seguir, remete-nos imediatamente ao que a poesia do mestre dos heterônimos contempla:

> Deleuze também faz uma leitura fundamental sobre essa questão. Em artigo intitulado 'Imanência, uma vida...' diz ele: 'a vida do indivíduo é substituída por uma vida impessoal, embora singular, que produz um puro acontecimento, livre dos acidentes da vida interior e exterior, ou seja, da subjetividade e da objetividade do que acontece' (DELEUZE, 1997b, p. 17). Estar fora não é estar do lado do sujeito nem do objeto. Estar fora é alcançar o esplendor do impessoal, dessa neutralidade que nos lança em nós para fora de nós[45].

Estamos mencionando esse desenvolvimento, pois consideramos que a poesia de Caeiro pode ser a exceção que confirma a regra dentro da poética de Fernando Pessoa, que, a nosso ver, é norteada pela busca de respostas para os mistérios das origens, da morte e do "Além-Deus". Vejamos então o que diz José Gil:

---

[44] Ibid. P. 100.
[45] Ibid.

> Ora, de certo modo, Caeiro realiza o projeto deleuziano: conceitos difíceis que este propunha, como de não relação e de univocidade do ser, enquanto projeto de uma ontologia da diferença, encontram-se admiravelmente explicados na escrita poética de Alberto Caeiro. De tal maneira que se pode considerar o pensamento do mestre da heteronímia pessoana como a melhor versão transversal da ontologia deleuziana. (GIL, 2009, p. 11-12)

De forma sintética, podemos dizer que, entre os conceitos de Deleuze que Caeiro coloca em prática ou realiza, como quer Gil, estão, acreditamos, a univocidade do ser, que está atrelado à essência da realidade; o plano de imanência e a ontologia do devir, e nesses termos, a metafísica e a transcendência estariam de fora, colocadas de lado. Não vamos prosseguir por esse caminho, contudo. Nosso trabalho aborda as relações entre ocultismo e literatura na poesia pessoana, e Caeiro é justamente aquele que pretende distanciar-se dessas relações. O que justifica sua presença em nossa pesquisa é justamente destacar que Pessoa tentou trilhar esse outro caminho através de Caeiro, ou mesmo tentou mostrar sua impossibilidade no contexto de sua obra; pensamos que esse foi mais um caminho utópico que não solucionou o desassossego primordial e que não se realizou.

A poética de Caeiro aponta para a crença baseada exclusivamente na realidade objetiva: a existência é o único fato e o único plano, e só existe o que pode ser visto, aquilo que não pode ser visto é o nada e o nada não existe. José Gil usa termos como "ceticismo absoluto" para classificar essa poética. Ora, se pudéssemos através somente de Caeiro chegar ao cerne da poesia pessoana, as coisas estariam mais próximas de uma resolução. Acreditamos que a fragmentação do sujeito, a despersonalização e a busca do fora podem ser consideradas como práticas utilizadas por Pessoa ao longo de sua obra, como esperamos ter demonstrado nos subcapítulos anteriores, mas acreditamos também que elas não se esgotam ao encontrar uma plenitude na natureza de Alberto Caeiro, muito pelo contrário, a trajetória da poesia continua além de Caeiro e vai continuar investigando, experimentando e procurando outro lugar ou outro entendimento.

Tivemos a oportunidade, no primeiro capítulo deste trabalho, de fazer um mapeamento das relações entre ocultismo e literatura na obra de Fernando Pessoa, e acreditamos que tenha ficado claro que as relações às quais nos referimos são estreitas, podem ser observadas através de várias passagens, por isso voltaremos a atenção a elas. No próximo capítulo do nosso trabalho, procuraremos expor de que maneira se configuram essa trajetória e essas relações. Antes, porém, podemos, a título de ilustração, fazer um paralelo entre Caeiro e Fernando Pessoa para que fique mais evidente a diferença observada.

Terminaremos esse subcapítulo com uma breve comparação de dois poemas, um de Caeiro e outro de Fernando Pessoa, ambos os quais tratam da "curva da estrada". Essa curva da estrada seria talvez o desconhecido ou mesmo o devir que transforma, modifica e deixa para trás o que já foi percorrido. Vejamos primeiramente como Caeiro se manifesta acerca dessa curva:

> Para além da curva da estrada
> Talvez haja um poço, e talvez um castelo,
> E talvez apenas a continuação da estrada.
> Não sei nem pergunto.
> Enquanto vou na estrada antes da curva
> Só olho para a estrada antes da curva,
> Porque não posso ver senão a estrada antes da curva.
> De nada me serviria estar olhando para outro lado
> E para aquilo que não vejo.
> Importemo-nos apenas com o lugar onde estamos.
> Há beleza bastante em estar aqui e não noutra parte qualquer.
> Se há alguém para além da curva da estrada,
> Esses que se preocupem com o que há para além da curva da [estrada.
> Essa é que é a estrada para eles.
> Se nós tivermos que chegar lá, quando lá chegarmos [saberemos.
> Por ora só sabemos que lá não estamos.
> Aqui há só a estrada antes da curva, e antes da curva
> Há a estrada sem curva nenhuma. (PESSOA, 1994, p. 129)

Pelo que podemos constatar, o mestre não se preocupa com aquilo que não é visível, procura sua paz e sua harmonia em um ver e viver o presente, sem fazer projeções ou sem ser atingido pelo desassossego tão presente na obra dos demais heterônimos. Perder tempo tentando fazer divagações que tratem do que está depois da curva é para Caeiro um contrassenso e uma inutilidade. Bem resolvido, Caeiro está pleno no aqui e no agora. Em poema posterior, Fernando Pessoa volta à curva da estrada, dessa vez de maneira diversa:

> A morte é a curva da estrada,
> Morrer é só não ser visto.
> Se escuto, eu te oiço a passada
> Existir como eu existo.
> A terra é feita de céu.
> A mentira não tem ninho.
> Nunca ninguém se perdeu.
> Tudo é verdade e caminho[46].

[46] Id. 1995, p. 142.

Em uma atmosfera mais metafísica, Pessoa escuta o que está além da curva e afirma sua existência. Podemos também identificar certas referências que estão possivelmente ligadas ao Ocultismo e a uma visão que se refere ao mistério. "A terra é feita de céu" remete à lei hermética que diz que o que está em cima é como o que está embaixo; há também a utilização da antítese mentira/verdade, enquanto que, para Caeiro, a realidade é ver e existir, para Pessoa há a mentira e a verdade, ou seja, há o falso e aquilo que está para ser descoberto – e aquilo que está para ser descoberto deve necessariamente estar oculto, pensamos. A palavra "caminho", que aparece no mesmo verso da palavra "verdade", também é constantemente usada no contexto esotérico. O caminho do iniciado ou o caminho da poesia podem, de certa forma, conduzir à busca de um entendimento do mistério, do princípio e do fim, de um *Além-Deus*. A questão aqui não é atingir uma revelação definitiva, que seria impossível, mas admitir o desassossego causado pelas questões existenciais e admitir a impossibilidade do funcionamento da proposta de Caeiro. Pensamos que, para Pessoa, não será possível através da arte, da poesia ou do ocultismo alcançar uma verdade absoluta, ele permanecerá sempre "Na sombra do Monte Abiegno". Entretanto, estará sempre a mirar o alto da montanha, mesmo sabendo que a chegada ao topo é irrealizável. A subida do monte faz parte da sua vida. Vamos relembrar alguns versos para ilustrar essas considerações:

> Quem pode sentir descanso
> Com o Castelo a chamar?
> Está no alto, sem caminho
> Senão o que há por achar.
> Na sombra do Monte Abiegno
> Meu sonho é de o encontrar.

O Monte Abiegno, local sagrado para ordens iniciáticas e representante da revelação, permanece invocando nesse poema datado de 1932. Não há descanso, há ainda a necessidade e o sonho de alcançar a revelação e o mistério.

> Mas por ora estou dormindo,
> Porque é sono o não saber.
> Olho o Castelo de longe,
> Mas não olho o meu querer.
> Da sombra do Monte Abiegno
> Que me virá desprender?

O grande obstáculo, no entanto, é o sono, o desconhecimento e a distância do castelo que se localiza no alto do monte. A poesia de Pessoa, entretanto, em nossa ótica, mostra-se disposta a perseverar e tentar deixar a sombra.

Chegando ao final deste capítulo, acreditamos ter sido possível apresentar alguns pontos importantes muito presentes na obra de Pessoa, como a questão do autor, da despersonalização, do exterior e até de uma plenitude que não se realiza. Pensamos também que foi possível demonstrar que alguns conceitos ocultistas e teóricos acabam sendo encontrados dentro da poética pessoana. Porém, cremos ser necessário buscar outras linhas, pois consideramos que o argumento de Caeiro não permite que as inquietações humanas encontradas na poética de Pessoa sejam resolvidas. Consideramos que a obra de Pessoa está marcada pelo desassossego e pela inquietação diante do abismo, que representa a finitude da vida, do sentido ou da falta de sentido dela.

Diante da impossibilidade de apaziguamento, o poeta português peregrinará por estradas tortuosas, conhecerá a dúvida, buscará entender o mistério, a luz na escuridão da noite e terá como companheiras nessa jornada a arte e a poética. A obra de Pessoa continuará buscando a plenitude através de outros caminhos. Essa busca, que é permeada pela agonia e pela fascinação, leva consigo a poesia e o ocultismo presente nela. O desejo de conhecer o mistério permanece e é disso que pretendemos tratar no próximo capítulo. Velas ao mar.

3. O VERBO É QUEM DEUS ERA PRIMEIRO

Chegando ao terceiro e último capítulo, endereçaremos algumas interrogações que já começaram a ser levantadas na introdução deste trabalho. Partimos da premissa de que a morte é questão fundamental para o ser humano, a própria vida é conduzida através da forma pela qual lidamos com a morte. O mistério da existência, da realidade; o desconhecimento do ser humano, predominante e profundo em relação a quase tudo se manifesta com mais intensidade quando nos deparamos com a questão existencial. Trilhando esse caminho, debruçar-nos-emos sobre essa problemática fundamental e buscaremos meios de análise para a leitura da poética pessoana, especialmente quando ligada ao esoterismo, i.e, a partir dessa perspectiva.

Começaremos examinando o drama inconcluso *Primeiro Fausto*, que pensamos ser capaz de proporcionar uma sustentação para que façamos uma passagem pelo crepúsculo e a noite da alma. Nesses dois primeiros subcapítulos, faremos a tentativa de assimilar as grandes interrogações da poética de Pessoa a fim de compreender melhor a relação dessa mesma poética como reflexo dessas interrogações.

Nos segmentos subsequentes, realizaremos a tentativa de encontrar o papel da arte e, mais especificamente, da poesia nesse contexto. Nosso esforço segue na tentativa de abordar aquilo que representa a poesia frente aos desafios oferecidos pela noite negra da alma. Buscaremos, portanto, uma tentativa de interpretar a função desempenhada pela poesia como caminho para o sublime ou, ainda, enquanto vigor e impulso para existência.

3.1. *PRIMEIRO FAUSTO* E A EPIFANIA IRREALIZÁVEL

"O segredo da Busca é que não se acha"

(Fernando Pessoa)

Nesse subcapítulo que se inicia, iremos concentrar-nos em uma produção pessoana que não costuma figurar frequentemente entre os textos ou poemas considerados "ocultistas" e que, costumeiramente, não se faz presente nas análises que tratam do assunto. Estamos falando de *Primeiro Fausto*.

De maneira geral, seria esperado que cuidássemos de obras como *Mensagem*, por exemplo, em que os componentes esotéricos ou ocultistas estão presentes com maior clareza. Seria um caminho, pois *Mensagem* renderia um enorme estudo isolado ou em consonância com outras questões pertinentes e muitos pesquisadores de valor cuidaram e cuidam desse ofício, é bem verdade. É evidente que ainda há muito a ser explorado nessa obra, que nos serve de exemplo, entretanto, temos sobre ela uma bibliografia tão vasta e de tão alta qualidade que resolvermos priorizar outras produções que não costumam integrar o conjunto bibliográfico mais discutido quando se trata de Fernando Pessoa e o Ocultismo. evitando, assim, abordar *Mensagem* sem a devida profundidade nesse trabalho em especial. Essa escolha se coaduna com nosso viés, que considera toda a obra pessoana como pertencente, de alguma forma, a um projeto de poesia que reconhece questões transcendentais e ocultas. Acreditamos que, nas próximas páginas, será possível desenvolver nossa ideia de forma mais adequada. Sendo assim, ocupar-nos-emos, em seguida, da obra *Primeiro Fausto*, de Fernando Pessoa.

Nossa breve análise de *Primeiro Fausto* primeiro retorna ao Fausto, de Goethe, para que possam ficar claras as raízes da personagem e seus questionamentos, pois acreditamos ser necessário a fim de contextualizar o Fausto de Pessoa e assimilar minimamente os objetivos do poeta português ao escolher justo a personagem retratada anteriormente na obra do escritor alemão para a elaboração de sua própria obra..

A história de Fausto remonta a uma lenda medieval alemã que fazia referência ao Dr. Johannes Georg Faust, médico, mago e alquimista que teria feito um pacto com o diabo, pacto esse que lhe permitiu acumular riquezas e conhecimento. Baseados nessa lenda, alguns livros foram escritos e o mito de Fausto se consolidou através dos tempos. A obra mais conhecida,

porém, foi a escrita por Goethe, publicada em partes e só trazida à luz de maneira integral em 1887.

No Fausto de Goethe[47], temos uma história que trata, em termos gerais, do drama de uma personagem que faz um pacto com a figura do diabo, encarnado em Mefistófeles, para obter sabedoria, juventude, felicidade no amor, entre outras vantagens mundanas. Ávido por conhecimento, Fausto não se satisfaz com aquilo que encontrou em tantas ciências que já por ele conhecidas e se vê impelido a buscar em uma esfera sobrenatural o alimento que poderá saciar sua fome de respostas. Nesse ponto, a personagem lembra muito a frenética busca dos estudiosos do ocultismo por uma verdade que possa apaziguar suas almas. Não obstante, enquanto, em Goethe, Fausto consegue ao final uma redenção com a ajuda da intervenção divina, em Pessoa, Fausto será o retrato do fracasso e da inutilidade das tentativas de lidar com o mistério, como veremos em seguida.

O *Primeiro Fausto*, de Fernando Pessoa, começou a ser escrito em 1914 e não foi terminado, por este motivo, podemos considerá-lo como sendo o triunfo da impossibilidade. É válido, nesse sentido, tomarmos emprestada a observação de Manuel Gusmão acerca da "tripla impossibilidade" que encontramos em o *Primeiro Fausto*: "[...] a impossibilidade de confiar na linguagem, a impossibilidade de se conhecer e de se (re)conhecer, e a impossibilidade de viver e de amar que radica na incapacidade de integrar o corpo próprio e os seus desejos ou de atribuir sentido à morte" (GUSMÃO apud MARTINS, 2010, p. 273) e somando-se a isso, a real impossibilidade de término da obra, a impossibilidade de unidade do texto e a impossibilidade de uma leitura "definitiva". Temos que trabalhar, por conseguinte, com aquilo que chegou até o nosso conhecimento. É interessante refletir, aproveitando a oportunidade, se é mesmo possível considerar qualquer obra como acabada, ou seja, se as relações de significado e leituras de uma obra permanecem para sempre acabadas, ou se todas as obras estão inacabadas como o *Primeiro Fausto*, de Fernando Pessoa.

Seguiremos em frente com o que temos do *Primeiro Fausto*. É curioso que, ao procurar análises e pesquisas sobre essa obra, sobram expressões como: "impossibilidade", "inacabada", "incompletude" e afins, sendo assim: poderíamos considerar essa obra como emblemática dentro da poética pessoana que nos propomos a pensar? Talvez seja possível considerar toda poética de Fernando Pessoa como uma grande obra inacabada.

---

[47] Goethe (1749-1842) foi um autor e estadista alemão que estava entre os preferidos de Pessoa, e que possuía estreitas ligações com vertentes do ocultismo como alquimia, magia, dentre outras. Um dos maiores autores de língua alemã e expoente do Romantismo europeu, Goethe marcou seu nome na história da literatura com duas obras de referência: *Werther* (1774) e *Fausto* (publicado na íntegra em 1887).

O primeiro ponto a ser assinalado no início de nossa análise é a divisão da obra proposta pelo próprio Pessoa. O *Primeiro Fausto* seria composto por cinco atos, sendo os quatro primeiros marcados como conflitos e o último, como derrota. Os primeiros quatro conflitos seriam da Inteligência consigo própria, da Inteligência com outras Inteligências, da Inteligência com a Emoção e da Inteligência com a Ação, para enfim chegarmos à derrota da Inteligência. O *Primeiro Fausto* que chegou até nós é composto por quatro temas, a saber: *O mistério do mundo*, *O horror de conhecer*, *A falência do prazer e do amor* e *O temor da morte*, além de dois diálogos breves. Seguiremos desmembrando cada tema para que seja possível uma abordagem mais detalhada. Antes disso, cabe uma ressalva acerca da questão do gênero literário. Apesar de *Primeiro Fausto* ter sido concebido como um projeto dramático, consideramos perfeitamente plausível e adequada a realização de uma leitura dessa obra enquanto poema e é nesse viés que iremos caminhar.

O MISTÉRIO DO MUNDO

O primeiro tema se chama *O Mistério do mundo* e, logo de início, temos a ideia das aflições que a partir de então serão levantadas e permearão o poema:

> Quero fugir ao mistério
> Para onde fugirei?
> Ele é a vida e a morte
> Ó Dor, aonde me irei?
> (PESSOA, 1986c, I, p. 621)

O mistério do mundo se apresenta, as perguntas manifestam a vontade da fuga e dúvida a respeito do destino – o mistério é a existência da vida e da morte. Nossa leitura está inclinada a considerar que a dor e o mistério se relacionam com a ignorância a respeito do ser, da morte, do sentido ou da falta de sentido de uma vida que não proporciona certezas e seguranças, muito pelo contrário. Com o mistério desabando sobre a alma e a impossibilidade de atribuir sentido ao mundo, há a possibilidade de acudir-se nos símbolos para buscar a essência negada pela vida comum:

> Ah, tudo é símbolo e analogia!
> O vento que passa, a noite que esfria,
> São outra coisa que a noite e o vento –
> Sombras de vida e de pensamento.

Tudo o que vemos é outra coisa.
A maré vasta, a maré ansiosa,
É o eco de outra maré que está
Onde é real o mundo que há.[48]

É interessante notar que o "mundo real" está oculto, escondido, e aqui podemos ver somente suas sombras – um pensamento que remete ao mito da caverna de Platão. O mistério aumenta de tamanho, se considerarmos que *tudo o que vemos é outra coisa*. Outro ponto interessante a ser levantado é a questão da linguagem que começa a despontar, quem sabe se o símbolo e a poesia não sejam os atalhos para se aproximar do mistério, já que o visível é, a um só tempo, sombra e representação de um mundo que nos é negado. O discurso prossegue:

O segredo da Busca é que não se acha.
Eternos mundos infinitamente,
Uns dentro de outros, sem cessar decorrem
Inúteis; Sóis, Deuses, Deus dos Deuses
Neles intercalados e perdidos
Nem a nós encontramos no infinito.
Tudo é sempre diverso, e sempre adiante
De [Deus] e Deuses: essa, a luz incerta
Da suprema verdade.[49]

Na estrofe acima, o poeta comenta sobre a impossibilidade de encontrar a verdade. Dessa forma, a busca, embora necessária, nunca alcançará sucesso em um espaço onde estão presentes os mundos e as possibilidades infinitas, onde as estrelas compõem um Universo muito mais incerto e incompreensível do que podemos supor. Fugir da incerteza será tarefa impossível. O poeta segue evocando a grandeza do firmamento para destacar o tamanho do mistério que se apresenta:

Nos vastos céus estrelados
Que estão além da razão,
Sob a regência de fados
Que ninguém sabe o que são,
Ha sistemas infinitos,
Sóis centros de mundos seus,
E cada sol é um Deus.
Eternamente excluídos
Uns dos outros, cada um
É universo.[50]

[48] Ibid. I, p. 621.
[49] Ibid. X, p. 623.
[50] Ibid. XI, p. 623.

A pergunta que assombra a humanidade desde sempre acaba surgindo ainda no primeiro tema: o que ocorre depois da morte? O *nada*? Algo mais? Fica também explícita a vontade de que a vida não finde depois da hora final; a esperança em um "supertranscendente" se revela, e esse certamente estará oculto e fora do alcance daquele que deseja conhecê-lo:

> Não haverá,
> Além da morte e da imortalidade,
> Qualquer coisa maior? Ah, deve haver
> Além da vida e morte, ser, não ser,
> Um inominável supertranscendente,
> Eterno incógnito e incognoscível![51]

Sem garantias de que exista algo além da morte e da imortalidade, percebemos que, em seguida, o poema volta a considerar as possibilidades inesgotáveis oferecidas por um Universo infinito e impenetrável. O mistério é tão colossal, que absolutamente tudo pode ser considerado; a compreensão se encontra simplesmente fora do alcance, tamanha a ignorância do homem em relação ao restante do cosmos. Ao debruçar-se sobre o abismo do desconhecido, surge uma incógnita ainda mais poderosa. O tempo, a realidade, os universos, tudo parece estar bem distante da compreensão:

> Paro à beira de mim e me debruço...
> Abismo... E nesse abismo o Universo.
> Com seu tempo e seu 'spaço, é um astro, e nesse
> Alguns há, outros universos, outras
> Formas do Ser com outros tempos, 'spaços
> E outras vidas diversas desta vida...
>
> O espírito é outra estrela. . . O Deus pensável
> É um sol... E há mais Deuses, mais espíritos
> De outras essências de Realidade...[52]

Ciente da complexidade da questão, o poema se volta a outro enigma humano, o entendimento do que poderia ser Deus. Um Deus abstrato, onisciente, onipresente e onipotente é ininteligível e não é passível de ser percebido através do pensamento racional. A compreensão dessa identidade inatingível é constatada:

> Deus a si próprio não se compreende.
> Sua origem é mais divina que ele,
> E ele não tem a origem que as palavras

[51] Ibid. XV, p. 624.
[52] Ibid. XVII, p. 625.

Pensam fazer pensar...
.....
O abstrato Ser [em sua] abstrata idéia
Apagou-se, e eu fiquei na noite eterna.
Eu e o Mistério — face a face...

Na noite eterna do desconhecimento, sem acesso a uma figura divina, – que não é compreensível a ninguém – é hora de ponderar se a mortalidade não seria mais confortável do que o terrível martírio de não conhecer a verdade. Mergulhado em horror e desolação, o primeiro tema vai chegando ao seu final:

E o sentimento de que a vida passa
E o senti-la passar
Toma em mim tal intensidade,
De desolado e confrangido horror,
Que a esse próprio horror, horror eu tenho
Por ele e por senti-lo,
E por senti-lo como tal.

Aborreço-me da possibilidade
De vida eterna; o tédio
De viver sempre deve ser imenso.
Talvez o infinito seja isso...
Já o tédio de o pensar é horroroso.[53]

Ao término da parte inicial de *Primeiro Fausto*, há a lamentação, o poema revela um sentimento de frustração e desânimo. O primeiro tema, que começa com um desejo de fuga sendo manifestado, encerra-se mantendo esse espírito.

HORROR DE CONHECER

No segundo tema do poema, chegamos à parte que o poeta denomina como *O horror de conhecer*. Se a existência do mistério causa uma profunda angústia e desassossego e desperta o desejo de deserção, conhecer ou tentar desvendar esse mistério é bastante assustador. Logo no começo da segunda parte há o questionamento, recorrente na obra de Fernando Pessoa, a respeito do real ou da realidade, uma vez que sua simples existência já é um mistério insondável:

O inexplicável horror
De saber que esta vida é verdadeira,

[53] Ibid. XXXV-XXXVI, p. 634.

Que é uma coisa real, que é [como um] ser
Em todo o seu mistério
Realmente real.[54]

Segue-se a isso a indagação sobre a utilidade de buscar respostas em religiões, seitas e filosofias, visto que as ideias podem não corresponder à realidade, a verdade não estará nunca ao alcance de construções do pensamento humano e a própria condição da vida será sempre o erro:

Por que, pois, buscar
Sistemas vãos de vãs filosofias,
Religiões, seitas, [voz de pensadores],
Se o erro é condição da nossa vida,
A única certeza da existência?
Assim cheguei a isto: tudo é erro,
Da verdade há apenas uma idéia
A qual não corresponde realidade.[55]

A fé aparece imbuída de um pensamento impelido ao engano. Tudo não passaria de ilusão. Com uma contumaz necessidade de autoengano para lidar com o intolerável, o ser humano recorre ao próprio pensamento e nele forja um sentido que não existe. O humano tende a construir uma ilusão para lidar com o desconhecido ou com aquilo que simplesmente não tem sentido, desse modo, o refúgio nas religiões e sistemas de crenças seriam mero engodo:

A fé é isto: o pensamento
A querer enganar-se-eternamente
Fraco no engano, [e assim] no desengano;
Quer na ilusão, quer na desilusão.

Após a decepção com os devaneios trazidos pela religião, outra ideia emerge em seguida: uma passagem interessante relata um mundo de ciência e poesia retirado do inconsciente. Sem amparo na racionalidade e na religião, um mundo de sonhos é forjado para dar lugar ao vazio. Um mundo belo, justo e perfeito é criado com um sentido que não pode ser encontrado no mundo real. Será esse um dos ofícios da Arte e da Literatura? Vejamos o trecho:

Do fundo da inconsciência
Da alma sobriamente louca

[54] Ibid. I, p. 632.
[55] Ibid. III, p. 631.

Tirei poesia e ciência,
E não pouca
Maravilha do inconsciente!
Em sonho, sonhos criei.
E o mundo atônito sente
Como é belo o que lhe dei.[56]

Já chegando ao final do segundo tema, surge outra questão que aparece com frequência na poética pessoana: a alusão à sensação de que tudo é um sonho. É tão colossal e tão sem sentido o mistério, que a impressão de que ele não pode ser real por inúmeras vezes visita a poesia de Pessoa e é nessa linha que *O horror de conhecer* vai finalizar:

Com que realidade o mundo é sonho!
Com que ironia mais que tudo amarga
Me não confrange, fria e negramente,
Esta inquieta pretensão a ser![57]

A "pretensão a ser", mencionada ao final do tema, faz parte do drama humano, portanto *ser* enquanto vivo é uma realidade, de maneira que pensamos, assim, que a agonia se refere à possibilidade de *não ser*, mais próxima a cada dia, trazida pelo tempo cronológico. Por isso mesmo, *ser* se tornará apenas uma pretensão em médio prazo. A pretensão de ser, descrita pelo poeta, uma pretensão que atormenta – faz parte de uma recusa natural do completo desaparecimento e do nada, recusa que não pode ser abandonada. Talvez, nesse caso, exista a possibilidade de uma confortável anestesia, como veremos em seguida.

A FALÊNCIA DO PRAZER E DO AMOR

Na terceira parte do *Primeiro Fausto,* denominada *A falência do prazer e do amor*, o poema alcança outro estágio. Na impossibilidade de entender o mistério e tendo ciência do horror de tentar conhecê-lo, os versos evoluem no sentido de levantar a alternativa de fuga através do prazer e do amor, alternativa essa que se revela ineficaz, como começaremos a ver daqui em diante:

Beber a vida num trago, e nesse trago
Todas as sensações que a vida dá
Em todas as suas formas [...]
.....

[56] Ibid. X, p. 634.
[57] Ibid. XXII, p. 640.

Dantes eu queria
Embeber-me nas árvores, nas flores,
Sonhar nas rochas, mares, solidões.
Hoje não, fujo dessa idéia louca:
Tudo o que me aproxima do mistério
Confrange-me de horror. Quero hoje apenas
Sensações, muitas, muitas sensações,
De tudo, de todos neste mundo – humanas,
Não outras de delírios panteístas
Mas sim perpétuos choques de prazer
Mudando sempre,
Guardando forte a personalidade
Para sintetizá-las num sentir.[58]

No início da terceira parte, o poeta parece cogitar a viabilidade de beber a vida, de prender-se às sensações e afirma, ainda, a importância da manutenção da própria personalidade como veículo para o alcance do prazer e dessas sensações. Pensamos que a opção por uma vida guiada pelo hedonismo seria considerada uma tentativa válida, contudo, quando nada parece fazer sentido, o homem pode buscar uma espécie de adormecimento através dos prazeres mundanos. Destacamos no trecho abaixo a menção feita ao desejo de pôr fim ao sofrimento, para observarmos, em seguida, no entanto, a dúvida retornar, pois talvez não seja possível gozar a vida:

Acabemos com esta vida assim!
Acabemos! o modo pouco importa!
Sofrer mais já não posso. Pois verei —
Eu, Fausto — aqueles que não sentem bem
Toda a extensão da felicidade,
Gozá-la?[59]

É possível perceber no desenrolar desse terceiro tema que a busca pelo prazer através das sensações não se realiza. Abdicar dos conflitos existenciais em favor de uma vida carregada de alegria e outras distrações profanas acaba despertando aversão. Nessas condições, o riso se mostra uma ofensa e a felicidade alheia é vista com desprezo:

Sua inconsciência alegre é uma ofensa
para mim. O seu riso esbofeteia-me!
Tua alegria cospe-me na cara!
Oh, com que ódio carnal e espiritual
escarro sobre o que na alma humana

[58] Ibid. I, p. 641.
[59] Ibid. II, p. 642.

Cria festas e danças e cantigas...[60]

E não são somente as festas, danças e cantigas que causam horror: ao amor também é vedada a possibilidade de desempenhar um papel que atenue o sofrimento. Ao invés de conforto, o amor vai trazer uma sensação maior ainda de abandono e horror, pois a intimidade é abominável em um espírito tomado pela consciência:

O amor causa-me horror; é abandono,
Intimidade...
... Não sei ser inconsciente
E tenho para tudo [...]
A consciência, o pensamento aberto
Tornando-o impossível.[61]

Em outra estrofe, há uma indicação que considera a nudez repulsiva, apresentando a recusa do sexo enquanto permanente. Há igualmente uma renúncia à nudez do espírito, dessa forma, a intimidade com os semelhantes é também uma impossibilidade, portanto, não será através dela que a agonia será atenuada. Simplesmente cogitar essa perspectiva já causará horror:

Uma nudez qualquer — espírito ou corpo —
Horroriza-me: acostumei-me cedo
Nos despimentos do meu ser
A fixar olhos pudicos, conscientes.
Do mais. Pensar em dizer "amo-te"
E "amo-te" só — só isto, me angustia... [62]

O terceiro tema chega ao final de modo melancólico: ao eu -lírico não é possível o sentimento, o amor e a solidariedade, tudo não passa de ilusão. Sem chance de guardar comoção com nada pertencente a esse campo, a tentativa de sentir cai por terra. É a falência do prazer e do amor. Vendo-se incapaz de sentimento, o resultado é um constrangido pedido de oração:

Reza por mim! A mais não me enterneço.
Só por mim mesmo sei enternecer-me,
Sob a ilusão de amar e de sentir
Em que forçadamente me detive.
Reza por mim, por mim! Eis a que chega

[60] Ibid. VII, p. 643.
[61] Ibid. XVII, p. 646.
[62] Ibid. XVII, p. 647.

A minha tentativa [em] querer amar. [63]

O TEMOR DA MORTE

O quarto e último tema do *Primeiro Fausto* chama-se *O temor da morte* e nele fica mais evidente o suplício pelo qual a alma que desconhece o mistério é submetida. A morte é, naturalmente, o foco dessa terceira parte e o temor da experiência de ser obrigado a lidar com ela de frente conduzirá esse último segmento:

Que a morte me desmembre em outro, e eu fique
Ou o nada do nada ou o de tudo
E acabo enfim esta consciência oca
Que de existir me resta.[64]

Como sugere o título do tema, o temor é explícito. A perspectiva de enfrentar a morte de frente assusta, atemoriza, e coloca o Fausto, que para nós representa o ser humano em busca da compreensão da vida, sem saída. Conhecer o mistério é considerado tão terrivelmente amedrontador e o suplício pela expectativa desse encontro é tamanho, que a certeza do nada seria mais consoladora que a dúvida.

Gela-me a idéia de que a morte seja
O encontrar o mistério face a face
E conhecê-lo. Por mais mal que seja
A vida e o mistério de a viver
E a ignorância em que a alma vive a vida,
Pior me [relampeja] pela alma
A idéia de que enfim tudo será
Sabido e claro...
.....
Pudesse eu ter por certo que na morte
Me acabaria, me faria nada,
E eu avançara para a morte, pávido
Mas firme do seu nada.[65]

O medo do desconhecido presente na alma humana desde tempos imemoriais retorna com intensidade. Diante de um horizonte aterrador, o temor vai expandir-se. O pavor herdado do homem primitivo e compartilhado pelos animais aflora. A perspectiva que, por si só já é

[63] Ibid. XXIII, p. 649.
[64] Ibid. I, p. 650.
[65] Ibid. IV, p. 650-651.

aterradora, é potencializada pelo conhecimento da extensão do mistério, como admitido na passagem abaixo. A ideia de abismo e de infinito ganha corpo de maneira considerável e é proporcional ao estarrecimento que ela pode causar:

> O animal teme a morte porque vive,
> O homem também, e porque a desconhece;
> Só a mim é dado com horror
> Temê-la, por lhe conhecer a inteira
> Extensão e mistério, por medir
> O [infinito] seu de escuridão.[66]

O *Primeiro Fausto* se encaminha para o final levantando as perguntas que não possuem respostas e que inquietaram Fernando Pessoa ao longo de toda sua vida. Mesmo se considerarmos o autor como ente distante de sua obra, as personagens criadas pelo poeta português estão mergulhadas em questões existenciais. Insistimos, mesmo se considerarmos Fernando Pessoa como um dos heterônimos, a obra poética vista como um todo não se distanciará desse abismo humano:

> Uns têm — e é sofrer — o duvidar:
> Há Deus ou não há Deus? Há alma ou não?
> Eu não duvido, ignoro. E se o horror
> De duvidar é grande, o de ignorar
> Não tem nome nem entre os pensamentos.[67]

O poema termina com a constatação do horror supremo e do pavor perante o fim da vida. Não há escapatória, um dia o encontro com a morte será consumado, o inevitável acontecerá e o indivíduo perderá sua condição de ser e existir para mergulhar na escuridão infinita. Enfim, o ser humano terá que encarar seu destino inalterável:

> Só uma cousa me apavora
> A esta hora, a toda a hora:
> É que verei a morte frente a frente
> Inevitavelmente.
> Ah, este horror como poder dizer!
> Não lhe poder fugir. Não podê-lo esquecer.
>
> E nessa hora em que eu e a Morte
> Nos encontrarmos
> O que verei? O que saberei?
> Horror! A vida é má e é má a morte

[66] Ibid. VIII, p. 651-652.
[67] Ibid. VIII, p. 652.

Mas quisera viver eternamente
Sem saber nunca [...] isso que a morte traz [...][68]

Depois de haver passado pelos quatro temas de *Primeiro Fausto*, acreditamos que foi possível demonstrar como a questão da existência, da finitude da vida e da morte sem a possibilidade de um mecanismo de fuga se apresentam assustadoras. Embora tratemos aqui de um drama que não chegou a ser terminado por Fernando Pessoa, consideramos que esta peça lida como poema pode servir de síntese ou de demonstração de uma inquietação que permeou toda a poética pessoana. Ao encerrar nossa breve leitura de *Primeiro Fausto*, pensamos que foi possível assimilar um pouco do tom sombrio dessa obra, tom que se repetirá diversas vezes e por diferentes vozes no interior do universo de Pessoa.

3.2. A NOITE NEGRA DA ALMA

Tivemos a oportunidade de observar no subcapítulo anterior toda a dramaticidade experimentada pela poesia de Fernando Pessoa no que tange à questão da morte, do desaparecimento, do sentido ou falta de sentido da vida e, principalmente, de como pode ser penoso viver sob a sombra do nada, sob o temor de não existir mais. A única certeza do homem é a morte. Como *ser* estando sempre sob a real ameaça do *não ser*? Para o indivíduo que possui a fé em uma religião e uma crença consolidada, a questão pode ser menos crítica, para aquele desprovido da crença religiosa, o simples fato de pensar sobre o desconhecido pode transformar-se em um exercício aflitivo. Falhando a fé e a racionalidade, restarão a dúvida e o mistério.

O caminho de Fernando Pessoa pelo Ocultismo não foi marcado por convicções ou crenças consolidadas. O poeta enfrentou o que os ocultistas chamam de noite negra da alma, um período de sérias dificuldades, dúvidas e incertezas. No caso de Pessoa, podemos falar em períodos, pois o poeta parece ter sido acometido por essa situação em diversas fases da vida e de sua obra poética. O termo se aproxima da temática do poema *La noche escura del alma*, escrito pelo místico cristão São João da Cruz, no século XVI. Poderemos perceber em diversos poemas de Pessoa a presença de elementos que deixarão patente essa relação. Antes de examinarmos a poesia, no entanto, faz-se necessária uma análise um pouco mais cuidadosa do quem vem a ser a noite negra da alma.

[68] Ibid. XII, p. 653.

No esoterismo, o termo "noite negra da alma" se refere a um ou mais períodos de extrema incerteza e descontentamento. É o naufrágio do adepto, é tempo de passar por provações de todos os tipos, é o momento em que o buscador é tomado pela desesperança e pelo pessimismo, quando é tentado a deixar de lado seu caminho evolutivo. As dúvidas, inquietações e desencantamentos tomam conta da alma do adepto. Para os místicos, se o adepto sucumbir à própria insegurança nessa fase, estará condenado a levar uma vida medíocre e nunca experimentará a conquista da paz interior.

No subcapítulo anterior, ao apreciar *Primeiro Fausto*, já tivemos uma boa introdução acerca do estado de espírito presente na noite negra da alma. Inicialmente, destacaremos outros poemas que exemplificam essa atmosfera obscura, cercada de incertezas e ânsias. Um deles é *Tabacaria*, de Álvaro de Campos, que apresenta passagens que merecerão destaque aqui. O poema já começa com um conhecido – e consagrado na obra poética de Pessoa – paradoxo:

> Não sou nada.
> Nunca serei nada.
> Não posso querer ser nada.
> À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
> (PESSOA, 1986c, p. 296)

Em um trecho mais a frente, encontramos a descrição de um estado de espírito melancólico de um indivíduo que depois de procurar identificação e equilíbrio, nada encontrou. A busca infrutífera se revela com o mundo ao seu redor apresentado absolutamente desprovido de essência. Lojas, passeios, entes vivos, cães, todos parecem alheios à inutilidade do cotidiano. Sentindo-se o único ser acometido por essa amargura, atormentado pelo pesadelo da falta de sentido, o eu-lírico se mostra mergulhado em sua solidão de degredado no mundo:

> Meu coração é um balde despejado.
> Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
> A mim mesmo e não encontro nada.
> Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
> Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
> Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
> Vejo os cães que também existem,
> E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
> E tudo isto é estrangeiro, como tudo[69].

[69] Ibid. P. 298.

No segmento em que é narrada a chegada do dono da tabacaria à porta, segue-se uma súbita questão existencial, um desconforto que não fica apenas na cabeça mal posicionada, mas que se desdobra em uma verdadeira reflexão acerca da existência, da realidade e das possibilidades de um espaço insondável que possivelmente estaria submetido às mesmas regras. A total falta de sentido do mundo e das coisas salta dentro da tabacaria e a razão para prosseguir permanece sem fundamento, nem a tabuleta nem os versos permanecerão em uma realidade que não permite sequer a sobrevivência de astros colossais. Aparentemente a sensação que surge é de completo fastio, ao contrário do terror anunciado em outros poemas. Esmorecido, o eu-lírico do poema de Álvaro de Campos apresenta mais desânimo do que aflição, seu pensamento parece provir de alguém já "vencido" e a banalidade dos acontecimentos parece esmorecer as sensações:

> Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
> Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
> E com o desconforto da alma mal-entendendo.
> Ele morrerá e eu morrerei.
> Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
> A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
> Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
> E a língua em que foram escritos os versos.
> Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
> Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
> Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,[70]

Qual seria a validade de viver uma vida totalmente desprovida de um sentido superior, onde tudo que se perde parece ser a interrogação? No decorrer do poema, há uma espécie de tomada de consciência que vai se desenvolvendo em meio às sensações. Temos a impressão de que o sensacionismo de Campos vai sucumbindo ao longo do poema frente à impossibilidade de delimitar o sonho, a realidade e o sentido, dando lugar a uma constatação de fracasso:

> Sempre uma coisa defronte da outra,
> Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
> Sempre o impossível tão estúpido como o real,
> Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
> Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.[71]

[70] Ibid. 1986, p. 299.
[71] Ibid. 1986c, p. 299.

Um outro poema que nos chamou a atenção, e que serve de exemplo para essa fase ou estado vulnerável, chama-se *Mater Desiderata*. A data em que foi escrito não ficou registrada. Examinaremos alguns trechos desse poema:

> O coração humano ama só ao que conhece
> Transcendente demais para
> A saudade que pesa
> Em meu coração triste
> Não m´a tira a certeza
> De que até nada existe
> (PESSOA, 1989, p. 62)

O poeta considera, logo de início, a impossibilidade de amar ou obter conforto no desconhecido, naquilo que não podemos alcançar, nesse caso, o que são conhecidos pelo coração são a saudade e a tristeza. O próximo trecho já deixa mais claro o título do poema, que nada mais é do que *Mãe Desejada* escrito em latim:

> Porque não é o além
> Que cura o que perdi.
> Quem eu quero é minha mãe,
> A mãe que tive aqui.[72]

A presença física da mãe é colocada como condição e desejo; o além, as crenças em outro plano espiritual ou em outra vida não são suficientes para amenizar o sofrimento. Pensamos que a temática do poema, dirigido à mãe, que teve uma ligação fortíssima com o poeta, deve ser levada em conta. O tom utilizado é quase o de uma confissão, é difícil, portanto, separar esse poema em especial do contexto biográfico do poeta, pois seu desenvolvimento, lamentando não haver cura ou consolo para perda tão terrível, possui um alto grau de dramaticidade. A existência em outro plano não servirá de consolo e esse desgosto ficará ainda mais patente na última estrofe do poema:

> Dizem me fria e em vão que hei-de ainda a encontrar
> Na reencarnação,
> Outra, em outro lugar.
> Mas é a mesma que eu quero,
> Essa é que eu choro em dor.[73]

[72] Ibid. 1989, p. 65.
[73] Ibid, 1989, p. 65.

A última estrofe, e mais especificamente o último verso, que revela o sofrimento e utiliza a ideia de chorar em dor, é particularmente aflitiva. Se nos propuséssemos a encarar *Mater Desiderata* como um poema relacionado com a biografia de Pessoa, seria evidente a consternação e a profunda amargura frente à perda da genitora. Considerando o referido poema como construção dentro do universo poético pessoano, acreditamos que serviria perfeitamente como exemplo da presença do que chamamos de noite negra da alma, pois, como é ressaltado pelo eu-lírico, não haverá alívio no desconhecido e segundo esse raciocínio, pensamos, todo conhecimento ocultista, esotérico ou religioso não será suficientemente eficaz para servir de bálsamo às feridas abertas. A noite negra da alma, carregada de dúvidas e carente de convicções, mostra outro componente, talvez o mais soturno, a amargura da dor causada pela perda.

Seguindo nossa proposta de situar a presença da noite negra da alma dentro da poética de Pessoa, podemos dar destaque também a um poema denominado *Abdicação*, publicado pela primeira vez em 1920. Esse poema merece destaque, pois além de mencionar literalmente a noite no sentido em que a palavra está sendo trabalhada aqui, igualmente trará a ideia de renúncia e capitulação que remete à desesperança que caracteriza esse período. A aparição da noite negra já se dá na primeira estrofe:

> Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
> E chama-me teu filho.
> Eu sou um rei
> Que voluntariamente abandonei
> O meu trono de sonhos e cansaços.[74]

Abdicação já começa com uma atmosfera de intimidade entre o eu-lírico e a noite. Subjugado e disposto a render-se, ele pede que a noite o receba como um filho, pois o conforto virá justamente da escuridão, de entregar-se ao vazio. O poema segue, descrevendo a deposição das armas, que é realizada com serenidade e lucidez:

> Minha espada, pesada a braços lassos,
> Em mãos viris e calmas entreguei;
> E meu ceptro e coroa, — eu os deixei
> Na antecâmara, feitos em pedaços.[75]

[74] Id. 1995, p. 215.
[75] Ibid. 1995, p. 215.

A coroa e o cetro despedaçados na antecâmara da noite completam a abdicação. O trono de sonhos e cansaços foi deixado, as armas foram entregues, o eu-lírico está preparado para capitular sem desespero e resignado:

> Minha cota de malha, tão inútil
> Minhas esporas, de um tinir tão fútil,
> Deixei-as pela fria escadaria.
> .....
> Despi a realeza, corpo e alma,
> E regressei à noite antiga e calma
> Como a paisagem ao morrer do dia.[76]

Abdicação termina com o regresso à noite. É chegada a hora da rendição incondicional e, neste ponto, qualquer subterfúgio é inútil. Um comentário é possível aqui: o uniforme dispensável foi deixado na escadaria fria. Já comentamos neste trabalho que a escadaria no esoterismo representa o caminho do adepto, e, nesse sentido, pensamos que a metáfora representa o abandono da busca através do misticismo. Tudo foi deixado de lado, a escadaria não possui mais vida, o adepto se despiu e agora o seu caminho será o de retorno à noite antiga e calma, ao vazio, ao nada. Como qualquer outro elemento da natureza, o antigo adepto vai submergir placidamente na escuridão eterna.

Seguindo através da noite, temos um poema curto de 1932 que é igualmente emblemático no que diz respeito a esse estágio sombrio. Dessa vez, poderemos notar uma certa impaciência dando lugar à serenidade demonstrada em *Abdicação*:

> Quem bate à minha porta
> Tão insistentemente
> Saberá que está morta
> A alma que em mim sente?[77]

Em princípio, não é possível saber exatamente quem está batendo à porta. Acreditamos que pode ser qualquer pessoa, ou que pode ser o pensamento de procurar novamente o caminho místico ou a subida da escada, da montanha, o retorno da busca. É possível que ambas as leituras sejam aceitáveis, de qualquer modo, aquele que bate à porta ao certo desconhece que a alma do eu-lírico já está morta e incapaz de sentimentos. Outra interpretação digna de nota é considerar o quarto ou a casa como o corpo físico e material.

[76] Ibid. 1995, p. 215.
[77] Ibid. 1995, p. 143.

Encontramos algumas vezes esse tipo de personificação em pesquisas que fizemos a respeito do ocultismo. Seguiremos então com os versos seguintes:

> Saberá que eu a velo
> Desde que a noite é entrada
> Com o vácuo e vão desvelo
> De quem não vela nada?[78]

Aquele que bate à porta também não tem conhecimento do velório da alma que ocorre dentro do quarto, ou do corpo, o velório de algo sem importância, o velório do nada. Vale pontuar que a alma é velada a partir da entrada na noite, portanto, não acreditamos em coincidência e consideramos que estamos tratando aqui da noite negra da alma, propósito deste subcapítulo. Nesse contexto, afirma-se aqui a inexistência da alma e a inutilidade total em perder tempo com a sua evolução, com o polimento da pedra bruta. Não há razão para que se bata na porta, não há pressa, não há sentido a ser procurado. A alma morreu e já está sendo velada, até com certo desprezo. Em seguida, a última estrofe guarda algumas curiosidades:

> Saberá que estou surdo?
> Porque o sabe ou não sabe,
> E assim bate, ermo e absurdo,
> Até que o mundo acabe?[79]

Alguém está batendo à porta e isso foi percebido. Apesar de perceber o som das batidas, aquele que vela a alma no interior do quarto se diz surdo, mesmo tendo escutado as pancadas. Por esse motivo, acreditamos que o desejo de investigar o mistério permanece por perto como a insistência de um indivíduo que bate à porta. Quem continua chamando, ermo e absurdo como se estivesse cumprindo um ofício automático, não parece em vias de cessar a convocação. É possível ler esse poema entendendo que o desejo e a necessidade de reflexão sobre o mistério jamais deixarão de bater à porta. Talvez não seja possível escapar, a paz prometida pela noite em *Abdicação* não é atingida, fica a ideia de um retorno infinito do desassossego, até que o mundo se acabe. O eu-lírico não terá a possibilidade de velar em paz a alma que morreu dentro do seu corpo.

A poética de Pessoa é traiçoeira e incerta como o ir e vir das marés, por conta disso, como mencionamos antes, não nos atreveremos aqui a delimitar a noite negra da alma dentro de toda obra. Temos evidências claras da presença dela, como demonstramos até aqui, todavia

[78] Ibid. 1995, p. 143.
[79] Ibid. 1995, p. 143.

entendemos que o poema que acabamos de ler acima sintetiza a ideia de que a presença da incerteza, e a tentativa vã de contorná-la, jamais deixará o universo de Pessoa.

Mesmo se tentássemos, seria difícil estipular um critério cronológico para analisar a presença da noite negra da alma na poesia de Fernando Pessoa. Em seus últimos anos de vida, podemos encontrar poemas que nos fazem acreditar que o período de angústia se estendeu, porém, ao mesmo tempo, encontramos poemas como *Superiores Incognytos*, por exemplo, de maio de 1934, que deitam por terra essa convicção:

> Nunca li o livro occluso
> Nem vi o túmulo aberto,
> Mas, em meu claustro recluso,
> Vendo o céu só pela luz
> Senti a verdade perto.[80]

Mesmo sem conhecer o oculto e a morte, e permanecendo em seu claustro recluso, que aqui pode ser entendido como o corpo físico que aprisiona a alma, se optarmos por uma leitura esotérica, ou mesmo por uma vida solitária permeada pela vontade de conhecer os mistérios, se formos mais convencionais, a verdade esteve perto e foi sentida.

> Mãos do meu Anjo da Guarda
> Que bem me guiaes, como dois,
> O meu ser que teme e tarda,
> Postas firmes nos meus hombros
> Sem que eu veja de quem sois![81]

Guiado por um superior incógnito, nesse caso, pelo Anjo da Guarda, o ser que teme o desconhecido alcança alguma segurança. Durante toda sua vida, o poeta fez referência aos superiores incógnitos, desde o período dedicado ao espiritismo, até a carta a Casais Monteiro, em que menciona uma escala hierárquica de seres e mundos, como tivemos oportunidade de abordar anteriormente nesse trabalho. Na última estrofe, o percurso segue:

> Vou pela noite infiel
> Sentindo a aurora raiar
> Por detraz do alguém que me impele;
> Mas já adeante de mim
> Vejo a luz a começar.[82]

---

[80] Id. 1989, p. 68.
[81] Ibid. 1989, p. 68.
[82] Ibid.

A noite infiel, em uma leitura esotérica, aproxima-se da própria noite negra da alma, abordada nesse segmento; a noite é enfrentada, vira caminho e, apoiado por uma entidade desconhecida, a luz é alcançada. Devemos chamar a atenção para a maneira distinta como a noite é abordada em *Abdicação* e *Superiores Incognytos*. No caso do segundo poema, o adepto a enfrenta, encorajado por um orientador externo que o conduz e sente a aurora, que. no contexto ocultista de noite negra, é o lugar que o adepto alcança quando consegue sobreviver e ultrapassar com sucesso o período sombrio.

O verso final é manifesto: a luz pode ser vista, a iluminação é o estágio final do adepto ocultista, o objetivo principal, o topo da montanha. Arriscamo-nos a dizer que temos em *Superiores Incognytos* possivelmente uma metáfora do adepto que consegue superar a noite negra da alma. No ocultismo, as expressões *áureo alvorecer* ou *aurora dourada* são usadas para denominar a passagem do adepto pela noite negra, da qual sai mais forte, transformado e mais próximo da iluminação. Podemos notar que o poeta usa justamente expressões aproximadas dos conceitos esotéricos de noite e alvorecer nos dois primeiros versos, o que dificilmente será apenas coincidência, dado o vasto conhecimento de Pessoa sobre o ocultismo.

Provavelmente jamais saberemos se Fernando Pessoa se entregou ou superou a noite negra, desconhecemos sequer se o poeta vivenciou realmente essa condição, apesar de termos vários indicativos que nos permitem acreditar nessa possibilidade. Sabemos que ela está presente em sua obra e acreditamos que as tentativas de vencer esse período se encontram igualmente presentes em sua poética. Como um alquimista, o poeta tem a seu dispor elementos da arte e da linguagem para a utilização em seu laboratório. A transmutação desses elementos é a chance de aproximar-se do insondável. Talvez seja possível que, através da poesia, exista um caminho para o êxtase e que, independentemente da existência de um Criador, a elevação máxima a que o ser humano possa alcançar talvez passe pela possibilidade de arrebatamento permitido pela arte. Nossa intenção é tratar dessas possibilidades a partir de agora.

3.3 ARTE COMO CAMINHO PARA O INFINITO

> *Todos fazemos, em alguma medida, um pacto com Genius, com aquilo que em nós não nos pertence.*
>
> (Giorgio Agamben)

Nesse ponto, procuraremos compreender como a poesia e a arte, em geral, podem servir como elementos de transcendência. Para esse ofício, utilizaremos conceitos e ideias extraídos do livro *Profanações*, de Giorgio Agamben, dentre outros, para ilustrar e fundamentar alguns argumentos nesse sentido. Antes disso, porém, iremos nos utilizar de uma passagem do estudioso da Arte, Clive Bell, que nos parece conter uma definição bem aproximada do que pretendemos propor:

> A arte e a religião são dois caminhos pelos quais o ser humano escapa das circunstâncias para o êxtase. Entre o arrebatamento estético e o arrebatamento espiritual há um laço familiar. Arte e espiritualidade são meios para estados de espírito semelhantes. Se estivermos autorizados a por de lado a ciência e a estética, seguindo as nossas emoções e o seu objeto, considerando o que está na mente do artista, podemos dizer que a arte é uma manifestação do sentido religioso. Se for a expressão de uma emoção, é a expressão de uma emoção sentida por aquilo que é a essência de tudo. (BELL, 1914, p. 19)

Como já foi comentado, é provável que a poesia pessoana tenha se tornado uma alquimia da linguagem, e, em segmentos anteriores, procuramos demonstrar que a poesia e as correntes místicas e esotéricas estavam relacionadas na obra de Pessoa. A pergunta que surge é se a arte então seria um instrumento para alcançar o insondável, ou, pelo menos, aproximar-se dele. Incialmente, procuraremos examinar algumas passagens de Agamben em *Profanações*, tentando por meio de uma reflexão relativamente recente encontrar pontos de convergência com essa perspectiva.

O primeiro capítulo do livro de *Profanações*, que merecerá nosso exame mais minucioso, trata do Genius, conceito que tem origem na antiga Roma e que é definido pelo autor da seguinte forma: “Os latinos chamavam de Genius ao deus a que todo homem é confiado sob tutela na hora do nascimento. (...) Genius era, de algum modo, a divinização da pessoa, o princípio que rege e exprime a sua existência inteira.” (AGAMBEN, 2007, p. 15).

Havia assim um princípio divino residente em cada pessoa, princípio que se ligaria ao corpo no momento do nascimento. O filósofo italiano continua e destaca que o Genius, embora se una ao corpo no nascimento e seja parte de cada indivíduo, vai também conservar-se impessoal, algo que será necessário para manter a ligação entre o homem e o divino, algo que possibilitará que o homem se supere: "Mas esse deus muito íntimo e pessoal é também o que há de mais impessoal em nós, a personalização do que, em nós, nos supera e excede". [83].

Devemos salientar que esse conceito não pode ser considerado exatamente uma novidade em nosso trabalho, já que, anteriormente, destacamos como a impessoalidade tem papel fundamental em vertentes esotéricas. A consciência da importância do apagamento do eu, do desdobramento e da necessidade de abandono da própria personalidade é condição *sine qua non* para o adepto alcançar a iluminação. Vejamos como Agamben continua se acercando desse entendimento:

> Compreender a concepção de homem implícita em Genius equivale a compreender que o homem não é apenas Eu e a consciência individual, mas que, desde o nascimento até a morte, ele convive com um elemento impessoal e pré-individual.[84]

Ora, ao acompanharmos o raciocínio de Agamben é impossível não lembrarmos das menções que fizemos a místicos como Aleister Crowley e Helena Petrovna Blavatsky, assim como ensinamentos semelhantes, presentes em várias doutrinas esotéricas que tivemos a oportunidade de abordar nesse trabalho. Ainda nessa linha, o filósofo italiano afirma: "É essa presença inaproximável que impede que nos fechemos numa identidade substancial, é Genius que rompe com a pretensão do Eu de bastar-se a si mesmo"[85].

Como podemos observar, teremos novamente destacada a questão do abandono da personalidade, uma exigência da iniciação esotérica e que aparece aqui atrelada à concepção de Genius de Agamben, intimamente ligada ao divino. Quando o italiano menciona a impossibilidade do eu bastar-se a si mesmo, lembramos que a vida finita terrena é insuficiente para levar-nos a uma esfera superior, e que somente através de alguma transcendência – pensamos – o homem pode ser alçado a uma condição mais alta, condição que não necessariamente dependerá de uma crença religiosa ou de uma vida eterna, condição especial talvez que pode ser alcançada através de um estado de espírito particular proporcionado pela

[83] Ibid. P. 15
[84] Ibid. P. 16.
[85] Ibid. P. 17.

arte. Cabe, nesse momento, retomarmos Clive Bell mais uma vez, destacando um trecho que consideramos uma boa ilustração do nosso pensamento.

> A arte é não só um meio para bons estados de espírito, mas, talvez o meio mais directo e poderoso que possuímos. Nada é mais directo, porque nada afecta a mente de um modo tão imediato; nada é mais poderoso, porque não há nenhum estado de consciência mais excelente ou mais intenso do que o estado de contemplação estética. (BELL, 1914, p. 78)

A transformação que a arte pode oferecer passará por esse efeito instantâneo que o objeto artístico permite. É possível que possamos sair por alguns momentos da mediocridade do cotidiano através da contemplação ou mesmo da produção artística, sendo válido lembrar que, assim como a religião, a arte já era necessária desde o tempo em que nossos antepassados habitavam as cavernas.

Voltando a Agamben e a *Profanações*, seguiremos refletindo sobre o Genius e seu percurso através da arte para que possamos chegar até a escrita, que é o nosso interesse maior. O filósofo italiano levanta alguns pontos que pensamos dignos de destaque. Entre os pontos levantados pelo autor estão: o lado espiritual e terreno de Genius, e também a dimensão do impessoal que, para Agamben, está carregado de significação:

> A espiritualidade – afirmou-se – é, sobretudo, essa consciência do fato de que o ser identificado não está totalmente identificado, mas ainda contém certa carga de realidade não identificada, que importa não apenas conservar, mas também respeitar e, de algum modo, honrar, assim como se honram as próprias dívidas. Genius não é porém só espiritualidade, não tem a ver apenas com coisas que estamos acostumados a considerar mais nobres e elevadas. Todo impessoal em nós é genial. (AGAMBEN, 2007, p. 17)

Como podemos observar, temos duas facetas de Genius, essa espécie de figura divina particular que está presente em cada um de nós. Uma faceta está ligada à espiritualidade, ou seja, à parte não identificada do indivíduo, ao segmento que transcende a personalidade e faz com que esse indivíduo pertença a algo além da própria personalidade; a outra faceta não se relaciona exatamente à espiritualidade, mas a todo impessoal presente em cada um.

Esse pensamento de Agamben nos recorda do conceito ocultista de egrégora. A egrégora é uma espécie de rede, invisível, formada pelo pensamento de um grupo de pessoas e que a partir daí é transformada em energia. Segundo os ocultistas, as cidades, os países, as empresas, enfim, determinados lugares onde pessoas se reúnem, possuem egrégoras e isso poderia ser percebido pelos mais sensitivos em contato com esses ambientes. Essas egrégoras

são, portanto, formadas por uma conjunção coletiva de pensamentos e sensações, que emprestarão identidade a uma entidade impessoal. É possível, assim, levantar a hipótese de que as egrégoras, que fazem parte de um inconsciente impessoal, estão relacionadas com o Genius mencionado por Agamben, uma vez que agrupam forças não exclusivas à dimensão apenas individual para compor, por sua vez, algo maior. É válido destacar um trecho, que podemos ler abaixo, no qual Agamben vai falar de uma prática mística cotidiana que acaba por revelar-se como uma forma de esoterismo:

> A intimidade com uma zona de não-conhecimento é uma prática mística cotidiana, na qual Eu, numa forma de esoterismo especial e alegre, assiste sorrindo ao próprio desmantelamento e, quer trate da digestão do alimento, quer da iluminação da mente, é testemunha, incrédulo, do incessante insucesso próprio. Genius é a nossa vida enquanto não nos pertence.[86]

Depois de refletirmos sobre esse conceito de Genius, retomado em *Profanações*, devemos pensar sobre a sua relação com a escrita. Vimos nesse trabalho o exercício de Fernando Pessoa, enquanto poeta, de desdobramento a partir de seus heterônimos. Um desdobramento que segue instruções esotéricas e aponta para o abandono da personalidade. A escrita, nesse sentido, terá um componente místico, esotérico e pensamos que o fazer poético pessoano, através do seu caminho alquímico, será uma maneira de buscar a impessoalidade ligada ao Genius:

> Escrevemos para nos tornarmos impessoais, para nos tornarmos geniais e, contudo, escrevendo, identificamo-nos como autores desta ou daquela obra, distanciamo-nos de Genius, que nunca pode ter a forma de um Eu, e menos ainda a de um autor. Toda tentativa de Eu, do elemento pessoal, de se apropriar de Genius, de obrigá-lo a assinar seu nome, está necessariamente destinada a fracassar.[87]

É possível perceber que Agamben defende a ideia de a escrita há de tornar-nos impessoais e considera um retrocesso que as obras estejam atreladas a uma forma de Eu. Dessa forma, a arte e a poesia proporcionam a chance para que pertençamos a algo maior, algo que nos supera e nos transcende, desde que não fiquemos presos à individualidade. Mais uma vez, temos aqui uma ideia muito aproximada da morte iniciática presente no ocultismo, na qual o neófito abdica de sua vida e renasce como um adepto que será parte integrante de

[86] Ibid. P. 17.
[87] Ibid. P. 18.

outra esfera. Note-se que, nesse viés, a prática da escrita poética, como no caso de Pessoa, por si só pode ser considerada uma tarefa mística, tal como mencionou Agamben.

Essa prática não precisa estar necessariamente relacionada com crenças ou convicções, pois sendo ou não realizada como exercício espiritual, ela permitirá uma aproximação com algo intangível. Nesse caso, o poeta irá experimentar um encontro que vai desencadear forças que estão fora do controle. Na medida em que se eleva e se coloca acima da própria identidade, o poeta adentra um território desconhecido e pantanoso. Esse é, entretanto, um preço a ser pago a fim de que seja possível sair da mediocridade e ir além:

> Por isso o encontro com Genius é terrível. Se, por um lado, é poética a vida que se leva na tensão entre o pessoal e o impessoal, entre Eu e Genius, por outro é pânico o sentimento que Genius venha a exceder-nos e superar-nos sob todos os aspectos, que nos aconteça algo infinitamente maior do que nos parece suportável.[88]

No trecho que destacamos, podemos observar como Agamben alerta sobre os percalços que serão experimentados por aqueles dispostos a vivenciar as tensões entre o Eu e o Genius. Talvez seja extremamente necessário que haja uma preparação para que esse tipo de desafio possa ser encarado. O polimento da pedra bruta feito pelos maçons, a transmutação alquímica dos herméticos ou a subida da escada ou da montanha são imagens que ilustram essa capacitação necessária para proteger e preparar o adepto para o encontro com esferas incógnitas. Acreditamos que Agamben, ao advertir sobre possíveis dificuldades a serem suportadas em um encontro com Genius, encontro esse que ocorrerá em um ambiente desconhecido, mostra como pode ser desconfortável tal prática e como tal situação não permitirá que a experiência transcorra de maneira satisfatória. Um pouco mais a frente neste trabalho, comentaremos essa questão com mais atenção.

Seguindo ainda as considerações do filósofo italiano, teremos mais um trecho que merecerá nossa atenção. Nele, Agamben volta a mencionar a zona de não-conhecimento, localizada, ao que parece, na fronteira da impessoalidade. Mais uma vez, devemos salientar, temos exposto aqui o problema da abdicação da própria personalidade e mais um fator surge com alguma ênfase, a questão da emoção:

> No limiar da zona de não-conhecimento, Eu deve abdicar-se de suas propriedades, deve comover-se. E a paixão é a corda estendida entre nós e o

[88] Ibid. P. 18.

> Genius, sobre a qual caminha a vida funâmbula. O que nos maravilha e espanta, antes mesmo do mundo fora de nós, é a presença, dentro de nós, dessa parte para sempre imatura, infinitamente adolescente, que fica hesitante no início de qualquer identificação.[89]

De acordo com Agamben, a corda que nos une ao Genius é a paixão: o ser humano deve comover-se, deve se entregar às emoções para que possa ter acesso a essa corda que nos servirá como ponte para chegarmos ao Genius. Mais uma vez, observamos aqui uma relação entre a arte (no caso do nosso objeto de estudo, do fazer poético) com a possibilidade de atingir o Genius. Pensamos que nenhum outro campo do conhecimento humano teria tantos atributos facilitadores de contato com o Genius.

Outro ponto digno de nota é o reconhecimento da presença dessa ligação com a referida zona de não-conhecimento dentro do próprio ser humano, como uma necessidade inata de buscar esse retorno ao impessoal, isto é, uma busca pela religação com aquilo que nos espanta e maravilha: a procura por uma espécie de pertencimento a algo que nos supere, senda presente na própria natureza humana. Uma passagem dentro da poética pessoana, feita através de Álvaro de Campos, em *Saudação a Walt Whitman* é capaz, acreditamos, de demonstrar essa vontade e a potência advinda desse violento processo que vem a ser o encontro do indivíduo com Genius:

> Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
> Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com
> Deus,
> Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
> Conforme me der na gana... Ninguém tem nada com isso...
> (PESSOA, 1993, p. 24a)

Campos revela a vontade de comungar com Deus e, dessa forma, ter a oportunidade de ser tudo e nada ao mesmo tempo, de deixar por um momento o Eu para alçar voo em direção ao impessoal.

No momento em que nos encaminhamos para o final deste subcapítulo e até mesmo do trabalho, voltaremos a Agamben. As inserções que foram feitas aqui, retiradas do livro *Profanações*, publicado há relativamente pouco tempo, demonstram que alguns pontos levantados anteriormente nesta pesquisa continuam atuais e presentes nas reflexões de pensadores do século XXI: a relação do homem com o divino e as maneiras pelas quais essa relação pode ser concebida fazem parte ainda das preocupações humanas. É possível que isso

[89] Ibid. P. 19.

ocorra pois, como diz Agamben no trecho abaixo, tratamos aqui de um elemento presente no homem e que vai acompanhá-lo do nascimento até a morte, que lhe é inseparável, no bem e no mal. Além de um aspecto que se relaciona com a experiência e com a vida pessoal, teremos sempre um outro, que estará marcado pelo desejo de encontro com o impessoal:

> Compreender a concepção de homem implícita em Genius equivale a compreender que o homem não é apenas Eu e consciência individual, mas que, desde o nascimento até à morte, ele convive com um elemento impessoal e pré-individual. O homem é, pois, um único ser com duas fases, que deriva da complicada dialética entre uma parte (ainda) não identificada e vivida, e uma parte já marcada pela sorte e pela experiência individual. Mas a parte impessoal e não identificada não é um passado cronológico que uma vez por todas deixamos para trás, e que podemos, eventualmente, chamar de volta com a memória; ela está presente até agora, em nós e conosco e junto de nós, no bem e no mal, inseparável. (AGAMBEN, 2007, p. 16)

O encontro com o impessoal, que pode ser um modo de ascender a um patamar, seria parte da transformação proporcionada pela arte, um encontro tragado por essa zona desconhecida que funde o Eu com o Fora quando o homem ganha seu espaço além de si mesmo no universo. Uma outra passagem de *Saudação a Walt Whitman* reflete essa transmutação que converte o Eu em "Deus". No poema, Campos proclama que Whitman foi Rosseau, Homero, Shakespeare, Shelley, que foi "espasmo p'ra dentro de todos os objectos de fora". Notamos que o heterônimo se mostra inclinado a seguir pela mesma estrada:

> Que nenhum filho da puta se me atravesse no caminho!
> O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!
> Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo, deixa-me
> ir...
> É comigo, com Deus, com o sentido-eu da palavra Infinito...[90]

Sendo assim, o caminho de *Campos e de outros poetas pessoanos seguirá em direção ao sentido-eu da palavra Infinito*. Consideramos que o objetivo primordial será esse, através da escrita escapar das circunstâncias para atingir o êxtase, como assinalou Clive Bell, citado no início desse subcapítulo. E, para escapar das circunstâncias, será necessário o sacro ofício, o sacrifício da identidade e um entendimento com o eterno: "Todos fazemos, em alguma medida, um pacto com Genius, com aquilo que em nós não nos pertence" (AGAMBEN, 2007, p. 21). Desta forma, acreditamos que foi possível concluir esse segmento do trabalho demonstrando como a arte, e mais especificamente a poesia, pode transformar-se em caminho

[90] Ibid. P. 24a.

para o infinito, como é possível pactuar com Genius uma relação baseada na utilização do fazer poético como veículo e, assim, aproximarmo-nos de um espaço que antes seria impenetrável.

Ao tomarmos emprestados conceitos de Clive Bell e Giorgio Agamben, que não estão exatamente dispostos em um âmbito religioso ou esotérico, se considerarmos esses termos com seu significado mais convencional, acreditamos que foi possível exemplificar como a prática do fazer poético pode ser considerada atividade que permite ao indivíduo extrapolar sua condição individual e ascender a um espaço que se encontra além. Espaço que, pensamos, aproxima-se de conceitos vistos neste trabalho como: o exterior, o fora ou a zona de não-conhecimento. Talvez esteja justamente nesse espaço o lugar mais próximo do sublime ou do divino ao qual o ser humano pode aspirar.

Acreditamos também que, no caso de Fernando Pessoa, a construção de um saber esotérico possibilitou que o poeta português conduzisse sua poética através do caminho alquímico ao permitir que ele observasse com clareza as relações entre Literatura e Ocultismo. Pessoa usou a poesia como caminho do adepto, utilizou a via poética para atingir um outro estágio ou, ao menos, para tentar sondar o infinito e é precisamente disso que trataremos na parte final desse trabalho.

3.4. MISSÃO DA POESIA

"(...) a fusão de toda poesia lírica, épica e dramática, em algo para além de todas elas".

(Fernando Pessoa)

Na medida em que estamos caminhando para o final deste trabalho, é chegado o momento de apresentar nossa compreensão acerca da maneira como a via poética se transforma em missão dentro do universo pessoano. Acreditamos que a poesia foi para Fernando Pessoa caminho alquímico, iniciático e também sua chance de alcançar a transcendência. Pensamos que a poesia proporcionou a Pessoa a oportunidade de chegar o mais próximo possível do topo do monte, que, por sua vez, permaneceu e permanecerá inatingível. A tarefa que nos cabe agora é procurar refletir sobre a forma que a poesia funcionou dentro do contexto construído até aqui.

Neste terceiro capítulo, tivemos a oportunidade de refletir sobre criações como o *Primeiro Fausto*, que deixa patente uma perspectiva de absoluta apreensão diante do destino certo do ser humano. Também foi possível uma passagem pela noite negra da alma, que, nesse roteiro, complementa o que vimos no *Primeiro Fausto* e nos oferece um entendimento do drama do adepto diante das incertezas. Em seguida, levantamos a possibilidade da arte – no caso de Pessoa, a poesia – ser uma via de aproximação com o sublime e com o divino, desempenhando um papel que também é da religião. A partir de agora, tentaremos refletir sobre como a produção poética poderia ser uma ponte de Pessoa com o transcendente, enfim, como a obra pessoana se relacionou e criou laços com o impessoal, ou mesmo qual seria a missão da poesia na demanda do poeta português diante do desconhecido. Examinaremos, assim, algumas passagens que julgamos importantes nesse sentido.

Começaremos com um texto que consideramos fundamental em nosso trabalho. Trata-se de um ensaio sobre a iniciação, originalmente escrito em inglês. Nele, Fernando Pessoa fará uma equivalência explícita entre o poeta e o iniciado, e essa relação escrita com todas as letras pelo poeta português será de importância capital para que possamos fundamentar o que apresentamos em nossa pesquisa até aqui. Em *Essay on Initiation*, temos um documento definitivo que revela a hierarquia dos poetas, fazendo analogia entre poetas e iniciados/Ocultismo e produção artística, um paralelo que pensamos ser de vital relevância para o desenvolvimento de nossa tese. Segue a transcrição de um dos trechos:

> Seja qual for o número de graus, externos ou internos, na escala que ascende até à verdade, podem ser considerados três – Neófito, Adepto e Mestre. Na realidade os graus são dez – quatro sob o de Neófito, três sob o de Adepto e três (por assim dizer) sob o de Mestre...
> O Neófito, através dos graus que essa expressão descreve, é essencialmente um aprendiz; o caminho que lhe compete conduz à complementação dos conhecimentos na esfera externa. No Adepto, através dos seus três graus, existe um progresso de unificação do conhecimento com a vida. No Mestre, há uma destruição desta unidade assim alcançada em favor duma unidade mais alta.
> Uma comparação com coisas mais simples creio que tornará isto mais claro. Suponhamos que a finalidade da iniciação é a escrita da grande poesia. O estádio do Neófito será a aquisição de elementos culturais com que o poeta terá que lidar ao escrever poesia – sendo, grau por grau e no que parece ser uma analogia exacta: 0) gramática, 1) cultura geral, 2) cultura literária em particular.
> O estágio do Adepto será, se continuarmos a utilizar a mesma analogia: 5) a escrita de poesia lírica simples, 6) a escrita de poesia lírica complexa, 7) a escrita de poesia ordenada, ou poesia lírico-filosófica, como em Ode. O estágio do Mestre será, pelo mesmo processo: 8) a escrita da poesia épica, 9) a escrita de poesia dramática, 10) a fusão de toda poesia, lírica, épica e dramática, em algo para além de todas elas." (apud LIND, 1981, p. 279)

Esse trecho é muito interessante e merece alguns comentários. Em duas escalas, Pessoa compara o iniciado ao poeta, sendo que ambas as escalas possuem dez graus. Curiosamente, os graus três e quatro da escala dos poetas são omitidos por Pessoa. Seguindo essa escala, os poetas, depois de adquirirem conhecimentos de gramática, cultura geral e literária, seguiriam direto para a escrita da poesia lírica. Por que Fernando Pessoa teria omitido os degraus três e quatro? Segundo Georg Lind, isto "(...) indica, pelos vistos, que os últimos graus do estado de Neófito eram dispensáveis para o poeta" (LIND, 1981, p. 280).

Não concordamos com esse posicionamento e arriscamos dizer que os graus três e quatro não foram revelados, pois fazem parte justamente do conhecimento oculto, aquele que não está aberto a todos, mas que é desejável ao poeta. Depois de adquirir o necessário nos três primeiros graus, faltaria ainda a aquisição da sabedoria oculta, da cultura oculta e isso foi, na nossa opinião, propositalmente escondido por Pessoa. Correndo aqui um risco ainda maior, entendemos que uma outra analogia, situando Pessoa na escala dos poetas, pode ser feita da seguinte forma: os graus zero, um e dois fazem parte da formação geral do poeta, sua aquisição inicial de conhecimentos no princípio da vida; os graus três e quatro seriam os adquiridos por Pessoa através da sabedoria relacionada ao Ocultismo. Dessa forma, já Adepto, Pessoa chegaria ao grau cinco, poesia lírica simples, escrita em seu início como poeta; grau seis, poesia lírica complexa, escrita por Campos e Caeiro e no grau sete, poesia lírico-filosófica, como na Ode, escrita por Reis. Já Mestre, Pessoa alcançaria a poesia épica do grau

oito através de *Mensagem*, ou de algum outro trabalho que ficou por ser escrito. A poesia dramática, no grau nove, através do próprio drama dos heterônimos ou até pelo inacabado *Primeiro Fausto* e o último degrau, o décimo, que trata da fusão de toda poesia, épica e dramática, em algo para além de todas elas: seria o próprio caminho da alquimia, transformando sua laboriosa produção poética em algo maior, mais alto, ponte para a compreensão do divino. Como sabemos, Pessoa morreu relativamente cedo e deixou diversos projetos inacabados, sendo assim, é perfeitamente possível considerar que Pessoa não conseguiu completar sua caminhada.

Até que ponto da montanha chegou Fernando Pessoa será difícil avaliar, entretanto, podemos considerar que o poeta caminhou nessa direção e foi iniciado: "Gradação, subida (...) conhecimento gradual do Eu superior, Esta é a verdadeira iniciação" (CENTENO, 1985, p. 72), disse Pessoa. Yvette Centeno, consagrada pesquisadora do Ocultismo em Fernando Pessoa, pode arrematar falando sobre o significado das iniciações e concordamos com ela nesse sentido: "É sempre o mesmo o segredo das iniciações, sejam quais forem: modificar o homem, fazê-lo participar do Uno de que é uma das formas, uma das emanações".[91]

Já considerando o poeta como iniciado e a via poética como caminho, traremos alguns trechos de poemas que falam da tentativa de juntar-se ao que Yvette Centeno chamou de Uno. Em um poema datado de 26 de abril de 1934, temos uma interessante relação entre Deus e a palavra, como podemos verificar:

> O mundo é Deus que é morto, e a alma aquelle
> Que, esse Deus exhumado, reflectiu
> A morte e a exhumação que houveram d´elle
> Mas stá perdido o sello com que selle
> Seu pacto com vivo que cahiu. (PESSOA, 1989, p. 67)

O mundo seria um Deus morto e a alma, sua exumação, sua religação com o divino, porém o acesso está bloqueado, pois está perdido o selo que faria essa ponte. O selo, no Ocultismo, pode ser uma espécie de símbolo que permite acesso a uma entidade imaterial. Em seguida, Pessoa fala da sombra, que no ocultismo significa nossa vida terrena, desconhecimento, ignorância. É um termo que remete também à concepção platônica de sombra e que é usado dentro do esoterismo há séculos, significando justamente o oposto da luz, da iluminação:

[91] Ibid. P. 73.

> Por isso em sombra e natural desgraça,
> Tem que buscar aquillo que perdeu –
> Não ella, mas a morte que a repassa
> E vem achar no Verbo a fé e a graça-
> A nova vida do que já morreu.[92]

Uma vez na sombra, e em uma desgraça natural, precisamos buscar o que foi perdido. E é através do Verbo que se acha a fé e a graça. Pessoa estaria falando de alquimia poética? A escrita, em sua impessoalidade, poderia nos levar à presença do incompreensível ou do divino retirado de nós após a queda? São questões que podem perfeitamente ser colocadas nesse contexto.

> Porque o Verbo é quem Deus era primeiro,
> Antes que a morte, que o tornou o mundo,
> Corrompesse de mal o mundo inteiro:
> E assim no Verbo que é Deus terceiro,
> A alma volve ao Bem que é seu fundo.[93]

Na última estrofe, o poeta fala da alma voltando ao Bem através do Verbo, que seria o Deus terceiro e que já foi quem Deus era primeiro. Pensamos que a tentativa de reunião com Deus pode se dar através do Verbo e essa, por sua vez, pode ser a missão da poesia. Entretanto, teremos, dessa maneira, sempre uma prática, um exercício e não será possível nessa vida, assim, chegar até a verdade, como o próprio Pessoa admite:

> O oculto nunca poderá, pois, ser completamente desvendado. E a iniciação – iniciação ao mistério - embora tenha por fim, em última instância o conhecimento das coisas divinas, ou do lado divino das coisas, nunca chega na verdade a permiti-lo. O Pai Roseacruz conhece e cala". (CENTENO, 1985, p. 71)

Apesar da impossibilidade, haverá sempre esse mar de mistério pelo qual é preciso navegar, e nesse sentido, é possível que o Ocultismo tenha sido o farol e a poesia a nau. É, sem dúvida, a necessidade humana de conhecer o mistério que impulsionou a poesia de Pessoa através do Ocultismo. Consideramos que, para Fernando Pessoa, essa foi realmente a grande motivação. Recorrendo novamente à Professora Yvette Centeno, destacamos uma constatação acerca do caminho escolhido pelo poeta: "Só há saída acreditando em Deus. Em

[92] Ibid. P. 67.
[93] Ibid.

algo de superior a que pode dar esse nome (ou outro nome, é só referência) e que ocupando o homem lhe preenche o destino e lhe dá sentido".[94]

Deus, Genius, o Fora, enfim, algo que não está ao nosso alcance, foram sempre necessários para que o ser humano buscasse a sonhada completude, para que se sentisse pleno e para que fosse possível o estabelecimento de sentido naquilo que aparentemente não guarda sentido ou, que possui um sentido carregado de mistério.

Para ilustrarmos o que se mostrou mais marcante em nosso percurso, cuja proposta era a de examinar as relações entre Literatura e Ocultismo, traremos um poema de 1932, considerado emblemático na poesia esotérica pessoana, assinado por Fernando Pessoa ortônimo, e que vai tratar do caminho que leva do vale à montanha, ou seja, da ignorância até à iluminação, do desconhecimento até a verdade:

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por casas, por prados,
Por quinta e por fonte,
Caminhais aliados.
(PESSOA, 1995, p. 146)

Partindo do vale, que podemos considerar um local baixo e de desconhecimento, o cavaleiro monge, que acreditamos ser o iniciado, ou o próprio poeta como já procuramos demonstrar, iniciará sua jornada com o intento de chegar ao monte, lugar de revelação. Ele começa passando por prados e casas, por lugares de fácil acesso relativo e, aliado ao seu cavalo de sombra e tomado pelo não saber, o neófito começará sua peregrinação particular. Já na segunda estrofe, podemos observar algumas modificações que começarão a desenvolver-se ao longo do caminho:

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por penhascos pretos,
Atrás e defronte,
Caminhais secretos.[95]

[94] Ibid. P. 51.
[95] Ibid. P. 146.

A partir da segunda estrofe, é possível observar que o cavaleiro passa a estar cercado por penhascos negros, atrás e em frente. As dificuldades começam a surgir e deverão ser enfrentadas por alguém que já guarda segredo sobre sua caminhada. O Ocultismo, começando pelo nome, está sempre relacionado a um conhecimento e a rituais que não podem ser do conhecimento daqueles que não fazem parte do grupo de iniciados, e, portanto, o neófito seguirá como portador do segredo. Com modificações nos últimos três versos, estrutura que será repetida ao longo de todo o poema, a viagem continua:

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por plainos desertos
Sem ter horizontes,
Caminhais libertos.[96]

Ao analisarmos a evolução das estrofes e os versos substituídos, podemos considerar que a partir do estágio acima, o neófito já é adepto, apesar de ter agora pela frente plainos desertos e, mesmo estando sem a possibilidade de visualizar o horizonte, o cavaleiro aparece desta vez liberto, como se o conhecimento adquirido até aquele ponto já lhe permitisse deixar para trás a vida pregressa que aprisiona e lhe colocasse diante da imensidão do mistério. Continuemos, pois, lendo a penúltima estrofe:

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por ínvios caminhos,
Por rios sem ponte,
Caminhais sozinhos.[97]

Seguindo na peregrinação, o cavaleiro monge, já adepto, passará a enfrentar a senda mais obscura, que nos remeterá à noite negra da alma de que tratamos anteriormente. Por caminhos ínvios, intransitáveis, por rios sem pontes, o cavaleiro peregrino se encontra sozinho. É o momento da provação, da dúvida e das incertezas, é o ponto em que não parece haver mais caminho, que caberá ao adepto perseverar, apesar das enormes dificuldades encontradas ou, exaurido pelo cansaço e pelos desafios que o caminho impõe, baixar as armas

[96] Ibid. P. 146.
[97] Ibid. P. 146.

e considerar-se vencido. É interessante pontuar como, mais uma vez, temos aqui uma fusão inequívoca de Ocultismo e fazer poético. A transmutação do Esoterismo em poesia se dá através do processo alquímico e, a esse propósito, a missão da poesia, além de ser ponte para o transcendente, é também de tornar-se um elemento a ser transformado e usado no laboratório do alquimista.

A última estrofe do poema serve praticamente como uma síntese do que vimos ao longo do trabalho. O caminho é infinito, não é possível alcançar a verdade, "O Pai Rosea Cruz conhece e cala". Não há um detentor da revelação que possa oferecer ao adepto à verdade; essa verdade estará, por certo, no interior do adepto, a quem Pessoa denominou algumas vezes de *Eu profundo* ou *Eu superior*. Tanto é, que no último verso ele mesmo se torna o caminho:

> Do vale à montanha,
> Da montanha ao monte
> Cavalo de sombra,
> Cavaleiro monge,
> Por quanto é sem fim,
> Sem ninguém que o conte,
> Caminhais em mim.[98]

Caminhando com o cavaleiro monge em sua peregrinação, foi possível notar que o poema acaba retratando a trajetória de uma vida, de um indivíduo que partiu em busca da revelação e percebeu que ela só poderá ser encontrada internamente. Há quase que didaticamente a presença dos passos iniciáticos que compõem o caminho oculto empregado por diversas ordens esotéricas. Se Pessoa encontrou ou não a verdade dentro de si, é impossível saber, mas temos razões para acreditar que ele fez de sua poética caminho e é nesse sentido que caminhou nossa pesquisa. Sendo assim, podemos concluir que a missão da poesia – ou as missões da poesia – estará relacionada, tanto com um caminho de autoconhecimento, de polimento da pedra bruta, de evolução espiritual e iniciática – que pensamos ter sido possível demonstrar ao longo dessas páginas – quanto a uma ponte para o transcendente.

[98] Ibid.

4. CONCLUSÃO

Chegando ao fim de nossa caminhada através das relações entre Literatura e Ocultismo na obra do poeta português, Fernando Pessoa, depois de uma pesquisa iniciada no mestrado e que continuou sendo desenvolvida em nosso curso de doutorado, temos a convicção de que estamos ainda muito longe de um final. Ainda há muito material inédito de Fernando Pessoa esperando para ser publicado, sem falar nas surpresas que surgem ao longo do percurso, como os inéditos encontrados na África do Sul neste ano de 2016. Independente do material que ainda virá à tona, temos a certeza de que ainda existe muito a ser explorado nesse viés de pesquisa.

Em nosso trabalho, que foi iniciado tentando demonstrar como a questão da morte e da finitude da existência afeta o ser humano, fizemos uma excursão pelo Ocultismo, tanto no aspecto relacionado à vida, quanto no que diz respeito à poesia de Fernando Pessoa e tentamos, depois disso, demonstrar de que modo houve uma fusão dos dois elementos: Literatura e Ocultismo. Procuramos através da poética de Pessoa apresentar exemplos desta estreita relação, assim como utilizamos textos em prosa para fundamentar as ligações entre a obra pessoana e o campo dos conhecimentos ocultos. Temos esperança de que tenha sido possível a demonstração desses pontos propostos por nós ao longo do trabalho. Não tivemos aqui a pretensão de determinar uma ótica maior ou melhor do que qualquer outra a respeito da poesia pessoana, mas somente de apresentar uma possibilidade de leitura da obra pessoana, uma leitura que leve em conta aspectos que, acreditamos, muitas vezes são ignorados, principalmente se nos lançarmos ao desafio de tentar encarar toda a obra buscando uma espécie de unidade de sentido.

Outro elemento importante de ser ressaltado é que nosso trabalho tem também a intenção de ajudar a destacar um pouco mais as relações entre Literatura e Ocultismo em Fernando Pessoa aqui no Brasil. Pensamos que essas relações são um pouco subestimadas por grande parte dos pesquisadores de Pessoa em nosso país, haja vista a quantidade pequeníssima de trabalhos referentes ao tema. Acreditamos que essas relações puderam ser demonstradas nesse trabalho no âmbito da poesia pessoana, cuja pesquisa tem representação em diversos estudiosos em Portugal, como Yvette Centeno, que produziu belíssimos trabalhos acerca da questão e, inclusive, disponibilizou em seus livros fragmentos inéditos do espólio que nos foram fundamentais. É também de Centeno um comentário que destacaremos para ilustrar nossa observação:

> Uma consulta ainda que breve, ao espólio de Fernando Pessoa, permite concluir que a sua preocupação com o mundo do oculto não foi um episódio de acaso, do fim da vida, mas algo que se anunciou muito cedo e durou sempre. (CENTENO, 1985, p. 51)

Concluiremos, enfim, nossa caminhada com a pretensão de ter apresentado aqui as relações entre Literatura e Ocultismo de maneira minimamente satisfatória e convictos da importância dessas relações. Nossa pesquisa foi longa e trabalhosa, pois procuramos conhecer boa parte do universo esotérico para depois relacioná-lo com a prática poética de Fernando Pessoa, de maneira que, sem um conhecimento básico acerca do Ocultismo, nossa pesquisa teria sido simplesmente inviável. Sendo assim, pensamos que foi possível apresentar aqui o papel desempenhado pelo oculto na poesia pessoana, já que como próprio poeta destacou:

> Seja como fôr, o certo é que os ensinamentos ministrados nos mysterios abrangem três ordens de coisas: 1) a verdadeira natureza da alma humana, da vida e da morte, 2) a verdadeira maneira de entrar em contacto com as forças secretas da natureza e manipulá-las, e 3) a verdadeira natureza de Deus ou dos Deuses e da creação do mundo. São, respectivamente, o segredo alchimico, o segredo mágico, e o segredo mystico. (Esp. 54-97)[99]

Acreditamos que valeu a pena. Ao trabalharmos com um poeta de tão alta qualidade e com questões tão interessantes e primordiais, fica como legado uma experiência bastante enriquecedora. Podemos dizer, finalizando nosso trabalho, que assimilar um pouco do conteúdo tratado, conteúdo esse que consideramos inabarcável em sua totalidade, foi de uma importância que ainda não podemos mensurar. Recebemos durante nossa jornada muito mais do que elementos e ferramentas para uma melhor compreensão do universo pessoano ou para uma leitura mais focada em determinados aspectos: abrimos novas perspectivas para um entendimento pessoal do divino, do espiritual, do simbólico. Aprendemos com Pessoa que a busca espiritual, mesmo que nunca possa ser finalizada, é válida por si só, que cada indivíduo tem uma demanda do Santo Graal particular e vale a pena levá-la a frente, como fez o poeta. Transformar a vida em caminho evolutivo, olhar a arte como algo que pode levar-nos ao transcendente, dentre outros pontos que levantamos nesse trabalho que finda, sempre será algo extraordinário.

Enfim, concluiremos utilizando o mesmo método que adotamos em boa parte desse trabalho, ou seja, invocando e evocando Fernando Pessoa, chamando nosso poeta ao texto

[99] Ibid. P. 54.

para que ele tenha aqui as últimas falas e, através delas, ratifique o que comentamos ao longo desse segmento destinado à conclusão do trabalho. As duas últimas citações, esperamos, podem servir como síntese de tudo que foi tratado aqui.

A primeira será uma curiosa anotação em inglês, presente no espólio do poeta, enumerando os grandes acontecimentos da vida de Pessoa:

> Every year ending in 5 has been important in my life.
> 1895 – Mother´s second marriage, result – Africa.
> 1905 – Return to Lisbon.
> 1915 – Orpheu.
> 1925 – Mother´s death.
> All are beginnings of periods (Esp.41a/2).
> (apud CENTENO, 1985)[100]

Como sabemos, Fernando Pessoa morre em 1935; terá sido, mais uma vez, um novo começo de período? Não será possível responder a essa pergunta, dessa maneira, concluiremos nosso trabalho assinalando outra citação que contém uma explicação do poeta sobre a preparação a ser feita antes do último momento:

> Em certo sentido somos todos Maçons, ou estamos a preparar-nos para ser Maçons, no templo desta alma imortal, ou na antecâmara deste mundo mortal. Tudo é não apenas símbolo e analogia, mas antecâmara e templo. (Esp. 53-8).[101]

[100] Ibid. P. 60.
[101] Ibid. P. 78.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1.Fontes primárias

5.1.1– De Fernando Pessoa

PESSOA, F.. *A Educação do Stoico*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. IX. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

_____. *A Procura da Verdade Oculta – Textos filosóficos e esotéricos*. Fernando Pessoa. (Prefácio, organização e notas de António Quadros.) Mem Martins: Publ. Europa-América, 1989 (2ª ed.).

_____. *Cadernos I*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. XI, tomo I. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

PESSOA, F.; CROWLEY, A. *Encontro Magick*. Compilação e considerações de Miguel Roza, Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

PESSOA, F. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Fernando Pessoa. (Introdução, organização e notas de António Quadros.) Lisboa: Publ. Europa-América, 1986a.

_____. *Escritos sobre Génio e Loucura*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VII. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

_____. *Fernando Pessoa et le Drame Symboliste*: Héritage et création. Maria Teresa Rita Lopes. Paris: F. C. Gulbenkian, 1977.

_____. *Livro de Versos . Fernando Pessoa*. (Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes.) Lisboa: Estampa, 1993.

_____. *Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Vol.I.* Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982.

_____. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934 (Lisboa: Ática, 10ª ed. 1972).

_____. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edição crítica, coordenador: José Augusto Seabra. Fundo de cultura econômica. 2ª Ed, Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALCA XX, 1996.

_____. *Obra em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli, Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986b.

_____. *Obra poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986c.

_____. *Obras de António Mora*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VI. Edição de Luís Filipe B. Teixeira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

_____. *Obras de Jean Seul de Méluret*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VIII. Edição de Rita Patrício e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.

_____. O Guardador de Rebanhos. In: *Poemas de Alberto Caeiro*. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

_____. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Fernando Pessoa. (Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1966, p-94.

_____. *Pessoa e Deus – Uma antologia de espiritualidade pessoana*. Edição de João Paulo Cruz. A Companhia da Palavra – Serviços Editoriais: Coimbra: 2010.

_____. *Pessoa por Conhecer - Textos para um Novo Mapa*. Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990.

_____. Poemas Inconjuntos". In: *Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa.* (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

_____. *Poemas Inconjuntos". Poemas Completos de Alberto Caeiro.* Fernando Pessoa. (Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha.) Lisboa: Presença, 1994.

_____. *Poesias de Álvaro de Campos. Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

_____. *Poesia profética mágica e espiritual* – poemas inéditos estabelecidos e comentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Edições Manuel de Lencastre, 1989.

_____. Poesias**.** Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995).

_____. *Sensacionismo e Outros Ismos*, Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.

_____. *Textos Filosóficos*. Vol. II. Fernando Pessoa. (Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho.) Lisboa: Ática, 1968.

5.2. Fontes teórico-críticas

5.2.1 – Sobre Fernando Pessoa

ARNAUT, A. *Fernando Pessoa e a Maçonaria*. Lisboa: Grêmio Lusitano, 2005.

BERARDINELLI, C. *Fernando Pessoa: outra vez te revejo*... Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

CARDOSO, P. Fernando Pessoa – Cartas Astrológicas. Lisboa: Bertrand Editora 2011.

CENTENO, Y. K. *5 Aproximações*, Lisboa, Ática, 1976.

_____. *Fernando Pessoa e a filosofia hermética*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

_____. *Fernando Pessoa: O amor, a morte, a iniciação*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1985.

_____. *Fernando Pessoa: Os Trezentos e outros ensaios*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

_____. *O pensamento esotérico de Fernando Pessoa*. Lisboa: Publicações Culturais Engrenagem, 1990.

CENTENO, Y.K.; Reckert, S., *Fernando Pessoa - Tempo, Solidão, Hermetismo*, Lisboa, Livr.Moraes, 1978.

COELHO, J. do P.. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa: Editorial Verbo, 1963.

COSTA, D. P. *O esoterismo de Fernando Pessoa.* Porto: Lelo & Irmão Editores, 1978.

CUSATIS, B. de. *Esoterismo, mitogenia e realismo político em Fernando Pessoa – Uma visão de conjunto.* Lisboa: Edições Caixotim, 2005.

GANDRA, M. J. *Drama em Gente: Heterónimos e Personalidades Literárias de Fernando Pessoa*. Instituto Mukharajj Edições. Rio de Janeiro: 2015.

GIL, J. *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2009.

LIND, G. R. *Estudos sobre Fernando Pessoa.* Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981.

LOURENÇO, A. A. *Fernando Pessoa. Mensagem.* Coimbra: Angelus Novus, 2008.

MATOS, J. de. *O pensamento maçônico de Fernando Pessoa.* Lisboa: Edição Hugin, 1997.

MARTINS; F. C.. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo português*. São Paulo: Editora Leya, 2010.

MESQUITA, A. *Fernando Pessoa. O ocultismo na obra poética*. Rio de Janeiro: Uapê, 1996.

MOISÉS, M. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

MONTEIRO, A. C. *A poesia de Fernando Pessoa.* Organização de José Blanco. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

OSAKABE, H. *Fernando Pessoa – resposta à decadência*. Curitiba: Cria Edições, 2002.

PAZ, O. O desconhecido de si mesmo – Fernando Pessoa. In: _____. *Signos em rotação.* São Paulo: Perspectiva, 1972. pp. 201-220.

QUADROS, A. *Fernando Pessoa – Vida, personalidade e génio.* 5ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984, 2000.

QUESADO, C. *Labirintos de um livro à beira-mágoa (Mensagem de Fernando Pessoa).* Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RIBEIRO, Rogério Mathias. *Esoterismo e Ocultismo em Fernando Pessoa: caminhos da crítica e de poética.* 2009. 97f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Letras. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SÁ-CARNEIRO, M. de. *Correspondência com Fernando Pessoa.* São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SILVA, A. da. *Do Agostinho em Fernando Pessoa*. Lisboa: Livraria e Distribuidora Ulmeiro LTDA, 1990.

_____. *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 1959.

SIMÕES, J. G. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. História de uma geração, 3ª ed., Lisboa: Livraria Bertrand, 1973.

TELMO, A. *História secreta de Portugal*. Lisboa: Editorial Vega, 1977.

VERNEX, J. *A maçonaria e Fernando Pessoa*. Porto: Edições Além, 1953

5.2.2 – Sobre outros temas

AGAMBEN, G.. *Profanações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

ANDRESEN, S. de M. B. *Dual: Obra poética*. Lisboa: Caminho, 2004.

BARBAULT, A. *Introdução à Astrologia*; tradução de Edison Darci Heldt. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARTHES, R. *A morte do autor.* O Rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BELL, Clive (1914), Arte, Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.2

BENOIST, L. *O esoterismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

BESANT, A. *A vida espiritual*. Brasília: Editora Teosófica: 1992.

BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

_____. *O espaço literário*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco. 2011.

_____. *O instante da minha morte*. Porto: Campos das Letras- Editores S.A., 2003.

BLAVATSKY, H. *A Chave Para a Teosofia*, Editora Teosófica, Brasília, 2004.

_____. *A voz do silêncio*; tradução de Fernando Pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1969.

BOUGNOUX, D. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: Edusc: 1999.

CÍCERO, A. *A poesia é um segredo dos deuses?* Folha de São Paulo. Disponível em <http://antoniocicero.blogspot.com/2007/05/poesia-um-segredo-dos-deuses.html>. Acesso em novembro de 2007.

_____. *Finalidades sem fim – ensaios sobre poesia e arte.* São Paulo: Companhia das Letras: 2005.

CROWLEY, A. Disponível em: <<http://www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/conteudo/uploads/2011/08/Aleister-Crowley-Os-Antecedentes-de-Thelema-Versao-1.0.pdf>>. Acessado em: 20/01/2016.

_____. Disponível em: <<www.thelema.com.br/espaco-novo-aeon/livros/al-o-livro-da-lei/>>. Acessado em: 20/01/2016.

ELIADE, M.. *O sagrado e o profano*. A essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

FARRA, M. L. D. *A alquimia da linguagem – leitura da cosmogonia poética de Herberto Helder*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Colecção Temas Portugueses, 1986.

FOUCAULT, M. *Ditos e escritos: Estética – literatura, pintura, música e cinema (vol.III)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

_____. *O que é um autor?* 5. ed. Alpiarça: Passagens, 2002.

FREUD, S. Animismo, magia e a onipotência dos pensamentos. In: _____. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GULLAR, F. *Uma faca na alma.* Folha de São Paulo. São Paulo, 16/09/2007. Folha Ilustrada, E10.

HERMANN, J. *No reino do desejado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOWARD, M. *A conspiração ocultista*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1994.

HUME, D. *Resumo de um tratado da natureza humana*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.

HUTIN, S. *História Geral da Alquimia*. São Paulo: Pensamento, 2010.

LEAL, R. de O. de S. *O sentido esotérico da História.* Lisboa: Livraria Portugal, 1970.

LEVY, T. S. *A experiência do fora – Blanchot, Foucault, Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MARTELO, R. M. *Em parte incerta – Estudo de poesia portuguesa moderna e contemporânea*. Porto: Campo das Letras, 2004.

MENDES, J. *Literatura portuguesa IV*. Lisboa: Editorial Verbo, 1979.

NETTESHEIM, H. C. A. de. *Três livros de Filosofia Oculta*. São Paulo: Madras Editora, 2008.

OKEN, A. *O horóscopo: sua viagem astrológica*. Tradução de Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PAZ, O. *O arco e a lira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PIGNATARI, D. Semiótica e Literatura. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

POE, E. A. *Poemas e ensaios*. Tradução de Oscar Mendes, Milton Amado. Revisão e notas de Carmen Vera Cirne. 2ª ed, Rio de Janeiro: Globo, 1987.

REIS, C. *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Almedina: 1995.

RIMBAUD, A.; LAUTRÉAMONT; CORBIÈRE, T.; CROS, C. Oeuvres poétiques complètes. Paris: Robert Lafont.

RORIZ, A. *O desejado – A fascinante história de Dom Sebastião*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SARAIVA, J. H. *História concisa de Portugal*. 19ª Ed, Mem Martins: Publicações Europa-América, 1998.

SARAIVA, M. *Dom Sebastião na história e na lenda*. Lisboa: Universitária Editora, 1994.

SHELLEY, P. B; SIDNEY, P. *Defesas da poesia*. Ensaio, tradução e notas de Enid Abreu Dobránszky. São Paulo: Iluminuras, 2002.

VIEIRA, A. *Sermões* , Padre Antônio Vieira, Erechim: Edelbra, 1998.

WESTCOTT, W. W. *Os poderes ocultos dos números*. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.

6. ANEXO

POEMAS ESOTÉRICOS
FERNANDO PESSOA

Iniciação

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.
.....
O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.
Vem a noite, que é a morte
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.
Mas na Estalagem do Assombro
Tiram-te os Anjos a capa.
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.
Então Arcanjos da Estrada
Despem-te e deixam-te nu.
Não tens vestes, não tens nada:
Tens só teu corpo, que és tu.
Por fim, na funda caverna,
Os Deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.
.....

A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não estás morto, entre ciprestes.
.....
Neófito, não há morte.[102]

Do vale à montanha

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por casas, por prados.
Por quinta e por fonte,
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por penhascos pretos,
Atrás e defronte,
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por plainos desertos

---

[102] PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986c, p. 95.

Sem ter horizontes,
Caminhais libertos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por ínvios caminhos,
Por rios sem ponte,
Caminhais sozinhos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por quanto é sem fim,
Sem ninguém que o conte,
Caminhais em mim.[103]

Na sombra do Monte Abiegno
Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegno.

Quando fora amor ou vida,
Atrás de mim o deixei,
Quando fora desejá-los,
Porque esqueci não lembrei.

---

[103] Ibid. P. 96.

À sombra do Monte Abiegno
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte
Da força ou da abdicação,
Tentarei o alto caminho
Por onde ao Castelo vão.
Na sombra do Monte Abiegno
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso
Com o Castelo a chamar?
Está no alto, sem caminho
Senão o que há por achar.
Na sombra do Monte Abiegno
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,
Porque é sono o não saber.
Olho o Castelo de longe,
Mas não olho o meu querer.
Da sombra do Monte Abiegno
Que me virá desprender?[104]

No Túmulo de Christian Rosenkreutz

I

Quando, despertos deste sono, a vida,
Soubermos o que somos, e o que foi

[104] Ibid.

Essa queda até corpo, essa descida
Ate á noite que nos a Alma obstrui,

Conheceremos pois toda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?
Não: nem na Alma livre é conhecida...
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui

Deus é o Homem de outro Deus maior:
Adam Supremo, também teve Queda;
Também, como foi nosso Criador,

Foi criado, e a Verdade lhe morreu...
De Além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
Aquém não há no Mundo, Corpo Seu.

II

Mas antes era o Verbo, aqui perdido
Quando a Infinita Luz, já apagada,
Do Caos, chão do Ser, foi levantada
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e ungido,
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Então, senhores do limiar dos Céus,
Podemos ir buscar além de Deus
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;

Não só de aqui, mas já de nós, despertos,

No sangue actual de Cristo enfim libertos
Do a Deus que morre a geração do Mundo.

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?
Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser: mas como, aqui, a porta aberta?
.....

Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Rosaecruz conhece e cala.[105]
"Nesta vida, em que sou meu sono,
Não sou meu dono,
Quem sou é quem me ignoro e vive
Através desta névoa que sou eu
Todas as vidas que eu outrora tive,
Numa só vida.
Mar sou; baixo mergulho ao alto rujo,
Mas minha cor vem do meu alto céu,
E só me encontro quando de mim fujo.

[105] Ibid. P. 124.

Quem quando eu era infante me guiava
Senão a vera alma que em mim estava?
Atada pelos braços corporais,
Não podia ser mais.
Mas, certo, um gesto, olhar ou esquecimento
Também, aos olhos de quem bem olhasse
A Presença Real sob o disfarce
Da minha alma presente sem intento."[106]

Eros e Psique

...E assim vêdes, meu Irmão, que as verdades
que vos foram dadas no Grau de Neófito, e
aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto
Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.

(Do Ritual Do Grau De Mestre Do Átrio
Na Ordem Templária De Portugal)

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.
Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

[106] Ibid. P. 438.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.
Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado,
Ele dela é ignorado,
Ela para ele é ninguém.
Mas cada um cumpre o Destino
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.
E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,
E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.[107]

Gita
(Raul Seixas)

Eu que já andei pelos quatro cantos do mundo procurando

[107] Ibid. P. 115.

Foi justamente num sonho que Ele me falou

Às vezes você me pergunta
Por que é que eu sou tão calado
Não falo de amor quase nada
Nem fico sorrindo ao teu lado

Você pensa em mim toda hora
Me come, me cospe, me deixa
Talvez você não entenda
Mas hoje eu vou lhe mostrar

Eu sou a luz das estrelas
Eu sou a cor do luar
Eu sou as coisas da vida
Eu sou o medo de amar

Eu sou o medo do fraco
A força da imaginação
O blefe do jogador
Eu sou, eu fui, eu vou

Gita! Gita! Gita!
Gita! Gita!

Eu sou o seu sacrifício
A placa de contra-mão
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição

Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou a beira do abismo

Eu sou o tudo e o nada

Por que você me pergunta?
Perguntas não vão lhe mostrar
Que eu sou feito da terra
Do fogo, da água e do ar

Você me tem todo dia
Mas não sabe se é bom ou ruim
Mas saiba que eu estou em você
Mas você não está em mim

Das telhas, eu sou o telhado
A pesca do pescador
A letra A tem meu nome
Dos sonhos, eu sou o amor

Eu sou a dona de casa
Nos pegue pagues do mundo
Eu sou a mão do carrasco
Sou raso, largo, profundo

Gita! Gita! Gita!
Gita! Gita!

Eu sou a mosca da sopa
E o dente do tubarão
Eu sou os olhos do cego
E a cegueira da visão

Eu!
Mas eu sou o amargo da língua
A mãe, o pai e o avô

O filho que ainda não veio

O início, o fim e o meio

O início, o fim e o meio

Eu sou o início

O fim e o meio

Eu sou o início

O fim e o meio.

[108]

[108] https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48312/. Acesso em 06/09/2016.